

**Norval Batista Cruz**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO DA FACULDADE DE EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO**

**CONSCIÊNCIA CORPORAL E ANCESTRALIDADE AFRICANA: Conceitos  
Sociopoéticos Produzidos por Pessoas de Santo**

**Fortaleza  
2009**

"Lecturis saltem"

Ficha Catalográfica elaborada por  
Telma Regina Abreu Camboim – Bibliotecária – CRB-3/593  
tregina@ufc.br  
Biblioteca de Ciências Humanas – UFC

C963c

Cruz, Norval Batista.

Consciência corporal e ancestralidade africana [manuscrito] : conceitos sociopoéticos produzidos por pessoas de santo / por Norval Batista Cruz. – 2009.

200 f. : il. ; 31 cm.

Cópia de computador (printout(s)).

Dissertação(Mestrado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Fortaleza(CE), 25/03/2009.

Orientação: Prof<sup>ª</sup>. Dr<sup>ª</sup>. Sandra Haydée Petit.

Inclui bibliografia.

1-CANDOMBLÉ – BRASIL.2-IMAGEM CORPORAL.3-ANCESTRALIDADE AFRICANA. 4-DANÇAS AFRO-BRASILEIRAS.5-CULTURA AFRO-BRASILEIRA.6-EDUCAÇÃO POPULAR. I-Petit,Sandra Haydée,orientador. II.Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Educação.III-Título.

CDD(22<sup>a</sup> ed.) 299.6730981

66/09

Norval Batista Cruz

**CONSCIÊNCIA CORPORAL E ANCESTRALIDADE AFRICANA: Conceitos Sociopoéticos  
Produzidos por Pessoas de Santo**

**Dissertação de Mestrado apresentada ao  
Programa de Pós-Graduação em Educação,  
Faculdade de Educação, Universidade Federal  
do Ceará, área de concentração Movimentos  
Sociais, como requisito parcial à obtenção do  
título de Mestre em Educação.**

Orientadora: Profa. Dra. Sandra Haydée Petit

Fortaleza

2009

Norval Batista Cruz

CONSCIÊNCIA CORPORAL E ANCESTRALIDADE AFRICANA: Conceitos Sociopoéticos  
Produzidos por Pessoas de Santo

**Dissertação de Mestrado submetida ao  
Programa de Pós-Graduação em Educação,  
Universidade Federal do Ceará, como requisito  
parcial à obtenção do título de Mestre em  
Educação e aprovação pela seguinte banca  
examinadora:**

---

Profa. Dra. Sandra Haydée Petit  
Universidade Federal do Ceará

---

Prof. Dr. Jacques Gauthier  
Universidade Federal da Bahia

---

Prof. Dr. Henrique Cunha Júnior  
Universidade Federal do Ceará

Fortaleza  
2009

Dedico essa pesquisa, em memória, à minha bisavó Bárbara,  
às minhas avós Isabel e Nanega  
e à minha mãe Pirrucha:  
mulheres que me ensinaram a ser o guerreiro que sou!

## AGRADECIMENTOS

Como afrodescendente, aproprio-me nesse momento da ancestralidade para fazer meus agradecimentos àqueles que, com seus corpos, com suas energias sutis contribuíram para que esse trabalho se materializasse.

A Exu pela abertura dos caminhos que até então venho trilhando.

A Xangô, dono do meu Orí, guerreiro e justiceiro que protege a mim, a esta casa, a todos os meus familiares, a minha mãe de santo, ao meu terreiro, aos meus amigos.

Ao meu pai, Norberto Xavier Cruz, que, com paciência, carinho e muito amor, me iniciou nas trilhas ecológicas nas serras do Morro do Chapéu, a nadar no Poço do Homem e, que hoje, à distância, sempre traz, pelo telefone, os incentivos para que eu continue o meu trabalho de corpo.

Aos meus queridos irmãos: Valberto, pelas longas conversas sobre as questões da espiritualidade;

Valdir, pelas trocas de treinamentos de ciclismo;

Nordiva pelo carinho e ensinamentos de pratos maravilhosos da cozinha vegetariana;

Norival (in memoriam)

e Norberval pelas discussões sobre o yoga;

Aos meus lindos filhos: Rosana pelo apoio no gerenciamento da minha cidadania e pelas cobranças incansáveis para que eu terminasse esse trabalho;

Vinicius pelos “puxões de orelha” no papa;

Rono por transmitir a mim vitalidade e desafios;

Raiza pelas brincadeiras de criança e por acreditar no vegetarianismo;

A Mãe Valéria de Logunedé, minha querida mãe de santo, Ialorixá do Terreiro Ilé Axé Omo Tifé, pelo carinho, amor e apoio espiritual que sempre dispensou a mim.

A minha companheira Carol, com paixão e amor, agradeço pelo apoio, pelo incentivo, pela admiração e amor que tem por mim, pela paciência em conviver com o silêncio e minha ausência durante os últimos dias do término deste trabalho;

A Rosedalva enquanto mãe incansável dos meus três primeiros filhos;

A Maryvone pela convivência, por ser mãe da Raiza e pela colaboração impagável na construção do Tempo Livre – Espaço de Consciência Corporal e Ancestralidade Africana.

A D. Luiza e Jacira, referências ancestrais para as minhas vivências, obrigado por estarem bem próximas a mim.

A Maria do Desterro, pela dedicação integral à missão do Tempo Livre e pelos pratos saborosos apresentados nas vivências culinárias desta Casa;

A Valéria Campos pelo carinho, amor e cuidados a mim e a todos que faz o Tempo Livre;

A Maria de Fátima Freitas pelo interesse e identificação à causa da Casa e pela digitação e revisão dos textos desta dissertação.

A Edivone Meire, com carinho, pela identidade com meu trabalho e formatação desta pesquisa;

A Ana Paula pela ajuda e doações feitas a nossa Casa;

A Lucia pelos momentos de dedicação e amor a mim e ao Espaço Tempo Livre;

A Claudia Guilherme pelos momentos de convivência e discussões sobre os destinos do Tempo Livre;

A Gorete, Isabel, Cirlene, Alexandre e Eridan que com seus trabalhos cuidadosos sempre deixaram a Casa estruturada para receber os clientes e visitantes;

A todos que passaram e fazem a Equipe Corpo Inteiro (Alaíde, Alexandre, Antonio, Ari Denílson, Desterro, Erandi, Fatinha, Maia, Getulio, Henrique, Isabel, Jacira, Jaime, Jeová, João Alcântara, João Felix, João Batista, José Alexandro, Moura, Lopes, Lorena, Lucia, Liliane, Patrícia, Raimundo, Rosana, Sandro, Valdemar, Brainer, Valeria, Willian Zilma,) pelos momentos de integração, relaxamento e treinamentos realizados;

A todos que fazem o grupo do Parque do Cocó, do Parreão e do Lago Jacarey;

Ao meu irmão de santo, Ogâ Armando, enquanto professor do GCAP (Grupo de Capoeira Angola Pelourinho), que, em suas aulas, sempre me passou ensinamentos alusivos à ancestralidade africana.

A Jorge Conceição pelos momentos de discussão sobre o vegetarianismo e as vivências em massoterapia.

A Adailton pelos momentos de culinária vegetariana.

A Luiz Alberto, meu primeiro técnico em atletismo;

A Admilson Santos (Ad) pelos ensinamentos sobre a vida e uma das práticas mais ancestrais da humanidade – a corrida.

A Negra Joh, minha irmã de santo, admiradora e a mulher que faz a minha cabeça.

Ao Duda, pela amizade construída a ferro e fogo, pela convivência na casa durante a sua tese de doutorado e pelas discussões sobre a filosofia da ancestralidade.

Ao Mestre Bamba com carinho, pelos ensinamentos sobre a dança afro e a capoeira regional;

A todos os irmãos e irmãs de santo do meu Terreiro de Candomblé Ilé Axé Omo Tifé que sempre me acolheram e aceitaram as minhas ausências durante a confecção deste trabalho;

Aos co-pesquisadores (Éden, Murah, Kein, Fumi, Alaim, Valéria, Fatinha, Isalé, Ossaim, Elane, Romário, Lindemberg, Fabrício, Rafael) pela contribuição, dedicação, interesse por esta pesquisa;

Aos meus clientes que, nos atendimentos, sempre deixaram dicas que serviram para o enriquecimento da minha dissertação;

Aos meus amigos, alunos, que nos encontros grupais me proporcionaram reflexões para o enriquecimento deste trabalho;

Finalizo agradecendo ao Professor Henrique pelas orientações recebidas e apoio à minha casa de trabalho;



Ao Jacques Gauthier, meu irmão de santo, pelo carinho incentivo à leitura;

E à minha querida orientadora e amiga incansável, dedicada e identificada com o meu trabalho, que jamais mediu esforços para a concretização dessa dissertação. Nas situações de céu e de inferno, emocionada com as descobertas que fazíamos juntos, ela, entusiasmada, em constante estado de potência, num eterno devir guerreira, trazia sua energia para o coração deste trabalho. Com amor, agradeço de corpo inteiro.

## RESUMO

Este estudo apresenta os conceitos sociopoéticos produzidos por uma comunidade de terreiro de candomblé, Ilê Axé Omo Tifé, localizada no bairro de Jangurussu, na periferia de Fortaleza-Ce. O tema gerador da pesquisa é consciência corporal e ancestralidade africana. Noto que, apesar dos terreiros de candomblé, em princípio estarem mais conectados com a cultura de matriz africana, nem sempre se encontra uma prática de consciência corporal associada à ancestralidade africana e às vezes, há uma dificuldade de conexão entre as práticas religiosas e as dimensões corporais da cosmovisão africana. Diante deste contexto, neste estudo procuro responder a seguinte pergunta: Quais os conceitos que as pessoas de santo produzem a respeito da consciência corporal e da ancestralidade africana e a relação entre os mesmos? Outra pergunta é: até que ponto as pessoas de santo produzem conceitos que escapam dos valores eurocêntricos racionalistas? O método utilizado foi o sociopoético, onde o grupo alvo da pesquisa se transforma em co-pesquisadores/as do tema, participando com o pesquisador oficial de todo o processo da investigação, objetivando produzir *confetos* (conceitos perpassados de afetos, sentimentos e emoções que apresentam sentidos desterritorializados). Nesta pesquisa, o grupo foi formado por dez pessoas entre *iaôs*, (iniciados) *abiãs* (pré-iniciados) e *ogans* (auxiliares da Mãe de Santo). Um dos princípios da sociopoética é o corpo enquanto fonte de conhecimento, por isso recorre-se a vivências e técnicas artísticas, visando aguçar os cinco sentidos e a imaginação. Nesta pesquisa realizei três vivências com o grupo. A primeira foi a vivência lunar, efetuada à noite, na Abreulândia, numa região agreste, com mar, dunas, lagoas, mangues e matas. Foi um ritual. Fizemos caminhadas, acessamos bases ancestrais (cócoras, movimentos dos animais, rastejamentos, descidas invertidas em dunas, reverências aos elementos da natureza, etc.). A segunda vivência foi a dança africana onde, após o momento de relaxamento, o grupo realizou movimentos individuais e coletivos de auto-percepção e danças de várias partes da África e sua diáspora. A terceira vivência foi com argila. Com os olhos vendados, os co-pesquisadores produziram esculturas. A partir dessas vivências, eles construíram confetos relativos ao tema gerador, tais como: **ancestralidade raiz** (saberes da tradição oral), **homem terra** (aquele que senta seu ânus no chão ao contrário do homem moderno que senta na cadeira), **rasgar a natureza** (destruição da natureza), **exu impulso** (energia que joga para frente e faz as coisas se movimentarem), **corpo sinuosidade** (movimento estático, porém circular), **água-fogo** (sensação de fogo dentro da água gelada). Concluo que esta pesquisa produziu conceitos surpreendentes, desterritorializados dos valores eurocêntricos e dos chavões, gerando na minha pessoa um sentimento de felicidade e prazer, por ter me apropriado, junto com o grupo, das energias vivas da nossa ancestralidade.

## ABSTRACT

This study presents the concepts Sociopoética produced by a community of terreiro of Candomblé, Ile Axé Tifé Omo, located in the district Jangurussu, on the outskirts of Fortaleza-Ce. The theme is the search for body awareness and African ancestry. I note that despite the terraces of Candomblé in principle be more connected with the culture of African matrix, is not always a practice of body awareness associated with African ancestry and sometimes there is a problem of connection between religious practices and dimensions body of the African worldview. In this context, this study attempts to answer the following question: What are the concepts that people have about the saint's body and consciousness of African ancestry and the relationship between them? Another question is: to what extent people have concepts of holy figures beyond the Eurocentric rationalists? The method used was Sociopoética, where the target group of research becomes co-pesquisadores/as the topic, participating in the research officer of the whole process of research, to produce confetti (permeated concepts of affection, feelings and emotions that have deterritorialized senses). In this research, the group was formed by ten people between iaôs, (started) abiãs (pre-start) and ogans (auxiliary of the Holy Mother). One of the principles of Sociopoética is the body as a source of knowledge, so it uses the experiences and artistic techniques, to sharpen the five senses and imagination. This research made three experiences with the group. The first experience was the moon, made at night, in Abreulândia in a rough area, with sea, dunes, lagoons, swamps and forests. It was a ritual. We took walks, accessed databases ancestors (squatting, movements of animals, crawling, reverse declines in dunes, reverence to the elements of nature, etc). The second experience was the African dance, where, after a moment of relaxation, the group performed movements of individual and collective self-perception and dances from various parts of Africa and its diaspora. The third experience was with clay. With blindfolded, the co-researchers produced sculptures. From these experiences, they built on the theme confetti generator, such as root ancestry (knowledge of oral tradition), human land (that sit your ass on the ground unlike the modern man who sits in the chair), rip the type (destruction of nature), Exú thrust (power forward who plays and does things are moving), body sinuosity (static movement, but circular), water-fire (feeling of fire inside the water ice). I conclude that this research produced surprising concepts, values deterritorialized Eurocentric and phrases, creating in me a feeling of happiness and pleasure for me to have appropriate, with the group, the live energy of our ancestry.

**CONSCIÊNCIA CORPORAL E ANCESTRALIDADE AFRICANA:**  
Conceitos Sociopoéticos Produzidos por Pessoas de Santo

**SUMÁRIO**

<b>APRESENTAÇÃO</b> .....	13
<b>1 PONTO DE PARTIDA DA PESQUISA</b> .....	18
1.1 Motivações pessoais e problemática .....	18
<b>2 REFLEXÕES INICIAIS</b> .....	24
2.1 Sobre o corpo na ancestralidade africana .....	24
2.2 Sobre Consciência Corporal .....	28
2.3 Sobre a relevância do corpo na Educação Popular .....	30
<b>3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO SOCIOPOÉTICO</b> ....	32
<b>4 PRIMEIRO MOMENTO DA PESQUISA: VIVÊNCIA LUNAR</b> .....	37
4.1 Como nasceu e acontece comumente .....	37
4.2 Descrição da vivência lunar com o grupo – as primeiras produções .....	39
4.3 Verbalizações do primeiro momento da pesquisa .....	41
4.4 Análise classificatória do primeiro momento: as categorias encontradas .....	64
4.4.1 Sensações e sentimentos .....	64
4.4.2 Natureza .....	67
4.4.3 Orixás/Candomblé .....	69
4.4.4 Corpo .....	71
4.4.5 Ancestralidade .....	74
4.5 Quilombo ancestral .....	76
<b>5 SEGUNDO MOMENTO DA PESQUISA: DANÇA AFRO</b> .....	84
5.1 Como nasceu e como acontece comumente .....	84
5.2 Como aconteceu com o grupo .....	87
5.3 Verbalizações do segundo momento da pesquisa .....	87
5.4 Análise classificatória do segundo momento da pesquisa: categorias encontradas ....	101
5.4.1 Liberdade .....	101
5.4.2 Construção e desconstrução .....	101

5.4.3 Transcendência .....	102
5.4.4 Prazer/Alegria .....	103
5.4.5 Desmanchar .....	104
5.4.6 Bolo .....	106
5.4.6 Percepção do corpo .....	107
5.4.7 Candomblé .....	109
5.5 Ancestralidade no mangue .....	110
<b>6 TERCEIRO MOMENTO DA PESQUISA: VIVÊNCIA DA ARGILA .....</b>	<b>115</b>
6.1 Como aconteceu com o grupo .....	115
6.2 Análise plástica das produções de argila .....	117
6.3 Verbalizações da vivência com argila .....	122
6.4 Análise classificatória da vivência com argila: categorias encontradas .....	138
6.4.1 Representações .....	138
6.4.2 Religiosidade/Orixás .....	141
6.4.3 Ancestralidade .....	143
6.4. Corpo/Movimento .....	146
6.4.5 Sentimentos/Sensações .....	148
6.5 Surfistas ecológicos .....	150
<b>7 ANÁLISE FILOSÓFICA .....</b>	<b>156</b>
7.1 Trilhando entre a ancestralidade e a modernidade .....	156
<b>8 CONSIDERAÇÕES FINAIS .....</b>	<b>172</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>174</b>
<b>GLOSSÁRIO .....</b>	<b>177</b>
<b>APÊNDICE A – Contra-análise da vivência da dança afro .....</b>	<b>184</b>
<b>APÊNDICE B – Contra- análise da vivência das dunas .....</b>	<b>191</b>
<b>APÊNDICE C - Contra-análise da vivência da argila .....</b>	<b>195</b>

## APRESENTAÇÃO

*A terra começou a morrer  
no momento em que começamos a querer ser outros,  
de outra existência, de outro lugar.  
Mia Couto*

Esta pesquisa apresenta os conceitos sociopoéticos produzidos por uma comunidade de terreiro acerca do tema gerador consciência corporal e ancestralidade africana.

Realizei minha pesquisa no Terreiro Ilé Axé Omo Tifé do qual eu sou *Ogan Sarapembé*<sup>1</sup>. Essa casa, que tem 30 anos de existência, fica localizada no bairro do Jangurussu, periferia do município de Fortaleza. Tem na sua direção a Mãe Valéria de Logunedé, *Ialorixá* com trinta anos de iniciação, e possui 04 *Ogans*, 02 *Ekedis* e aproximadamente 35 filhos e filhas de santo.

Vejo um referencial da cultura de matriz africana cada vez mais presente em Fortaleza, mas que, no entanto, apresenta algumas contradições já que nem sempre se percebe uma conexão da religiosidade praticada nesses espaços com a ancestralidade africana, por vezes impedindo inclusive, que se acesse a consciência corporal, realidade essa que problematiza o assunto.

O método escolhido foi o sociopoético por trazer nos seus princípios

o corpo como fonte de conhecimento, a importância das culturas dominadas e de resistência, das categorias e dos conceitos que elas produzem, o papel dos sujeitos pesquisados como co-pesquisadores, o papel da criatividade e da arte e a importância do sentido espiritual, humano, das formas e dos conteúdos no processo de construção dos saberes (GAUTHIER, 1999, p. 11).

Considerarei importante e relevante recorrer a esse novo método de investigação por tratar-se de uma proposta includente, uma vez que o grupo-alvo é convidado a formar um coletivo de investigação junto com o pesquisador oficial – o grupo pesquisador.

---

<sup>1</sup> Cargo hierárquico masculino do terreiro de candomblé que desenvolve função de relacionamento com o mundo exterior.

O grupo pesquisador foi constituído por mim e oito co-pesquisadores entre *Ogans*, *Ekedis*, *Iaôs* e *Abian* que são os frequentadores mais próximos dos rituais da Casa. Com eles realizei três vivências, entre outubro e dezembro de 2007. A primeira que chamei de vivência lunar, aconteceu numa região agreste da Abreulândia, a segunda foi a dança afro no Espaço Tempo Livre de Consciência Corporal e Ancestralidade Africana, e a última foi a vivência da argila que teve lugar no referido terreiro.

A minha dissertação é formada pelos seguintes capítulos: O capítulo I é o Ponto de Partida que contém as minhas *Motivações Pessoais*, a problemática, as reflexões iniciais e uma descrição geral do método sociopoético.

Seguem-se três capítulos, respectivamente das três vivências realizadas. Nesses capítulos mostro primeiro a maneira como foi realizada a vivência e a verbalização que o grupo fez ao falar de suas associações com o tema gerador. Em seguida, vem a análise classificatória, onde eu mostro as categorias encontradas na transcrição das verbalizações. Por fim, apresento o estudo transversal, que traz, sob forma literária de conto, as ligações das categorias entre si, com destaque aos confetos (conceitos perpassados de afeto) produzidos pelos co-pesquisadores.

A vivência lunar gerou o texto **Quilombo ancestral**. A vivência da dança afro gerou o texto **Ancestralidade no mangue**. A vivência da argila gerou o texto **Surfistas Ecológicos**.

Os textos literários produzidos foram inspirados, a principio, no meu estilo de vida que passa diuturnamente pelo convívio com a nossa Mãe Natureza. A riqueza dos *confetos* produzidos pelos co-pesquisadores foi um estímulo à minha intuição e o estilo literário em forma de conto potencializou minha criatividade.

Outro elemento importante foi o prazer de estar fazendo sempre o trânsito entre a ancestralidade africana e a modernidade nos enredos que eu criei. Assim, procurei sempre aproveitar o enredo para trazer uma reflexão acerca do descaso dos seres humanos e das políticas governamentais com relação à preservação ambiental.

O estudo encerra-se com a análise filosófica que traz os *confetos* do grupo em diálogo com autores da área da pesquisa. Conforme o propósito da sociopoética aconteceu um diálogo entre o popular e o erudito, o popular representado pelo grupo co-pesquisador e o erudito pelos

autores da área. Para valorizar os *confetos* escolhi o estilo literário, em forma de conto, inspirado na dissertação da Rebeca Alcântara, que apresentou sua defesa no nosso espaço Tempo Livre.

Aproximar o imaginário do real foi um dos meus dos meus desejos. Assim, na análise filosófica fiz uma viagem ao continente africano, criando um simpósio de filosofia fictício com mestres, *griots*, populares e filósofos das mais diversas tendências, imaginando a realização concreta dos princípios da ancestralidade africana, propiciando um encontro diferente, descontraído, despreocupado do tempo e das tecnologias. Por isso, danças, cânticos, tambores e gargalhadas não faltaram em todo o enredo.

Por fim, em anexo, encontram-se as contra-análises feitas, que foram os momentos de socialização dos resultados, mediante apresentação dos estudos transversais na forma de contos.



## ORIKI DE XANGÔ

Xangô, falo de elefante  
 Senhor da mata sagrada  
 Senhor do pavor  
 Que ale por mil.  
 Quando Xangô chega  
 O chefe da casa corre  
 Atrás de carneiro.  
 Xangô que trova trovões  
 Luta como leopardo  
 Castiga e é aplaudido  
 Trai a casa do traidor.  
 Deus que deflagra a guerra  
 Alafim de Oió  
 Deus que não aceita desfeita  
 Marido de Oiá  
 Kabiessi ô.  
 Raio que racha pilão  
 Fera do olho-armadilha  
 Dançando ao bater do bata.  
 Raio que rasga o chão  
 Leopardo lá no alto  
 Fuzilando com seu raio  
 Filho de oraniã,  
 Bruxo do felino preto.  
 Senhor do axé na palavra  
 Quando fala, a cidade cala.  
 Xangô, falo de elefante  
 Que a xota fraca  
 Não suporta  
 Xangô do machado sagrado  
 Avança na seca e na chuva  
 Rei que nunca recua  
 Meu olho te respeita.  
 Alisa tua lâmina quem é louco.  
 Rei em brasa, corpo de fonalha  
 Que ouve o elefante barrir – e sorrir.  
 Pai dos pais de gêmeos  
 Aquele que vê tudo tremer – e sorri.  
 Aquele que sorri  
 Sem mover o lábio.  
 Aquele que pune mãe e filho  
 Aquele que ninguém carrega.  
 Leopardo de Oió

Que se lava em sangue de carneiro  
 Que come duzentos orobôs por dia  
 Que descola os dedos da mulher  
     Que não lhe deu amalá  
     E que amalá não mais fará.  
 Todos – com pratos e prantos  
     Pedem perdão a Xangô  
     Pela mulher do amalá.  
 Kabiessi, não provoquem Xangô.  
 O Rei não aceita desculpas.  
 Abalador, bebe azeite como água  
     Bebe sangue como vinho  
     Vai ao orum quando quer.

... ..

    leopardo de olhar fixo  
     que assusta o caçador.  
 Dono do labá que nos abala.  
 Aquele que não dá passagem a Exu. Rei leopardo.  
 Quando fala, os conselheiros calam.  
     Não me gele teu olhar de fogo.  
     Amigo do raio  
     Tranqüilo ou intranqüilo  
     Orixá veloz como o vento.  
     Orixá forte e feroz  
     Árvore que não morre.

(MOA, In RISERIO, p.104-110)

## **1 PONTO DE PARTIDA DA PESQUISA**

### **1.1 Motivações pessoais e problemática**

Esta dissertação tem como tema central a relação entre a Consciência Corporal e a Ancestralidade Africana tal como conceituada por pessoas de santo (de terreiro de candomblé). Como PESQUISADOR, NEGRO, HOMEM, ATLETA, NATURISTA E BAIANO é que entrelaço minha pesquisa com minha história, pois toda justificativa tem um traço de biografia. Por isso, considero relevante revelar como foram surgindo para mim os questionamentos relativos à Consciência Corporal e à Ancestralidade Africana.

Aos 21 anos de idade tive contato com o atletismo, chegando a ser campeão baiano de corridas de rua. Influenciado com o título, montei a primeira corrida de rua entre os moradores da nossa república e amigos íntimos. Nessa época, já questionava a forma de gerenciamento das provas de pedestrianismo e a influência do modelo militar nos referidos eventos.

Em 1989 fiz o curso de Educação Física, em Salvador, pela Universidade Católica. Nesse período, houve dois contatos importantes: com o professor de matemática Wilson, que me apresentou a Ialorixá Constância, que me iniciou ao candomblé. O segundo contato foi com o professor de geografia humana Jorge Conceição, também em Salvador, quando trocamos experiências nas áreas da nutrição vegetariana e da massoterapia numa perspectiva da ancestralidade africana. Sendo do MNU (Movimento Negro Unificado), Jorge Conceição foi a pessoa que me trouxe profundas reflexões acerca do Ser Negro e dos movimentos negros nacional e internacional.

Mais tarde, trabalhei no Banco do Nordeste, no setor de saúde, onde detectei muitas patologias<sup>1</sup> criando assim o Projeto de Consciência Corporal do Funcionalismo do BNB.

A partir de 1995, fui trabalhar no Tempo Livre-Espaço de Consciência Corporal e Ancestralidade Africana, onde, enquanto terapeuta corporal e facilitador de grupos, tenho feito vivências abordando temáticas ancestrais como a Dança Africana, a Percussão Tribal, as trilhas

ecológicas em serras, dunas, trilhas noturnas em Lua Cheia, as corridas rústicas e vivências da culinária vegetariana, onde o corpo convive com as mais diversas posições e planos, desconstruindo as formas lineares do cotidiano moderno.

Nesses dez anos de contato com esta abordagem, tenho tido vários depoimentos de pessoas que mudaram suas formas de ser e estar no mundo. A sensação de auto-conhecimento, de apropriação e controle do seu próprio corpo, sentimento de potência, elevação da auto-estima, aumento da espontaneidade e da criatividade, abertura para diversidade e a transversalidade das culturas e um bem estar digno de pessoas apaixonadas. O Tempo Livre seduz e assedia as pessoas a se apropriarem de si mesmas através do corpo e da ancestralidade africana.

Diante desta experiência, tenho notado que, de forma geral, os movimentos sociais não estão se preocupando com o corpo, negam sua existência, não o colocam em movimento, não o percebem como canal de conhecimento, não conhecem a linguagem não-verbal, enfatizando por demais a racionalidade, enfim, não têm consciência corporal.

Consciência corporal é reconhecer o corpo como centralidade para todas as suas ações no mundo. É transitar entre o pensar e o sentir, é perceber o corpo na relação íntima com a natureza. É ter auto-percepção; reconhecer sinais do corpo, a linguagem do corpo, o que ele fala.

Observo também a ausência de conteúdos da ancestralidade africana, na sua plenitude, nas práticas e nas referências teóricas dos movimentos sociais, inclusive, às vezes, daqueles que pretendem relacionar-se com a cultura negra nos seus aspectos sócios-políticos – Movimento Negro, Grupos de Dança Afro, Terreiros, Associações. Decerto existem algumas exceções importantes tais como o Ilê Ayê na Bahia, o Grupo Geledés no Rio de Janeiro e em São Paulo, etc.

Nas duas dimensões, tanto a da Consciência Corporal como a da Ancestralidade Africana, nota-se a negação do corpo. Assim ao se negar a centralidade do corpo, tende-se a um afastamento da Consciência Corporal e da Ancestralidade Africana. Vejo que até mesmo nos espaços alternativos que trabalham com a cultura negra, tais como grupos afros e entidades do movimento negro, tampouco existe a consciência corporal e a sua conexão com a ancestralidade africana.

Num encontro de entidades negras no Rio de Janeiro, em 2004, tive a oportunidade de aplicar uma técnica de percepção da flexibilidade. Nesse momento, constatei que a maioria dos corpos estava rígida e tensa, caracterizando a dicotomia mente-corpo. À pergunta: “desenvolvem alguma prática corporal?” Quase todos os participantes responderam que não. Percebi que houve vários estranhamentos: a presença de um movimento corporal num Encontro Científico, o desconhecimento de sua própria rigidez diante dos movimentos que apresentei: o cócoras, a flexão de tronco e a extensão dos ombros. Em se tratando de pessoas negras, noto que o estranhamento causado é reflexo, tanto da falta de consciência corporal como do distanciamento da ancestralidade africana.

Nos movimentos sociais em geral, constato que são raras as preocupações com o corpo. Ao visitar, por exemplo, uma ONG de economia solidária, voltada para a geração de emprego e renda de jovens da periferia, questionei quais são suas práticas corporais e de lazer. Os jovens me informaram que não realizavam essas práticas e que não existia um programa de qualidade de vida, e, não tinham sequer resguardadas as férias.

Noto também que, apesar dos terreiros de candomblé, em princípio, estarem mais conectados com a cultura de matriz africana, nem sempre se encontra uma prática de consciência corporal associada à ancestralidade africana. No meu trabalho de terapeuta corporal, já recebi, por exemplo, um pai de santo que apresentava rigidez generalizada e dependência química. Esse é um dos motivos de eu querer pesquisar o assunto num terreiro porque percebo que pode existir uma dificuldade de conexão entre as práticas religiosas e as dimensões corporais da cosmovisão africana. Diante desse contexto procuro responder neste estudo à seguinte pergunta: **quais os conceitos que as pessoas de santo produzem a respeito da consciência corporal e a ancestralidade africana e a relação entre os mesmos?**

Para se entender essa problemática, é preciso refletir sobre as origens filosóficas da negação do corpo. Para tanto, é necessário voltar à era pré-socrática, com Parmênides e Heráclito, no século V a C. À época, existia um confronto de idéias entre, por um lado a visão mais fixa de Parmênides que defendia uma realidade imóvel, eterna, imutável, sem princípio, nem fim, contínua e indivisível e do outro lado, a de Heráclito que afirmava que todas as coisas estão em fluxo, sintetizando seu pensamento na célebre frase: “ não podemos banhar-nos duas vezes no mesmo rio, porque o rio não é mais o mesmo, e, nós também não somos mais os mesmos”

(HERÁCLITO APUD MARCONDES, 1995, p. 35). A tendência que vigorou e ainda prevalece foi a de Parmênides.

No período clássico, Platão reforça essa tendência dando ênfase ao inteligível em detrimento do sensível. Essas Idéias do Platão vem de outro mundo, não sensível, sem olfato, sem audição, sem visão, sem emoção, transcendente.

Na Idade Média, Santo Agostinho reforça a racionalidade trazendo aspectos fundamentais sobre a relação entre teologia e filosofia neoplatônica, transcendente, focando a mente humana, mutável e falível, trazendo uma grande pergunta: como atingir uma verdade eterna com certeza infalível?

No século XVII, Descartes traz a superioridade racionalista e a dicotomia mente/corpo com a frase: “Eu penso, logo existo”. Ele comparava o homem a uma máquina, (o relógio) cheio de engrenagens. No Discurso do Método, Descartes falava sobre a ocorrência do erro, defendia que o erro resulta na realidade de um mau uso da razão, de sua aplicação incorreta em nosso conhecimento do mundo. A finalidade do método é precisamente pôr a razão no bom caminho, evitando assim o erro. O método, portanto, é um caminho, um procedimento que visa garantir o sucesso de uma tentativa de conhecimento, da elaboração de uma teoria científica. Um método se constitui basicamente de regras e princípios que são as diretrizes desse procedimento.

Apesar da força do racionalismo cartesiano, alguns pensadores da época pós-cartesianos como Spinoza se mostraram mais abertos para outras dimensões dissertando sobre as emoções humanas e unificando ética, metafísica e epistemologia, razão e ação.

A partir de meados do século XVII, a ciência, influenciada pela visão dicotômica-cartesiana do homem-máquina, dividiu-se em especialidades. Essa forma de divisão foi estendida ao corpo, surgindo a pergunta: como adestrar esse homem-máquina ao nível da mecânica dos movimentos, gestos, atitude, rapidez e no nível do controle? Michel Foucault observa: “Esses métodos que permitem o controle minucioso das operações do corpo, que realizam a sujeição constante de suas forças e lhes impõem uma relação de docilidade-utilidade, são o que podemos chamar as “disciplinas” (1996, p. 126). O corpo sempre foi um objeto de estudo, disciplinado.

A disciplina, segundo Foucault,

fabrica corpos submissos e exercitados, corpos dóceis. Aumenta a força (em termos econômicos de utilidade) e diminui essas mesmas forças (em termos políticos de obediência). Em uma palavra: ela dissocia o poder do corpo; faz dele por um lado uma aptidão, uma capacidade que ela procura aumentar; e inverte por outro lado a energia, a potência que poderia resultar disso, e faz dela uma relação de sujeição estrita (1996, p. 127).

A disciplina termina sendo mais um mecanismo de dominação dos corpos. Dominação essa que departamentaliza, esquadrinha, desarticula e recompõe o corpo. Essa influência do eurocentrismo veio com o colonizador para as Américas, atravessando assim todo o sistema de pensamento e a forma de ser-no-mundo, onde prevalece o padrão linear-dicotômico-mecanicista.

Acredito que parte do desconhecimento da ancestralidade africana é consequência da desvalorização do negro na sociedade brasileira. Sabemos que, influenciados por todo um ranço racista, vindo dos filósofos europeus, muitos pensadores brasileiros têm contribuído para a imagem do negro como preguiçoso, feio e incapaz (PETIT, 2005).

Assim, o corpo negro tem sido particularmente desvalorizado. Para Nilma Gomes,

a perversidade do regime escravista se materializou na forma como o corpo negro era visto e tratado. A diferença impressa nesse mesmo corpo pela cor da pele e demais sinais diacríticos serviu como mais um argumento para justificar a colonização e encobrir intencionalidades econômicas e políticas. Foi a comparação dos sinais do corpo negro como o nariz, a boca, a cor da pele e tipo de cabelo em relação ao branco europeu e colonizador que, naquele contexto, serviu de argumento para a formulação de um padrão de beleza e de fealdade eu nos persegue até os dias atuais (2005, p. 3).

Diante dessas reflexões, tenho uma pergunta complementar: **até que ponto as pessoas de santo produzem conceitos que escapam da influência dos valores eurocêntricos racionalistas e da desvalorização do negro e do seu corpo?**

Considero que a discussão sobre consciência corporal e ancestralidade africana é de grande relevância por estar trazendo, para dentro da EP (=Educação Popular), uma dimensão presente, mas ainda abafada e insuficientemente valorizada, devido à pregnância, até há pouco, de valores racionalistas que enfatizaram por demais a consciência (SALES, 1999), limitando assim o foco da emancipação apenas à mente das pessoas.

Penso ainda que esta dissertação apresenta uma relevância social mais ampla por combater a invisibilidade do negro no Estado do Ceará, onde o discurso oficial diz que “Não há

negros no Ceará”, apesar da existência de mais 60 quilombos. Observo também a ausência de recortes de matriz africana nos currículos escolares e das universidades. Diante dos preconceitos relativos à cultura negra, com o tema gerador do meu projeto, abrirei esse canal temático. Por fim, percebendo o aumento das patologias da modernidade (cardiopatias, obesidade, sedentarismo, rigidez e estresse generalizados) nos corpos dos participantes dos movimentos sociais, acho procedente discutir a referida temática, como elemento de auto-consciência e prevenção das patologias ora referidas.



## 2 REFLEXÕES INICIAIS

### 2.1 Sobre o corpo na ancestralidade africana

Como a proposta da minha dissertação é tratar da consciência corporal nas suas relações com a ancestralidade africana, é natural dissertar sobre algumas ações que caracterizam essas temáticas, a partir de alguns autores. Para tanto, parto do conceito de ancestralidade africana enfatizando a relação intrínseca com o corpo, em seguida, apresento alguns conceitos de consciência corporal e finalizo com breves considerações sobre a relevância dessa questão para a Educação Popular.

Sodré usa o termo grego *arkhé* para caracterizar as culturas que, tais como a negra, se fundam na vivência e no reconhecimento da ancestralidade. As culturas de *arkhé* cultuam a Origem, não como um simples início histórico, mas como o “eterno impulso inaugural da força de continuidade do grupo. A *arkhé* está no passado e no futuro, é tanto origem como destino” (1988, p. 153). A *arkhé* admite conviver com várias temporalidades, mas não promove “a mudança acelerada de estado” como quer a Modernidade.

Essa visão da ancestralidade estabelece uma continuidade entre deuses, ancestrais e descendentes, continuidade essa que se manifesta através dos ritos e dos mitos, sempre reiterados, mas com lugar para variações (como no eterno retorno tratado por Nietzsche). A ancestralidade assenta-se na terra-mãe: “o que dá identidade a um grupo são as marcas que ele imprime na terra, nas árvores, nos rios” (op.cit p.22). Ou, no caso dos negros da diáspora, em espaços de culto como os terreiros que se tornam depositários dos símbolos da Origem mítica.

A ancestralidade também é a inserção numa comunidade e o sentimento de pertencimento alimentado pela capacidade de traçar a genealogia e contar as histórias do coletivo: “Assim, todo africano tem um pouco de genealogista e é capaz de remontar a um passado distante em sua própria linhagem” (BÂ, 1982, p. 211). Para os negros vítimas do escravismo criminoso foi

fundamental, diante do esfacelamento dos laços familiares e da desterritorialização forçosa, a recriação de uma linhagem para a transmissão e preservação de sua comunidade. Tal linhagem foi providenciada, sobretudo pelo terreiro de candomblé, enquanto espaço ritualístico de recomposição e reelaboração dos elos fragmentados pela sociedade que destinava o negro, quer seja ao lugar da subserviência, quer seja ao não lugar (sem direito a terra, e na pós-abolição também excluído da moradia e do emprego pela preferência dada ao emigrante europeu).

A tradição é fundamental para a cultura negra enquanto transmissão da matriz simbólica do grupo, mas não se trata de uma tradição concebida de modo estático e sim como um elo de permanência dentro do movimento do tempo e dos lugares. É a idéia passada pelo músico de jazz Dizzy Gillespie quando afirma que Cuba, Brasil e Estados Unidos são os filhos da mesma mãe (África) com diferentes pais; são variações e influências de uma matriz comum reconhecível nas simbologias mais fortes.

As culturas de arkhé são saberes do símbolo: símbolos presentes nos orixás e rituais das religiões de matriz africana, símbolos nos elementos da natureza, símbolos nos territórios criados em meio às adversidades da vida na diáspora (dança, música, capoeira, culinária, praças, ruas, bairros, morros); símbolos no uso encantado da palavra.

As arkhés são ecológicas, pois realizam a confraternização do ser humano com as plantas, animais e minerais. Essa dimensão ecológica é a indissociabilidade da natureza e da cultura. É o corpo integrado, diferente do corpo fragmentado que a medicina alopática trata. É também um corpo que se integra à comunidade e é a comunidade considerada corpo, uma vez que o que afeta a um de seus componentes afeta a todos.

Culturas de arkhé acreditam no axé enquanto lugar de onde irradia a força. Não se trata de força física nem de dominação e sim de poder de realização, de engendramento. Nos terreiros o axé se planta tanto na terra como nos indivíduos, associando-se ambiente físico e humano. As pessoas recebem o axé através de seu corpo, pelo sangue, pelos frutos, pelas ervas e oferendas rituais bem como pelas palavras pronunciadas. O axé é força de fecundidade (biológica e material), de proteção (contra os inimigos e as doenças) e de melhoria da condição social. É também uma força de potencialização, que dá autoridade aos componentes da comunidade e à comunidade como um todo. Acredita-se na preeminência dos mais velhos como detentores de axé

pela sabedoria adquirida pela vivência. Pior do que o roubo de sua força de trabalho, o desenraizamento imposto ao negro levou ao roubo de sua força vital, obrigando-o a criar para si, novos territórios de sustentação e de multiplicação do seu axé.

Esses territórios foram investidos nos interstícios da sociedade dominante, fazendo uso do poder de sedução e de acerto/negociação. Pelo fato da arkhé permitir uma relação com o outro mais baseada na circularidade (reciprocidade) do que na dominação (modelo ocidental ainda prevalecente), o negro conseguiu trazer, para dentro de sua cultura, grande parte da sociedade, singularizando-se pelo jogo e a potencialização do seu corpo.

Na cosmovisão africana o corpo é transversal a todas as dimensões da ancestralidade, sendo que “o corpo é visto como um “conjunto de lugares de culto” um centro para onde convergem elementos ancestrais” (SODRÉ, 1997, p. 32). Dessa forma, não há uma separação entre corpo e cosmo: ”o corpo é ponto de interseção entre a existência individual e o cosmo” (idem).

Nessa perspectiva, nada é separado. Fazemos parte da natureza e o corpo é natureza, pois existe dentro dele todos os elementos do universo. Mãe Stella relembra: “Nós vemos nosso corpo como um templo. Por quê? Porque todos os seres são formados das partículas de cada um desses elementos que são a Terra, a Água, o Ar e o Fogo” (2002, p. 28).

Contrária à dicotomia cartesiana, na ancestralidade africana o corpo é uno, é um microcosmo, inseparável. Sodré chama atenção para a ligação entre a cabeça e o restante do corpo na tradição ketu-nagô:

compõe-se o corpo de duas partes inseparáveis: ori (cabeça) e *aperê* (suporte). Ser equivale a ter corpo. O ser humano é indivíduo-corpo com elementos singulares e intransferíveis na cabeça, ligados a seu destino pessoal; no suporte (*aperê*), a guarda das forças mobilizadoras e asseguradoras da existência individual... O duplo é externo ao indivíduo, mas não dicotomizado em termos de funcionamento (SODRÉ, 1997, p. 31).

Quando um griot<sup>2</sup> pede permissão aos ancestrais para usar o dom da palavra, ele está partindo de um princípio ancestral calcado na transmissão oral. Segundo Vansina, a tradição é

---

<sup>2</sup> Na África Negra, o Griot é um ancião guardião da sabedoria e da história ancestral da comunidade.

passada de geração em geração, através da fala, manifestação de uma força, que tem o poder de criar coisas:

Uma sociedade oral reconhece a fala não apenas como um meio de comunicação diária, mas também como um meio de preservação da sabedoria dos ancestrais, venerada no que poderíamos chamar elocuições-chave, isto é, a tradição oral. A tradição pode ser definida, de fato, como um testemunho transmitido verbalmente de uma geração para outra. Quase em toda parte, a palavra tem um poder misterioso, pois palavras criam coisas. Isso pelo menos é o que prevalece na maioria das civilizações africanas. Os Dogon sem dúvida expressaram esse nominalismo da forma mais evidente; nos rituais constatamos em toda parte que o nome é a coisa, e que “dizer” é “fazer”... uma tradição é uma mensagem transmitida de uma geração para a seguinte. Mas nem toda informação verbal é uma tradição. Do mesmo modo, sendo a fala a exteriorização das vibrações das forças, toda manifestação de uma só força, seja qual for a forma que assuma, deve ser considerada como sua fala. É por isso que no universo tudo fala: tudo é fala que ganhou corpo e forma (VANSINA, 1980, p. 157).

Essa forma de ser-no-mundo é extensiva à religiosidade. Sodré (1997) foi muito feliz ao colocar a importância do corpo como um altar e da presença do simbólico articulado com a corporalidade e a territorialidade.

A dança transita em todos os cultos aos ancestrais. Nas sociedades antigas, primeiro se dançava. “No início era o movimento” (GIL, 2000, p. 04). Dan ava-se para o vento, para a lua, para o sol, para os ancestrais, para as divindades sagradas (Orixás), para a morte, para o morto, para o beb , para a guerra, para a caça, para a chuva.

Existe uma rela o entre o corpo, a dança e o sagrado: Bárbara aponta para essa dimensão:

O corpo age no mundo sagrado através dos movimentos da dança e interagindo com o espaço e com o tempo volta à origem. Espaço que se refere a uma tipografia sagrada onde cada objeto, cada planta remete a outros planos da existência” (BÁRBARA, 1999, p. 163).

Além da dança, existem outras maneiras de pensar com o corpo. Para Sodré (2005, p. 01) são fundamentais o cântico, o ritmo e o rito enquanto formas somáticas de pensar. No rito, o corpo encontra a sua totalidade,   ao mesmo tempo sujeito e objeto. Sodré conta que nas civiliza es akan o corpo é visto como um “conjunto de lugares de culto (...) um centro para onde

convergem elementos ancestrais (...) O corpo é ponto de interseção entre a existência e o cosmo” (1997, p. 32).

Na ancestralidade africana existe uma relação íntima do canto com o cotidiano das sociedades tribais. Ladainhas são cantadas nos cultos aos ancestrais, durante o plantio e a colheita são entoados versos invocando a força e a ludicidade daqueles que estão naquela atividade laboral.

## **2.2 Sobre Consciência Corporal**

Para caracterizar as relações de consciência corporal, pode-se tomar como exemplos as crianças e os bichos, em suas plenitudes de movimento, pois, no segmento animal, são os que estão mais equilibrados e ainda não entraram no processo de deformação corporal, seja pela aquisição (incorporação) de conceitos formais impostos pela ideologia dominante, ou pela domesticação, no caso dos animais. Laban (1971, p. 37) recorda que ao nascer a criança possui movimentos fluidos e utiliza o corpo como unidade (usa com facilidade o corpo todo).

Laban reconhece que outras civilizações possuem mais consciência corporal: “Os movimentos de outras raças são muito mais ricos em gama e em expressividades. As civilizações contemporâneas se limitaram às orações faladas, nas quais os movimentos das cordas vocais se tornaram mais importantes do que os corporais” (1971, p. 24). Vimos que na ancestralidade africana, existe uma forma natural de ser, onde se pensa de corpo inteiro. Não existe uma hierarquia entre fazer e pensar e muito menos a dicotomia que vemos hoje: uns têm ações puramente intelectuais/rationais, outros somente o fazer corporal mecanizado.

Para Feldenkrais (1972, p. 27) o movimento é à base da consciência. Para compreender o movimento, é preciso sentir. Nossa auto-imagem consiste de quatro componentes que estão envolvidos em toda ação: movimento, sensação, sentimento e pensamento. Gaiarsa vai no mesmo caminho colocando: A fluência é a marca do movimento sensível, a marca do movimento que a pessoa está fazendo e que ela *sente* que está fazendo (p.96).

A consciência corporal é uma busca eterna, um contínuo aprendizado, um devir. Feldenkrais (1972) explica que uma pessoa que não salta obstáculos, não estará consciente daquelas partes do corpo envolvidas nesta atividade, partes estas, claramente definidas em um homem que é capaz disso. Em consciência corporal, não se separa corpo de ambiente. “O corpo fala” (WEIL, p. 1999). O corpo não mente. O corpo somatiza. O corpo é um microcosmo. O corpo tem uma linguagem própria, (não verbal) que para alguns autores, fala mais do que as palavras (verbal), por isso Gaiarsa coloca:

O personagem humano se move – e seu movimento é uma linguagem completa e complexa, a seu modo, tão elaborada quanto à linguagem verbal, duas linguagens que não podem ser postas em confronto, muito menos em competição. São dois alfabetos distintos, de muitos modos complementares, mas incomensuráveis, isto é, um não consegue comunicar o que o outro consegue e vice-versa. Dispor de apenas um deles é pobreza – e envolve mudez irremediável em numerosas áreas essenciais (GAIARSA IN FELDENKRAIS, 1972, p. 14).

Para Feldenkrais existem três estados de consciência, sendo que só um deles é consciência corporal:

além dos dois estados comuns de consciência que são acordado e dormindo, existe um terceiro: a consciência: neste estado, o indivíduo sabe exatamente o que está fazendo quando acordado, do mesmo modo como acordado, às vezes, sabemos o que sonhamos, quando adormecidos. Por exemplo, aos 40, uma pessoa pode se tornar consciente de que uma de suas pernas é mais curta do que a outra, somente depois de ter sofrido dores lombares, tirado raios-X e ter sido diagnosticado por um médico. Isto é possível porque o acordado, geralmente parece mais sonho que consciência (1972, p. 49 e 50)

Assim, consciência corporal é sentir o corpo, é não ter preconceito com idade, cor, tamanho, gênero, é ter medo, é ter coragem, é reconhecer a centralidade do corpo em todas as suas ações. Portanto nota-se que esse reconhecimento da centralidade do corpo é uma transversalidade nas referências da ancestralidade africana e da consciência corporal.

### 2.3 Sobre a relevância do corpo na Educação Popular

Sabemos que a EP (=Educação Popular) tem como preocupação potencializar a autonomização dos indivíduos e os processos emancipatórios dos grupos, particularmente daqueles que não têm vez na sociedade. No entanto, como ressalta Sales (1999, p. 112), nem sempre esses propósitos têm sido alcançados pela não consideração dos sentidos:

A não consideração dos sentidos, dos sentimentos e dos modos de agir das pessoas tem péssimas implicações na prática educativa: desqualificam-se dimensões fundamentais da vida das pessoas, o que do ponto de vista da Educação Popular que se pretende significa desqualificação e empobrecimento das pessoas.

Segundo Petit (2003), atualmente a EP, influenciada pelo pós-modernismo, está vendo emergir um paradigma da sensibilidade. Esse novo paradigma vem questionar o racionalismo e a exclusão do corpo (do sensível). Ora, com o método cartesiano mantendo hegemonia na forma do pensar científico desde o século XVI, onde prevalece à forma linear e mecanicista de ser no mundo, é natural aparecer uma crise de fragmentação na nossa era pós-moderna. Na crise fica evidenciada a separação entre sujeito e objeto, educador e educando, razão e sentimento. Questionando esse raciocínio binário, Oliveira faz uma crítica aos diversos modelos conscientizadores da EP em saúde que promoveram uma racionalidade redutora das relações humanas:

uma das grandes crises paradigmáticas é o desmascaramento das verdades universais que nos prometiam os métodos racionais da ciência, aqui incluso tanto os positivistas, como as teorias marxistas. Ao separar os sentimentos, o subjetivo e oculto da produção do conhecimento, cria-se chegar ao conhecimento puro e verdadeiro da realidade, no entanto, percebe-se o quanto empobreceu nossa forma de ver o mundo (1998, p. 98).

A influência cartesiano-racionalista separou os sentimentos e emoções da razão, gerando um afastamento da complexidade. Oliveira comenta:

Seria a razão capaz de decifrar os afetos imbuídos nas relações humanas? A arte vem nos decifrar enigmas da vida pela sua simbologia. A voz da racionalidade ocidental que separou os sentimentos, afetos, intuição e paixões da produção e apreensão do conhecimento, nos distanciou de ver a realidade em sua complexidade e integralidade (1998, p. 100).

O modelo conscientizador vem também sendo questionado pela contradição de manter hierarquias: “advoga uma relação dialógica, ao mesmo tempo em que defende a todo custo uma figura de autoridade/condutor das massas” (PETIT E SOARES, 2000). Inspirando-se em Maturana, Gonsalves considera a necessidade de ultrapassar essa ênfase na consciência, reconhecendo a dimensão corporal do conhecimento: “É essa inscrição corporal do conhecimento que pode indicar a superação da idéia de conscientização” (2001, p. 6). Acredito que a nossa pesquisa se insere nas tendências de EP que pretendem reconhecer as dimensões não apenas racionalistas, havendo assim possibilidades de diálogo entre os valores da EP, da Consciência Corporal e da Ancestralidade Africana.



### 3 ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE O MÉTODO SOCIOPOÉTICO

Nessa pesquisa recorri ao Método sociopoético. Esse método foi criado por Jacques Gauthier após suas experiências de vida, particularmente na Nova Caledônia (Kanak) no Pacífico, e no Brasil. A espiritualidade dos Kanak, povo indígena da Nova Caledônia, e suas escolas comunitárias vinculadas à educação popular, que integram os saberes ancestrais com os conhecimentos científicos, na sua luta pela independência do colonialismo francês, foi uma primeira influência importante de interculturalidade.

As práticas de poesia e teatro, a ciência sensível que as enfermeiras estavam construindo nos Cursos de Enfermagem onde Jacques Gauthier trabalhou no Rio de Janeiro, e ainda, o contato com as culturas afro e indígena na Bahia, foram outras influências que o filósofo francês resolveu interligar com seus referenciais iniciais, os quais, embora ocidentais, já se situavam numa linha de pensamento não determinista, que, portanto dialoga de maneira frutífera com os saberes das culturas popular afro e indígena. Eis a importância que a sociopoética atribui às culturas que chama de resistência:

Experimentamos que as culturas de resistência, por exemplo, negras e indígenas, valorizam o sentido espiritual da vida, portanto dos saberes e das aprendizagens incluídos nas nossas práticas, interligadas com a Mãe-Terra, as plantas, as energias espirituais, os antepassados. Numa visão intercultural, é importante não ignorar esses valores, que não são somente características dos povos que foram colonizados pelas potências européias, mas que possuem um sentido universal na nossa interrogação da condição humana e na nossa luta cotidiana para firmar nosso desejo autogestionário (GAUTHIER et al, 2005, p. 5).

Na interseção do círculo de cultura freireano<sup>3</sup>, da pesquisa-ação de René Barbier e seu propósito de escuta sensível<sup>4</sup> e da esquizo-análise<sup>5</sup> deleuziana, questionadora dos processos de homogeneização e padronização da modernidade, a sociopoética propõe a realização de pesquisas

---

<sup>3</sup> Dispositivo de construção coletiva do conhecimento proposto por Paulo Freire que propicia o encontro de populares e acadêmicos para produção conjunta de conhecimento em pé de igualdade.

<sup>4</sup> a capacidade do pesquisador “*sentir o universo afetivo, imaginário e cognitivo do outro para ‘compreender do interior’ as atitudes e os comportamentos, o sistema de idéias, de valores, de símbolos e de mitos*” (Barbier, 1997, p.59). Envolve ainda, o reconhecimento da importância da construção do conhecimento através dos cinco sentidos.

<sup>5</sup> Referencial filosófico que propõe uma crítica radical a todas as tendências de serialização de nossa subjetividade na nossa sociedade moderna, sugerindo em contraposição, a máxima potencialização das singularidades.

coletivas mediante o dispositivo do grupo pesquisador. Nele os pesquisadores oficiais se transformam em facilitadores de oficinas ou vivências e o público-alvo é convidado a se tornar *co-pesquisador* de um tema gerador negociado entre as partes. Co-pesquisadores e pesquisador oficial colaboram então em todas as etapas da investigação. Acontece assim uma “*democratização da produção do conhecimento, pois deixa de ser especificidade de uma ‘minoria de eruditos’*” (UMBELINO, 2001, p. 43).

#### A sociopoética espera

descentralizar o processo de produção do conhecimento do alto do corpo, a cabeça, onde se localiza o cérebro, para as demais partes do corpo. Ou seja, o conhecimento é apreendido e produzido com o corpo todo, com os braços, as pernas, os sentidos, os gestos, as expressões, o ritmo, etc, o pensamento” (UMBELINO, 2001, p. 44).

Uma dimensão importante no método é que tudo acontece em forma de oficinas ou vivências onde se recorre a diversas técnicas corporais e artísticas. Espera-se que o movimento, o corpo, a sensibilidade e as emoções se entrelacem, provocando estranhamentos que levem os co-pesquisadores a produzirem novos conceitos sobre um dado tema gerador.

#### A sociopoética tem cinco princípios transversalizados que são:

- A instituição – negociada entre os parceiros – de um grupo-pesquisador, onde o conhecimento é produzido coletiva e cooperativamente. Nessa perspectiva os/as “pesquisadores/as acadêmicos são somente facilitadores, catalisadores, mediadores, interceptores no processo de pesquisa (...).
- Favorecer a participação das culturas de resistência na leitura dos dados da pesquisa (...). Isso é um jeito radical de instituir o ‘diálogo’ entre culturas heterogêneas, que têm definições divergentes do saber legítimo e até ‘entram’ no saber por caminhos divergentes, racionais, intuitivos, sensíveis, etc. Nas interações entre os membros do grupo-pesquisador desterritorializam-se os marcadores culturais ou teóricos heterogêneos que se miscigenam de maneira imprevisível, criando uma interferencialidade emergente (...).
- Considerar o corpo inteiro emocional, intuitivo, sensível e sensual, gestual, racional, imaginativo, como portador de marcas históricas e, igualmente, como fonte de conhecimentos. (...) As culturas de tradição oral e de resistência desenvolvem particularmente formas sensíveis e intuitivas de conhecer, e até ritualizadas em danças, que a formação geralmente recebida na academia pelos/as pesquisadores/as não permite perceber, ainda menos desenvolver. (...)

- Favorecer, pelo uso de técnicas artísticas de produção de dados, a emergência de pulsões e saberes inconscientes, desconhecidos, inesperados, como dados de pesquisa que expressam o fundo íntimo, perto do caótico, das pessoas. (...)

- a interrogação pelo grupo pesquisador, do sentido político, ético e espiritual, ou seja, humano, do processo de pesquisa que ele está desenvolvendo e das formas de socialização a serem escolhidas (...) (GAUTHIER et al, 2005, p. 3, 4)

O que a sociopoética traz de radicalmente novo é a afirmação que todos somos filósofos, quer sejamos acadêmicos ou não, populares ou não, pois todos possuímos saberes iguais em direito e todos pensamos, quer seja destacando o corpo na sua integralidade – como o fazem povos mais ancorados na ancestralidade - ou apenas um fragmento – acadêmicos tendem a enfatizar o cérebro isoladamente. Todos somos capazes de produzir conhecimento com os cinco sentidos, ainda que a nossa sociedade moderna valorize mais os saberes da filosofia clássica eurocêntrica. Ao se propor a produção filosófica em novos termos, reconhecendo o corpo como fonte de conhecimento, a sociopoética rompe também com a sociologia instituída, demonstrando sua radical especificidade (GAUTHIER et al, 2005).

Nessa pesquisa procurei ajudar os co-pesquisadores/as a produzirem conceitos novos e/ou desterritorializados, o que a sociopoética chama de *confetos*, isto é, conceitos (conceito + afeto) produzidos mediante os dispositivos sociopoéticos e perpassados de razão, intuição, emoção, sensação. Segundo a seguinte definição de Gauthier:

Na Sociopoética, pensar é coisa onde interferem afetos e conceitos. Os afetos não são as emoções individuais, e sim intensidades que percorrem corpos, potencializando-os, separando ou compondo-os. Quando o grupo pesquisador está exercendo-se no pensamento, ele trabalha segundo um estilo próprio, ele cria uma personagem original [...] Com a noção de confeto, instalamo-nos no ‘entre - dois’, no espaço-tempo diferenciador, ou seja, criador de cultura, como esses ‘gênios híbridos’, poetas, pintores, músicos que [...] modificam de maneira decisiva o que pensar significa, apresentando uma nova imagem do pensamento, povoando-o de entidades artísticas. (GAUTHIER, 2005, p. 258-259).

A operacionalização de uma pesquisa sociopoética começa com uma negociação para constituição do grupo-pesquisador e definição ou aceitação pelo grupo do tema gerador. Negociado o tema gerador, iniciam-se as oficinas ou vivências com os/as co-pesquisadores/as, geralmente em torno de seis. É importante ressaltar que na concepção da sociopoética, os dados

que surgem nessa experiência não são “coletados”, e sim *produzidos* pelas condições de realização da pesquisa. Daí essas oficinas são chamadas de produção e análise dos dados.

Toda oficina ou vivência inclui um relaxamento ou outro trabalho corporal visando que os participantes diminuam seu nível de racionalização consciente “(...) *a fim de que expressem os saberes enterrados e imersos, os ventos raros, as lavas congeladas pela história coletiva e individual*” (GAUTHIER, 1999, p. 53).

O que orienta a escolha da técnica ou vivência pelo/a facilitador (a), é principalmente a busca de diferentes linguagens, não necessariamente discursivas, que recorram a mais de um sentido corporal e que produzam estranhamento, gerando potencialmente dados não previsíveis, que permitam tocar a afetividade e o inconsciente envolvidos no pensamento.

Após a verbalização dos co-pesquisadores sobre o que produziram, a sociopoética propõe que os/as co-pesquisadores/as analisem de forma coletiva o conjunto da produção. Em seguida, munido dos dados produzidos, o/a facilitador (a) realiza sua própria análise, procurando descobrir a estrutura escondida do pensamento do grupo. Para tanto, exercita diferentes formas de análises, sempre do conjunto das produções referida a uma determinada técnica. Se houver, por exemplo, produção plástica ou em argila, inicia de preferência com esta, evitando referir-se, neste primeiro momento, aos registros escritos de suas explicitações.

Após as possíveis análises plásticas que são leituras intuitivas, o/a pesquisador/a oficial passa a estudar as verbalizações que os co-pesquisadores fizeram acerca de suas produções. Inicia com uma análise classificatória que destaca as categorias e subcategorias encontradas e as relações de convergência/divergência/diferenciação sutil/oposição entre as mesmas. Em seguida, realiza um estudo transversal, que se trata de um texto que mostra as interligações entre as categorias encontradas na fase anterior e ressalta aquelas que se constituem *confetos*, isto é, conceitos que apresentam algum tipo de desterritorialização de sentido.

Encerram as análises com um texto de reflexão filosófica onde faz dialogar os *confetos* do grupo com os conceitos dos autores estabelecidos da área. A sociopoética incentiva o facilitador da pesquisa a produzir textos criativos para exposição de seus estudos transversais. Os mesmos são freqüentemente escritos em linguagem literária, em prosa ou poesia. Esses são os textos que

são levados em seguida para contra-análise, encontro do pesquisador oficial com os co-pesquisadores em que os mesmos tomam conhecimento das análises produzidas pelo facilitador e interferem com suas opiniões, podendo também trazer esclarecimentos acerca dos achados obtidos.

A última fase de uma pesquisa sociopoética é a sua *socialização* - quando o grupo-pesquisador como todo decide da melhor forma de tornar conhecida e discutida a investigação para um público mais amplo, não apenas no meio acadêmico, mas também e, sobretudo, na própria comunidade onde a pesquisa aconteceu.

## **4 PRIMEIRO MOMENTO DA PESQUISA: VIVÊNCIA LUNAR**

### **4.1 Como nasceu e acontece comumente**

Sempre estive próximo da natureza. Nascido em Lençóis-Ba, cidade encravada na Chapada Diamantina, vivia tomando banho nos Caldeirões do Serrano, chupando mangas espadas tiradas na hora do pé. Quando fomos para Morro do Chapéu, já com 13 anos, meu pai me levava para o Poço do Homem, após uma hora de trilhas, para me ensinar a nadar. Em Irecê, viajamos muito, de bicicleta à procura de leite nestogeno para dar ao meu irmão recém-nascido. Ainda adolescente, em Irecê, fiz uma viagem, sozinho, numa motocicleta Jawa, até Lençóis-BA, à noite. Já adulto, em Feira de Santana-Ba, usava muito as estradas para a Ponte Rio Branco e do Alambique para os treinamentos de atletismo.

Em Salvador, convivia nas Dunas da Lagoa de Itapoan e Stela Mares, fazendo treinamentos de atletismo, e quando vim para Fortaleza, fiquei surpreso e satisfeito com a presença das dunas e das serras. E, foi assim que, convivendo diuturnamente (às vezes passando a noite sozinho) nas dunas da região da Sabiaguaba, Porto das Dunas, Japão, Prainhas, Presídio e Iguape, nasceu a Vivência Lunar.

A Vivência Lunar é um ritual que acontece sempre na fase da Lua Cheia. Chamo os meus/minhas clientes, amigos/as, que são orientados a não ingerirem produtos animais no dia da vivência. A indumentária é a sunga para homens e biquine para as mulheres. Inicia-se com uma explicação sobre a história do evento, o sentido simbólico, que passa pelo acesso aos arquétipos do/a guerreiro/a e do animal, e as influências que essa fase traz no planeta (alteração das marés, influência no plantio de frutas e hortaliças e nos seres humanos e animais. Vide uma frase do Cazuzá (“e já não muda quando é lua cheia na música “Blues da Piedade”).

A Vivência acontece em Fortaleza e nos municípios mais próximos, em locais pré-determinados (Sabiaguaba, Cofeco, Prainha, Lagoa do Catu, Lagoa do Banana, Barra do Cauipe, Serra de Pacatuba e de Maranguape, etc. O horário sempre é após as 21.00 horas. Em seguida

os/as participantes são orientadas/os a molhar o dedo num frasco contendo óleo de copaíba e a passar em três partes do corpo com o sentido de unção e proteção. Damos-nos as mãos, invocamos os elementais da natureza, os orixás e pedimos permissão para entrar na mata.

Logo em seguida ficamos de cócoras e com as mãos efetuamos 21 batidas fortes no chão como reverência à nossa Mãe Terra. A Vivência é feita toda em silêncio. São executadas algumas posições ancestrais como o cócoras, de quatro, deslizamento em dunas em decúbito dorsal e lombar; corremos, reverenciamos (posição de sei-za com os braços estirados e mãos na terra) Oxossi na entrada da mata, reverenciamos a Oxum (lagoa de água doce) na entrada da lagoa, entramos na lagoa, deslizando suavemente e paramos somente com a cabeça fora da água, como um jacaré.

Saudamos à Nanã na entrada do mangue, andamos de quatro, como gatos/as. Batemos na crista da duna o toque “Alujá”, reverenciando Xangô, corremos, entramos num túnel natural feito de cajueiros, reverenciamos Iemanjá na entrada do mar, tomamos banho, e no retorno, paramos na encruzilhada (Exu) e fazemos a finalização, agradecendo aos orixás a proteção recebida, a nossa Mãe Natureza pela doação dos seus elementos (água, fogo, terra e ar), aos/às nossos/as ancestrais pelo legado da sabedoria, transmitida de geração a geração pela oralidade. Nesse momento tomo a palavra para reforçar que esse contato nos traz potência, força, vitalidade, harmonia interna, quietude, lentidão, discernimento, amizade, confiança, respeito, e o sentimento de tribalismo.

Desejo a todos que levem para seus lares aquela energia e sentimentos apropriados e que sejam transmitidos a todos os lugares por onde passarmos e expresso o desejo de reencontro no próximo ciclo lunar. Abre-se o espaço para compartilhamentos a todos do grupo e retornamos ao local de início para degustar uma melancia e saímos sorrindo e felizes para nossos lares. O tempo aproximado da vivência fica em torno de três horas.

#### 4.2 Descrição da vivência lunar com o grupo – as primeiras produções

A vivência lunar específica com o grupo co-pesquisador aconteceu em outubro de 2007, por volta das 22:00hs, no município de Aquiraz, na região da Praia da Abreulândia, com a participação de minha Mãe de Santo (Mãe Valéria de Logunede) meus irmãos e irmãs do Terreiro Ilê Axé Omo Tifé (Éden, Keim, Valéria, Fatinha, Elaine, Pricia, Murá, Alain e Ossain).

Com todos em círculo, fiz uma breve exposição da vivência da localização da área e passei a palavra para Mãe Valéria que fez uma saudação a Exu e depois desejou paz e tranquilidade a todos. Em seguida, coloquei uma pequena vasilha com óleo de copaíba no centro do círculo e pedi para que cada um colocasse o dedo dentro da vasilha e passasse o óleo em três partes do corpo como símbolo de unção e proteção. Batemos com as mãos no chão, saudando a nossa mãe terra e seguimos pelas trilhas da floresta. Antes de entrar na trilha ficamos de joelhos e colocamos a testa na terra, saudando o orixá Oxossi.





Na mata paramos de cócoras durante uns 2 minutos e seguimos subindo uma duna. Depois descemos na invertida, com a barriga no solo. No pé da duna paramos e o grupo fez a primeira verbalização. Gravamos em mp3 e tirei algumas fotos. Em seguida ficamos em pé, de frente para uma próxima duna, ajoelhamos, referendamos a duna elevando nossos braços e batemos forte na duna, em seguida subimos de quatro, paramos na crista da duna e batemos várias vezes na areia. Levantamos, corremos até a crista de outra duna e descemos na invertida de costas, levantamos, e no plano corremos até uma pequena lagoa, reverenciamos o orixá Oxum, e entramos para um banho, depois saímos e o grupo fez desenhos no solo úmido nas margens da lagoa.



Parada, nova verbalização e fotos. Seguimos a caminhada, subimos nova duna e após avistarmos as luzes da cidade e da Cofeco (Colônia de Férias dos funcionários da Coelce), paramos em frente a uma mata de cajueiros e descemos por um túnel. Nova parada e mais verbalização. Andamos até o mar e tomamos banho. Nova verbalização. Depois viemos para o local de partida, acendemos uma fogueira e comemos uma melancia e uns abacaxis com laranjas. Nova verbalização e retornamos para nossas casas em Fortaleza.

### 4.3 Verbalizações do primeiro momento da pesquisa

De início Mãe Valéria fez uma saudação a Exu e Ogum e manifestou desejo de uma conclusão maravilhosa e que o objetivo fosse cumprido.

NORVAL: Bem, o que nós vamos fazer hoje eu já faço há aproximadamente 8 anos. Toda época de lua cheia acontece esse momento, ora com homens, ora com mulheres, ora mista. Eu chamei isso de vivência lunar e as pessoas depois que passam por esse momento escrevem alguma coisa. Têm textos, crônicas, lindíssimos sobre o que acontece.

Esse trabalho nasceu nos momentos que eu vinha para cá à noite; passeava, virava a noite. E terminou esse trabalho entrando na minha dissertação do mestrado. E eu escolhi o Ilê, não só por ser da casa, estar na casa, pertencer a casa, porque vocês estão lá também comigo. E vai ser um prazer ter o nome de vocês. Tem essa experiência que vamos fazer hoje e depois tem mais duas. Uma no Ilê e outra lá em casa.

Bem, e como é que acontece a coisa. Nós vamos fazendo e tudo que for fazer vai ser surpresa e talvez, a cada um, dois ou três momentos, a gente dê uma paradinha e converse. Cada um vai falar o que sentiu depois a gente segue certo? Depois a gente volta pra cá para fazer o encerramento. Ta bom?

Bem, então como é que iniciamos. Há esse potinho com óleo de copahyba. Cada um vai tirar um pouquinho do óleo e colocar em três partes do corpo. Escolhe uma parte qualquer, qualquer parte, três partes e coloca o óleo como se fosse um símbolo de proteção. Cada um chega e tira um pouquinho do óleo.

Ok. Vamos ficar de cócoras com as mãos no chão. Vamos dar sete batidas no chão como se fosse reverenciar a terra.

(BATIDAS)

Então vamos para nossa caminhada

Olhe, observe, o trabalho é feito em silêncio. Inclusive no ritual mesmo quando não tem máquina, não ta gravando nada, porque a gente vai fazer uma gravação. A gente vai fazer uma parte em silêncio aí para, vou fazer umas perguntas depois quando terminarem de responder sai novamente em silêncio pra outro momento. Depois aparecem as perguntas. Mas sempre quando eu faço, com mulheres, homens ou mista é em total silêncio. Mas nós vamos fazer umas paradas porque tenho que registrar um pouco. Ta bem?

Dentro do possível, tem algumas bases, aí eu vou fazendo e vocês repetindo (11'16'')

(CAMINHADA)

1ª PARADA (30'52'')

NORVAL: Encosta mais um pouquinho, mais. Vamos agora fazer uma rodada. Cada um vai dizer assim o que sentiu. Que sensação traz quando você ta no silêncio, na mata. Qual o sentimento, qual a sensação que acessa.

\_ Senti o quanto meu corpo está despreparado para esse contato com a natureza, assim de como tudo é novo, como você tem medo de onde pisar, você ta sempre preocupada se não vai cair num buraco, é tudo escuro. E assim, descer a duna de olho fechado sem saber em quem vai bater, onde vai parar é assim aquela coisa. Assim, de você dar um passo, dar mais um passo, até mesmo na sua vida, ou religião, ou não sei o que, mas assim, de dar um passo de olhos fechados.

Eu senti sensações diferentes da areia e da mata. Na mata assim, aquela coisa de você parar e observar os sons e assim, querendo ou não você liga. Sabe, você sente o vento e você sabe de onde vem, e você escuta um pássaro que você também sabe quem ta cantando, entendeu? Então, assim, é impossível separar o que eu senti, o que eu ouvi, aonde eu andei, assim, entrando na parte da religião mesmo, entendeu? Assim, de não se conectar ao mundo dos orixás através disso. Então é isso que eu penso.

Meu corpo ta muito despreparado pra esse contato. Eu sinto isso, que eu ainda to muito longe, pelo meu cansaço, pelos meus medos e que isso é uma coisa que você tem que atingir. Isso faz parte do ser humano também.

Acho que eu falei muito.

NORVAL: Não, pode ficar à vontade.

- Não, encerrei. É isso que penso de min.

\_ Eu senti tanta coisa. Vindo de lá pra cá eu senti certo medo no começo. Nada... deserto...

Acostumada com a cidade grande, cheia de gente. Olha o perigo! Cuidado! Cuidado!

Chega aqui não tem ninguém, só a gente. Ninguém pra vigiar a gente. A gente pode fazer o que quiser. Aí fui me acostumando com o tempo. Subindo, entrando pelos matos, pela floresta. Aí dá aquela sensação de que a gente se abaixa assim, ta se escondendo de algum inimigo que ta atrás da gente. Senti um bicho, animal mesmo, sabe? Fugindo de um animal que está querendo nos caçar. Silêncio... Silêncio... Ninguém pode falar nada. Aí chega lá todo mundo senta a procura d'água e ninguém acha nada, cadê a água que tava aqui. Toda hora fica sentada com a cara de depressão, cadê a água, cadê a água, então a gente resolve ir atrás dessa água e desce na areia, depois sai todo mundo atrás da água, aí sobe, sobe, quando chega lá em cima não acha água e mesmo assim a gente continua e sai, sai, sai.

Sensação assim muito doida, louca mesmo. To gostando.

\_ É interessante assim a sensação de estranheza que eu tive. Aí mostra assim de cara, como é que eu to longe, como a gente se distancia dos elementos, como a gente se distancia das nossas origens. A gente começa a viver numa loucura. Eu tava até conversando com um amigo hoje à tarde, ele dizendo assim: “olha a gente não vive mais, a gente é controlado”.

E o pior é que a escolha é nossa. Tudo complementa. Aí você vem à noite, faz uma experiência dessas. Aí você vê realmente que se distanciou de tudo isso e como isso é tão bom ao mesmo tempo em que é estranho. Na sua mente vem que você já viveu isso, que isso é que faz parte de você. Isso é que lhe constitui e todos esses movimentos revelam. São movimentos ancestrais, de nossos ancestrais: movimento de caça, de ver, de sentir mesmo, de colocar todo o copo no contato, de não entender só com o cérebro, não só com a razão, mas com todos os sentidos. Aí é reativar todos esses sentidos. Aí é coisa que me ligou também a estória da alegoria da caverna. Que traz um desconforto enorme pra depois você perceber o quanto isso mudou na

sua vida e quanto isso ta influenciando, ta lhe dando uma visão nova. E é uma experiência que ta sendo maravilhosa!

\_ Eu senti mesmo só tranqüilidade, a paz.

\_ Não dá vontade nem de ir embora.

\_ Achei muito legal a batida na terra. Tipo, cadê, cadê, preciso de você, ajuda a gente, vambora, vambora. Uma saudação a terra. Vambora a gente precisa de você. Gostei dessa parte. Gostei de tudo.

\_ É engraçado. Fiquei por último, mas também fiquei por último na caminhada. E assim, qualquer experiência que eu faça, minha cabeça é um terreno fértil de idéias. Quando a gente saiu na caminhada, fiquei com aquela frase da Iá na cabeça: procure uma pedra prá mim. E eu fiquei com essa coisa na cabeça, de trazer, sabe? E eu ficava olhando muito pro chão, mas ao mesmo tempo eu ficava com uma vontade muito grande de ver o que estava ao redor. Você vai andando eu senti que mudava de terreno de uma hora para outra. Por exemplo, teve uma parte que a gente passou ali que a areia era bem molhada. Aí eu, puxa... aqui já foi um rio, mas você não tem, mesmo que tenha essa claridade da lua, você não tem o domínio todo do campo, da visão pra saber se aqui era um rio. Agora lógico, eu concordo com todo mundo, é uma experiência única. A gente sempre se distancia muito, a gente é meio que automatizado mesmo. E o máximo dessa caminhada é que você dá permissão para o seu corpo sentir uma série de sensações.

O Norval ressaltou no começo: “é pra fazer silêncio”. Mas, por mais que o Norval reforce, a gente escuta o som do corpo da galera. Todo mundo com uma respiração forte, outros com uma respiração tranqüila, dá pra escutar a respiração deles. Assim, eu fico também muito ligado nisso, não só no que está acontecendo comigo, mas também com os outros e ao mesmo tempo linkando isso com a estória dos orixás. O lance das palmas, de saudar a terra. Lembrei Onilé, um orixá que mora embaixo da terra. Ele tem essa ligação ancestral com a terra. Quem conhece sabe que tem essa estória. Ela está escondida embaixo da terra, nenhum orixá viu a cara de Onilé. Ela é linda, belíssima, mas ninguém conhece o rosto dela. Tem essa estória, essa ligação e assim também como é que a gente interfere.

\_ Teve uma hora que a gente tava passando na mata e fez silêncio. Aí o Norval parou e agachou, aí todo mundo parou e agachou. Aí ficou mesmo o silêncio, de vez em quando um mexia um pé, aí mexia um pouquinho das folhas. Mas assim que a gente fez silêncio, um grilozinho lá no final voltou a cantar. Alguém notou isso?

\_ Quando a gente passou tudo se calou... foi estranho. E assim, é muito sábia essa parte de você parar no meio do nada e de repente ficar.

\_ Na hora que ele se abaixou ali, antes da entrada, eu achei que foi para pedir permissão à natureza pra entrar. Eu pedi a Ossaim, chamei por Ossaim no pensamento: vamos entrar na sua mata.

\_ Principalmente a gente que é de santo, que fala assim a nossa roça, nosso terreiro, ele é querendo ou não, ele tem a faixa que é representativa, mas aqui é de verdade.

\_ Vocês já perceberam que a gente está num dos antigos reinos de Oxum? Isso aqui era um lago, né? A gente tá bem dentro de um antigo lago mesmo. Presta atenção.

\_ NORVAL: isso aqui na época de chuvas é água.

\_ Então, o reino de Oxum.

\_ Então tá em casa.

\_ Agora, interessante. Eu fiquei lá trás o tempo todo porque eu estava apertado. Não, mas eu achei interessante também, porque vai mexendo no seu corpo. Aí teve uma hora que eu desci da duna, porque eu fui o último a descer e que eu tava reparando muito bem no cheiro da gente. Basicamente quando o corpo esquentava vinha o cheiro da copahyba e, pô é maravilhoso. E teve uma hora que eu também queria sentir o cheiro da mata. Teve uma hora que as plantas batiam no rosto da gente e eu sentia o cheiro das folhas.

Aí quando todo mundo desceu da duna eu disse: vou dar uma mijada aqui. Gente, quando eu fiz xixi não senti o cheiro de mais nada, só da minha urina. Não é que eu tô dizendo que tô com a urina forte, mas é o quanto um pequeno ato da gente interfere, impacta. O impacto que

tem na natureza é um impacto forte. Um animal se afastaria dali pelo forte cheiro da minha urina, ou então, iria atrair uma onça.

\_ Esse processo ta marcando muito a gente e nós estamos deixando nossas marcas em todo caminho. A natureza sendo marcada pela gente. É a reciprocidade. Eu lembrei, quando eu vinha, que eu morava no interior mesmo, bem afastado. Aí a gente ia pra missa. Vinha numas veredas estreitas, descalço, com o calçado na mão pra não sujar a igreja. E eu lembrei do cheiro, daquele cheiro da folhinha seca que a gente pisava, com a umidade, o cheiro da areia, das plantas, a questão do medo que eu me lembro quando era criança que não queria ir na frente nem ser o último, porque eu sempre achava esquisito, podia ter alguma coisa de estranho ali. Então, o meu interesse era sempre ir pelo meio. Veio a minha memória tantas coisas que eu vivi na minha infância, de contato, porque os meus pais são agricultores. De tudo aquilo que eu vivi, de acordar cedo e sair pra roça e você sentir. Assim, quando chove a noite que você vai naquele cheirinho de orvalho. É muito gostoso. Trouxe-me tudo isso de volta.

\_ Mas sabe por que a gente sentiu muitos odores? Porque ta escuro e a gente praticamente não viu. Porque a visão interfere em todos os outros sentidos. Quando a gente vê a gente não escuta tão bem, a gente não sente tão bem, a gente não cheira tão bem. Eu digo isso porque eu fiz um curso de cego. E eles escutam muito bem, eles sentem muito bem. Uma pessoa de longe eles sabem quem é pelo cheiro. Assim, o fato de está escuro, a gente a meia luz sob a lua aguça o olfato da gente.

\_ É muita paz, muita harmonia, tranqüilidade.

\_ Eu passei uns dias em terras outras distantes que eu não conhecia. Outra cultura, outro tipo de religião. Passei por um estado que corta o deserto de Saara e de dentro do ônibus que eu estava eu via aquelas dunas e me deu muita vontade de adentrar ali, claro que eu não podia. Mas vim com essa vontade. Aí cheguei, passei uns dias pra retornar a esse tipo de vida. E Norval ligou pra mim e pediu pra pegar a Raiza. E eu ando meio assustada nessa cidade em que a gente vive. Fui pegar a Raiza. Ela mora lá depois do Benfica e eu fiquei pensando como vou chegar lá no posto. E tinha o Lagamar, aí eu não tenho coragem não. Conclusão: fui lá pelo Iguatemi pra pegar a coisa bem... né? Chegando aqui o começo do trabalho. A entrada na trilha. Olha gente, eu me senti numa paz, os medos foram embora, eu fiquei tão tranqüila, não tive medo de pisar. E

as duas últimas vezes que vim aqui eu me acidentei. As duas vezes eu cortei o pé. Hoje eu entrei tranqüila, sem medo nenhum me sentindo assim fazendo parte, fazendo parte dessa natureza. Assim... sentindo o acolhimento da terra, ouvindo o canto dos pássaros. Passou um pássaro lá cantando pra gente. Essa coisa do mato que a gente viu e eu gostei de pisar nas folhas, o barulhinho das folhas e assim, a coisa dos sentidos. Quando a gente entra num trabalho desses, eu pelo menos sinto assim, é como se a gente se apercebesse dos sentidos da gente. Porque a gente esquece que tem olfato, que tem audição, que tem visão. Você fica nessa coisa tão louca do mundo moderno que vai esquecendo. E quando o Éden falou do cheiro do xixi dele é porque a gente aguça mesmo todos os sentidos aqui. O tato, bater na terra, essa percussão. Então eu me sinto assim, fazendo parte, sem medos, não lembrei que existe cobra, barata, nada. Nem a urtiga que sempre me pega, não me lembrei dela e ela também me deu uma trégua. E assim, muito feliz de ta aqui. Fui abençoada por essa lua belíssima

\_ Agora, uma curiosidade, Norval. Você já fez essa trilha sem ser nessa lua?

\_ NORVAL: Sim. Às vezes num torozão, meio pesado de areia, porque tem momentos que o vento ta mais forte.

\_ Nunca a mesma trilha.

\_ NORVAL: Não, a natureza não é a mesma.

\_ Nós é que somos os mesmos.

\_ Eu to me sentindo assim, como se fosse muito antigamente. Que a gente vem numa caminhada e senta tranquilamente. Ta todo mundo aqui conversando, falando dos sentimentos. E é a primeira vez também que a gente faz isso. Sentar. E eu to achando assim tão bom, dá vontade de passar a noite assim.

\_ Quando eu cheguei estava muito vento, e eu sou muito alérgica ao vento. Eu pensei: meu deus! Vai fazer muito frio, eu vou espirrar tanto!

\_ Como assim, alérgica ao vento?

\_ É porque muito vento eu espirro demais.



\_ Eu em casa com esse friozinho aqui eu tenho que me entocar dentro do quarto e fechar a janela, porque senão...

\_ E aí eu entrei aqui. Não to sentindo frio, não dei um espirro, não tossi. É que eu tenho problema respiratório, quando tem muito vento, chuva, coisa quente, me pega mesmo pra valer! Mas to tranqüila, tranqüila e vou continuar assim até o fim da vivência.

\_ O vento aqui é limpo.

\_ Lá é tudo poluído.

\_ Lá tem uma série de outras coisas. O vento aqui ta levando.

\_ É engraçado certo tipo de gestos que a gente faz aqui, que a gente não se toca. São gestos automatizados mesmo. Por exemplo, essa areia aqui, essa areia é limpíssima e a gente sempre quando desce da duna se limpa, tem o hábito de se limpar. Eu observava sempre isso. Quem se limpava quem não se limpava.

\_ Eu observei que alguém desceu na areia nadando. Alguém quando se decidiu saiu na frente e foi nadando.

\_ Gente, mas essa coisa também de descer na duna e tocar os corpos, coisa que no dia-a-dia na modernidade agente não faz. A gente não se toca. E a energia!

\_ Subir assim, sem fazer força, é uma coreografia natural, cada um faz do seu jeito. Por mais que o Norval tenha feito isso.

\_ Eu adorei bolar naquela areia.

\_ NORVAL: Bem, e com relação ao corpo, o que foi sentido? Porque normalmente se falou da sensação, mas, se a gente fosse falar da consciência corporal, o que fica de sensação, percepção?

\_ Já disse, Norval. O meu está totalmente desacostumado a isso. Ofegante. Teve hora que faltou ar.

\_ Sentiu o cigarro, a coisa assim do...

\_ O cansaço.

\_ É, o cansaço.

\_ Esses alongamentos de posições ancestrais, como passar embaixo do arame que você passou assim, meio de lado, aí eu passei e deu uma dorzinha. É isso, o corpo desacostumado. Antigamente o pessoal não tinha esse problema e até muitas pessoas hoje não têm. Pessoas que lidam muito com isso, pessoas no campo, no interior, que normalmente trabalham em roça, que fazem todo tipo de atividade, têm mais contato com a natureza, eles têm mais essa flexibilidade que eu que sou urbana não tenho. Essa coisa que os nossos antepassados tinham. Era das cavernas, os homens caçavam. Teve uma hora que você foi mais ou menos agachado no mato, foi assim, abaixado. Todos aqueles movimentos eles tinham. A gente foi perdendo com o tempo. A civilização, o avião, a tecnologia, foi tirando isso da gente, foi tornando tudo mais prático. É essa coisa mesmo. Meu corpo não tá acostumado. E isso é uma pena, realmente eu acho. Eu gostaria muito que não fosse dessa forma, mas eu também sei que não faço por onde.

\_ Eu não tive medo não.

\_ Você falando, eu me lembrei agora de minha mãe. A minha mãe tem 68 anos. Ela passa no arame, se abaixa e aí abre o arame pra eu passar. Ela passa com uma habilidade extrema. E ela não usa calça comprida. Ela usa saia bem rodada e ela passa no arame todinho e não engancha a saia e é numa rapidez danada.

\_ E as pessoas eram assim e ainda são, sobrevivem até hoje assim.

\_ Agora depende também do ritmo do grupo. Porque no começo a galera foi tuco... tuco... tuco. O meu ritmo foi bem mais tranquilo que o ritmo do grupo inicial, até porque eu não sei quanto vai ser o tempo de caminhada. Então fui me poupando aqui atrás. Enquanto dá pra ver o pessoal, beleza!

\_ Você foi o último a aparecer no arame.

\_ Também eu tava olhando a paisagem. Eu não pensei coletivamente no começo, de acompanhar o grupo. Sei lá, dependendo da ótica, eu poderia ser um atraso, o cara que poderia atrapalhar. Poderia me perder. Analisando no conceito ancestral se fosse com uma tribo, uma caçada, eu ia atrasar a caçada.

\_ Seu atraso chamou a atenção de todo mundo.

\_ Você ficou lá trás mexendo e de vez em quando mesmo quem estava concentrado naquela paisagem perfeita, e cada um imaginando o que quer que seja, olhando para aquele infinito todo, o barulhinho de uma pessoa ainda lá trás no mato, ia perder a concentração e olhar.

\_ Sem falar uma palavra, o grupo definiu o próprio ritmo, é isso que eu acho interessante. Houve uma unanimidade e não foi o Norval não. É claro que tinha um momento que tinha uma pessoa em fila indiana na frente que definia o pulso, o ritmo, mas ali, no aberto, não. Ali qualquer um podia ser, entre aspas, o puxador de ritmo, ou ir muito na frente. Porque, é aquela estória, a gente instintivamente tem aquele lance de seguir, de ter o lance da liderança, entendeu? Eu acho que isso também é natural, a gente dá credibilidade a um membro do grupo pra liderar e pufo! Ir à frente entendeu?

\_ Isso também faz parte da ancestralidade.

\_ NORVAL: Esse passado ancestral, a ancestralidade, já tocaram muita coisa sobre a ancestralidade, já falaram bastante sobre algumas coisas ligadas à ancestralidade. Mas e em relação a esses ancestrais, o que a vivência tem a ver com...

\_ É tipo a pessoas fazer uma coisa aqui futuramente que já passou?

\_ NORVAL: Sim...

\_ Que já sabe que aconteceu.

\_ Assim como o Keim falou que parecia que não era uma coisa nova.

\_ Assim... Também a gente não sabe como é que foi com os orixás, como era com eles, mas a gente tem uma idéia das lendas. Aí, a gente para pra pensar um pouco. Quem é que ta

levando a gente? O Norval, que é de Xangô, às vezes a Prícia tava lá do lado dele, Oxum. Aí, às vezes, assim, a Fatinha do lado dele, Iansã e às vezes tinha eu também do lado dele, Iemanjá, a mãe dele do lado dele e sempre ia esse povo na frente, né? Achei um barato isso. (58'19'')

\_ NORVAL: Então vamos pra outro momento. Voltou o silêncio novamente.

2ª PARADA (1.06'35'')

\_ NORVAL: Fale um pouco do seu desenho, o que significa o desenho, o que significa.

\_ Um cacto. Pra mim é uma planta sagrada. Tem toda a resistência, toda força, mesmo com toda adversidade ele ta lá. Aí eu coloquei separado Iá que é minha mãe, Keim, porque Keim sou eu. Minha mãe ela sobrevive em tudo como este cacto, ela sempre estará lá.

\_ NORVAL: Como é que foi passar na lagoa?

\_ Foi tranquilo... senti segurança junto ao grupo.

- NORVAL: O que você construiu?

\_ Um coração cheio de saúde e amor, porque sem saúde, sem amor eu não vivo.

\_ NORVAL: Você sentiu o que, fazendo?

\_ A presença do meu orixá maravilhoso. Eu só tenho que agradecer a vida e a natureza.

\_ NORVAL: Prícia, qual a sensação que você acessou ao fazer o desenho?

\_ O desenho ou sobre o fato de está manipulando a areia?

\_ NORVAL: Tudo, fale um pouquinho sobre isso.

\_ Eu acho que mistura um pouco de cada coisa. Tem a questão, assim, de você manipular a terra e transformar naquilo que você tem em mente. Você pensa uma coisa e consegue transformar essa coisa da sua forma, na sua maneira, assim, na terra mesmo, é possível você transformar qualquer coisa que você desejar.

\_ NORVAL: como é que foi a sensação da lagoa?

\_ Eu sou uma mulher feita de água. Mesmo antes de saber que tenho um orixá ligado a isso. Mas assim, depois de todo esse calor e essa sensação assim, que querendo ou não seu corpo esquenta e você tem esse choque térmico. Assim, a água vai mudar os seus sentidos, e como! Eu nunca esqueço o Keim dizendo que quando ele está sentindo Iemanjá chegando é como se ele tivesse entrando na água, o corpo vai gelando aos poucos, dos pés a cabeça, sabe? Eu ainda não tive essa sensação, mas acredito que seja como eu me sinto. Depois de uma batalha de corrida, de subida, de descida e o seu corpo esquenta e você para na água. É como se adormecesse e você... sabe? Ta em outro mundo.

\_ NORVAL: E correr à noite, aqui nas dunas, pra você qual foi a sensação?

\_ É difícil explicar. Sensação muito estranha. São várias sensações. É uma sensação de liberdade, sensação de limpeza, é como se o vento fosse levando tudo. E a terra lhe puxando, porque a areia é fofa, e você vai cansando, e você travando essa batalha, a terra querendo lhe puxar e você não deixa, vai saindo e vai continuando e ela vai e você cansado de continuar e acaba na água e relaxa na água.

\_ NORVAL: Elaine, fale sobre o desenho.

\_ Você mandou fazer o desenho, né? Eu não tinha nada na minha mente sobre o que fazer, então fiz isso...

\_ NORVAL: Elaine, e a sensação de correr nas dunas?

\_ Eu gosto muito da natureza e, invadir essas terras sem nem saber quem são os donos, pular a cerca me trouxe sensação de liberdade. É uma aventura só. Agora, eu nunca tinha corrido assim, só areia, areia, areia. Achei uma sensação boa e ao mesmo tempo ruim. Todo mundo correndo à noite, tentando se esconder de alguma coisa que ta vindo atrás da gente. Mas aí, ao mesmo tempo, tem aquela alegria. Quando a Fatinha veio e saímos de mãos dadas, aí veio aquele sentimento de união de irmã, a tribo toda juntinha fortalecendo um ao outro. Então senti segurança e paz.

\_ O gostoso, de tocar a terra molhada, o friozinho, e foi saindo, foi saindo e de repente eu olhei e vi um planeta e vi a energia masculina e feminina desse planeta. Se você perguntasse qual a masculina e qual a feminina eu não saberia lhe dizer, porque elas se confundem, transitam entre si e aí, como se viesse um vendaval, ventania, o planeta se abre e confunde com o firmamento. E assim, ele não é uma coisa fechada, ele tá em conexão, em contato, em harmonia com o firmamento, com o todo. Então, essa energia masculina e feminina do planeta ela sai, vai e brinca pelo firmamento e volta e vem e alegra o nosso planeta, e sai e fica nesse movimento. Eu achei lindo meu desenho.



\_ NORVAL: Alaim e como é que foi pra você correr à noite?

\_ Maravilhoso.

\_ Foi ótimo, adrenalina, paz, tudo de bom. E vamos repetir de novo.

\_ Acabou por aí ou tem mais?

\_ NORVAL: calma, tem mais. OK vamos! (1.17'52")

3ª PARADA (1.28")

\_ NORVAL: Fale um pouquinho da sua experiência Keim.

- Tentei me adaptar. É a questão de todos os movimentos, é a questão de acomodação, uma acomodação que a gente faz você vai acomodando seu corpo. Eu achei interessante, quando a gente vinha subindo aquela duna que a gente vinha com as mãos. Aí eu fiquei pensando num movimento que eu acho que é dos chimpanzés, que eles não andam com a mão aberta, é fechada e eu vi realmente que com a mão fechada é mais fácil de apoiar pra ir que com as mãos abertas, porque vai com os dedos e os dedos ficam doloridos. Aí é a questão de descobrir. Você sozinho, lembra de alguma coisa e descobre: dessa maneira é mais fácil, é mais cômodo. É aquela coisa, você foi jogado naquele ambiente e aí você vai descobrir a melhor maneira de você seguir. Se bem, que seu corpo sempre sabe a melhor maneira, se não soubesse você não conseguiria chegar até o final.

\_ É engraçado, às vezes a gente acha que a roupa ajuda. A areia entrou na minha calça e eu nem sei como é que terminei, a minha roupa enganchando.

\_ É bom demais! Quando o primeiro entrou a gente olhou e disse: eu não acredito! Eu realmente fiquei com medo, claustrofobia. Aquelas coisas que passam na TV, aquela hora que mergulha na caverna, fica azunhada, não consegue reagir, não consegue respirar, não consegue se mexer, não consegue sair. E eu passei por isso agora. Mas engraçado, não fiquei com esse medo não. Agora, em algumas partes tinha galhos baixos, aí eu: pronto! Agora vou arranhar minha barriga inteira! E eu realmente to toda arranhada, mas no momento não to sentindo. Mas em relação à subida das dunas o meu joelho ta... O meu joelho ta inchado prá caramba. Trabalho o dia todo em pé e eu não faço mais nenhum exercício desde a capoeira, e, tipo subir a duna e descer a duna, o meu joelho ta só um bolãozinho. Mas assim... foi ótimo.

\_ Eu to querendo há algum tempo mudar de casa. Tipo uma kitchenette, um local bacana. O difícil não é a grana, não é o local, é o que eu vou levar, porque tenho muita coisa, tambor, caixa de som, guitarra, violão.

Aí o que acontece? Eu to aqui levando só uma pedra e ta me dando um trabalhão! Ta me dando um trabalho, mas ao mesmo tempo eu sinto uma grande mobilidade. Não, eu digo assim: quando você não tem muita coisa material, não é a questão de desapego, mas eu penso que quando a pessoa tem poucas posses, ela pode ter muito movimento, ela pode ir pra onde quer na vida. Ela tem mais liberdade de movimento. Eu acho isso interessante. Isso pra mim, ta vindo

num momento interessante, de reflexão da pedra. Até eu perguntei pro Alaim: poxa, essa pedra tem axé? Ele disse: não, eu não sei para o que você vai querer.

Mas, pra mim, mesmo que ela não sirva para nada, ela tem um sentido.

\_ Mas toda pedra tem axé, porque toda pedra é da natureza. É da terra, vem da terra, vem do mato.

\_ E você pediu licença pra levar essa pedra?

\_ Não, ela me chamou. Era a única que tinha no caminho: ai me tira daqui, eu to tão só.

\_ Uma coisa que eu venho notando é isso aqui. Que no início é muito desconfortável você fazer isso aqui. Aí quando você chega aqui você se sente tão bem que você senta, relaxa e coloca as mãos na terra para agradecer

\_ Não sei se era das plantas que vinha arrastando, ou se sei lá, tem alguma planta que faz coçar. Sei lá, to toda doida.

\_ NORVAL: e pra vocês dois, quando entraram.

\_ Não sei nem o que dizer. Tão legal. Parece que ta fazendo ginástica, é que nem camaleão descendo nas matas.

\_ Agora, essa parte aqui, eu me senti como uma cobra.

\_ Só faltava isso. A gente passa nas matas, ta perto do mar, na lagoa.

\_ Na água doce.

\_ Tomamos banho, misturamos com a terra, virou lama, passamos pela Nanã.

\_ Passamos pela mata de Oxossi.

\_ E vamos ao encontro de Iemanjá.

\_ NORVAL: todo esse movimento, o que é que tem a ver com a ancestralidade?



\_ União, eu acho.

\_ É diferente pra gente. Eu acho que não tem o mesmo impacto com outras pessoas. Você já deve ter feito com outras pessoas essa parte das pessoas ficarem deitadas na terra. Eu acho que pra quem não é de candomblé é diferente, tem outra sensação. Porque a gente já tem, já costuma reverenciar os altares, sabe? A gente já tem esse desprendimento. Eu me lembro da primeira vez que eu fiquei de cara no chão, que você roça levemente, mesmo sem querer, a testa no chão.

\_ A Prícia e eu ficamos deitadas, você fazendo parte da areia. A areia vinha de lá cobrindo a gente, fazendo parte da areia mesmo.

\_ É diferente assim, porque aqui você está em movimento, você ta nadando, deitado e tal. Mas aquele primeiro momento de ficar de joelho no cajueiro é reverência, faz parte do nosso dia a dia. Querendo ou não, lógico, que com o tempo meio que vai ficando mecânico. Por mais que a gente tenha reverência, mas não deixa de ser mecânico, quando a gente chega na correria, a gente faz como se fosse ginástica.

\_ Uma coisa que tem no dia a dia, que tem lá na roça que eu me lembrei, é de respeitar a natureza, não rasgar. É de fazer de tudo para não ofender a natureza, entendeu? Lá em cima, sobe... desce... as folhas do cajueiro... Isso aí é uma lição de vida, pra gente passar pra outras pessoas.

\_ Essa estória do Alaim ter dito de cuidar da natureza, principalmente quando ela tem esse significado mais profundo pra gente, eu tava lembrando quando a gente foi pra Viçosa, agora. A gente foi procurar uma cachoeira, porque eu ia arriar um omolokum. Eu fiz o omolokum e levei tudo, a parafernália toda. E a gente fez uma trilha só de mato para um lado, mato para o outro. O guia era um meninozinho deste tamanho, amigo da gente e ele tava levando a gente para um lugar. Antes da gente chegar, passamos por outro caminho aberto, movimentado e tinha que ser um lugar escondido, que tivesse umas pedras, mais lá pró meio do mato onde corria água, pra deixar, pra ninguém mexer. E quando a gente entrou na mata, eu lembrei que o Éden cuidou de tudo: comprou o fumo pra Ossaim, comprou a cachaça, a farofa para Exu. Assim, a gente foi entrando deixando uma oferenda pra cada dono do espaço que a gente tava entrando. Tipo assim, a permissão, a proteção. E assim mesmo, a gente se arranha, imagina não

tendo. A gente foi arriar o omolokum. Quando a gente chegou tinha muito lixo. O que é que a gente fez: todo mundo juntou o lixo inteiro, colocou num cantinho. Como não dava pra gente levar, porque a gente não tava com nada pra carregar, a gente pediu pró nosso mini-guia que fosse no outro dia com os outros amiguinhos, passar lá para limpar, levar o lixo que a gente juntou.

\_ E ele disse que a mãe-d'água não gostava de lixo.

\_ A mãe-d'água é Oxum, mas pra ele é mãe d'água. E o Édén, como quem não quer nada disse assim: aqui tem mãe- d'água, não tem Wesley? E ele disse: tem. Mas ela é boa ou é má? Aí ele disse: não, ela é má com quem suja a casa dela. Aí eu vi aquilo ali e disse: perfeito! Porque, pra ele é a mãe d'água, pra mim também, né? Assim... já é em outro espectro, de outra forma. Ele fez questão de ajudar a gente a limpar porque a mãe- d'água não ia gostar. E ele me ajudou a acender as velas quando eu não coloquei os tijolos para as velas não apagarem. Tentei acender várias vezes. Pedi pra Oiá parar um pouco o vento e nada! Acendia e apagava, acendia e apagava. Quando eu disse: eu desisto, a vela pufo, acendeu. Aí eu ajoelhei, bati a cabeça na pedra, bati palma, todo mundo bateu palma junto, até quem não sabia o que tava fazendo. Foi ótimo, foi lindo. E é justamente isso. Agora, tá lá. Os animais podem ter comido depois de eu ter arriado pra ela. Os bichos comem, a natureza trata de se reorganizar.

\_ Aí serve para os dois lados, tanto pra ela, como pra própria natureza.

\_ Lembrei de meu tio, irmão de meu pai. Ele era caçador e ele não ia pra mata sem um pedaço de fumo, porque toda vida que ele tava na mata tinha que dar um pedaço de fumo. Porque se não desse, não voltava com a caça. E ele dizia que uma vez ele esqueceu. E aí ele diz que vê o vulto. Meu filho é assim: a gente vê a caça, mira, ali se distrai e é o tempo que as outras caças se afastam. Você pode dar a volta que der que não mata nada. Ou dá o fumo, ou volta sem caça.

\_ Eu to me sentindo dentro de uma tribo. A gente sentada aqui na duna, contando estória, sem preocupação com o relógio.

\_ Pra mim o primeiro sinal é você tá em contato com a terra. A terra é a mãe, a mãe primeira, de onde saiu os primeiros que vão dar origem aos outros, até chegar a nós e que a gente

vai voltando pra poder vir os outros, a gente vai alimentando, porque ela precisa de alimento, porque se ela não se alimenta não dá fruto. Então, ela em si, é a grande ancestral. (1.44')

#### 4ª PARADA (1.47'48'')

NORVAL: Qual a sensação?

\_ Lavagem de alma completa, com direito a tudo. A lama de Nanã, puxão no pé de Oxum, perfeito, perfeito!

\_ Pra mim a água é como a volta ao útero, à volta a viver na água. Embora tudo possa parecer estranho, a água nunca vai parecer estranha. Pra mim ela é à volta. É a questão quando você se sente lavado, quando você se sente renovado. É assim, você voltou pra celulazinha e de lá você saiu de novo com todo aquele vigor.

\_ A sensação da água é única. Porque é alívio, ao mesmo tempo é um descarrego e é recarregar as baterias. Ela traduz muita coisa. Porque é assim, é o tempo todo. Tem o sentido também de você flutuar. Você sente a leveza do corpo também, de regular o corpo, a temperatura, tipo, eu to com frio, mas to melhor do que antes. Pode ser o tempo que for principalmente a gente que é de uma terra quente. Depois de você andar bastante tempo, esquenta o corpo.

\_ É a mesma sensação que a criança tem quando sai do útero.

\_ E o choque térmico. Não deixa de ser também no momento que você entra na água. Você leva um choque, um despertar. E engraçado, a água pode ser gelada, mas dá uma sensação de fogo também esse choque de temperatura. Aí você fica naquele barato!

\_ Maravilhoso. É como ele diz, não tem explicação. A gente explica, explica tudo, mas nunca chega ao ponto, porque não tem um ponto. Porque a água vem da natureza, a natureza tem vida, então, a água tem vida. Por isso a gente procura zelar pela natureza, porque é de lá que a gente tira de beber. Tudo a gente tira da água. Tudo é natureza. Maravilhoso!

\_ Foi gostoso. E a água bem quentinha. Quando é de manhã aquele sol quente a água gelada e agora, foi bem quentinho. Foi bom.

\_ E tu, como é a sensação de fazer tudo isso? Não falou nada até agora.

\_ NORVAL: Menina foi muita coisa nova. Porque normalmente nas luas a gente faz e não pede a verbalização, porque, na realidade, é só uma vivência de sensações, sentimentos e no final, às vezes é que você deixa aberto se quiser falar alguma coisa. Mas dessa vez, vocês falaram demais. E assim, falaram demais em relação às outras luas que é toda silenciosa.

\_ Por que você não entrou no mar, aqui no lago?

\_ NORVAL: Bem, é porque ontem eu fiz uma lua de mulheres, eu entrei ontem. Hoje de manhã eu tive outro grupo, entrei novamente. Isso que vocês fizeram, eu já fiz ontem e hoje.

\_ Mas não fez com a gente.

\_ NORVAL: claro, claro.

\_ Nós somos mais importantes.

\_ NORVAL: mais o problema, é que estou com frio.

\_ Você fez com os outros grupos, mas qual é a diferença?

\_ NORVAL: é muito diferente. Pelo menos, tipo assim, essa coisa de ta fazendo com o povo de santo. Como é a dissertação do meu mestrado, é bem diferente. Diferente, porque vocês têm outra percepção da natureza.

\_ É com o povo de santo? Só com o povo de santo?

\_ NORVAL: só.

\_ Os outros povos que você trouxe antes não perguntaram não?

\_ NORVAL: eu tenho até críticas, crônicas, escritos deles, mas que não chega à profundidade. São outras questões que são colocadas.

\_ Porque assim, a gente já sabe, já tem idéia.

\_ NORVAL: Já tem idéia, já tem uma relação mais íntima com a natureza, o que significa. (2.00'16'')

MELANCIA (2.27'36'')

\_ NORVAL: Éden, fala aí, primeiro assim, o sentido pra você de está comendo assim, se tem alguma coisa a ver com a ancestralidade.

\_ Assim, nesse momento agora, a comida ela dá o calor também. Nosso calor interno, as calorias e o fogo é o calor mesmo! O calor que afasta o frio e ao mesmo tempo é uma luz que tem mais força, mais intensidade. A gente vê melhor do que quando tava andando, que quando você ta andando você vê identidade, você vê vulto. Você fica querendo saber quem é quem, querendo buscar essa identidade do grupo. E você reconhece você vê que trabalha também isso, esse lance da percepção, com pouca luz, com a luz da lua.

\_ NORVAL: e no geral, qual a conclusão que você tirou da vivência?

\_ O geral, positivo. Só tem positivo, não vejo aspecto negativo, eu acho assim. Eu tenho vivências dessas anuais. Eu, duas vezes por ano, vou a Guaramiranga, vou pro festival de música e tiro um dia da programação pra isso. E agora foi a terceira, a de Viçosa, justamente, que é a que ela falou do Werley, que é um tipo de menino que eu queria até adotar, cheguei até esse ponto de adquirir uma coisa de pai pelo menino. Porque o menino passa o tempo todo com a gente. Enfim, é um lance meio louco. E isso, esse tipo de amor, foi justamente desse lance de ficar em contato com a gente, de mostrar a natureza de ter um domínio de espaço tremendo. É isso que me falta, que eu acho que é o domínio do corpo no espaço. Saber se locomover no espaço, não é saber pegar um ônibus, saber o nome da rua. É saber como você se comporta no espaço mesmo! Eu acho que pra mim, o essencial é isso. Que uma vivência como essa devia ser vivida semanalmente, senão, diariamente. Diariamente as neuroses urbanas, os compromissos, as correrias que lhe distanciam dessa paz. Eu acho que você ficar num local onde não tenha limitação de paredes e ao mesmo tempo, que você tenha contato com elementos, elementais da natureza é diferente. Focando que o fogo é um Elemental, a terra é um Elemental. Então você sente de uma maneira diferente, a gente tem essa sensibilidade, tem essa porta aberta, têm seus

arrepios, seus estalos, a presença, aquela onipresença do seu santo, do seu Elemental. Eu, pra mim é único.

\_ Você criou toda expectativa para aquilo. É como uma apoteose. Você foi atrás de algo, aí você voltou, aí você não achou nada, aí de repente você acha alguma coisa.

\_ Eu acho que tudo que uma pessoa passa na vida é uma experiência. Uma experiência de cada coisa pra passar futuramente para as pessoas. Vamos botar assim: que o que a gente aprende é paz, é respeito, amor,

\_ É também o lance da satisfação, sabe? É serotonina pura. Porque você caminha e tal, começa a gerar anseios e tal, aí começa a gerar força, você gasta energia.

\_ Se você tiver algum problema, uma decisão pra tomar a válvula de escape é aqui. Eu estava com uma preocupação, aí eu entrei ali, tomei um banho de mar já mudou o pensamento, agora to mais aliviado. Muda muitas coisas, a caminhada ajuda.

\_ Aqui ao lado da fogueira o interessante é cor. Você vê cores. Você vê, por exemplo, a melancia, se fosse na luz da lua ela era

\_ Preta ou cinza.

\_ Ou azulada. O azul da lua é aquele mesmo, como ela está agora. E aqui, a gente já vê cores que é outro lance interessante. Você já vê o vermelho, o preto, branco, já vê nuances o rajado da melancia. É um lance também que só a fogueira proporciona. O lance do cheiro da madeira, do som do fogo, porque o som, embora não seja absoluto, por causa das pessoas, mas fica lhe ninando.

\_ O fogo ninando você.

\_ É um barato.

\_ NORVAL: Keim falta aqui você falar o sentido que tem de comer junto à fogueira e fazer só uma conclusão geral do trabalho. Vamos por etapas, o que é ta olhando a fogueira comendo, que tem a ver com a ancestralidade, que relação você faz.

\_ Pra mim tem a questão de que o fogo não só consome, ele transforma. Ele é um agente transformador da natureza, e ta próximo é lembrar tudo que nossos antepassados fizeram lembrar o princípio da luz, é lembrar o princípio de movimento da preparação da comida mesmo, da questão da defesa que o fogo sempre foi usado como defesa dos animais ferozes. Então, pra mim, é lembrar tudo isso e como eu coloquei antes, é aquela questão de que a gente, sempre me vem à mente que a gente viveu isso em algum período da vida. Nada é novidade. Você pensa: eu to vivendo isso hoje. Posso não ter vivido esse momento há pouco tempo, mas eu devo ter vivido isso, em algum momento da minha vida isso já aconteceu. E eu acho que é por isso que faz tão bem a gente. É uma coisa natural e as coisas naturais completam o ser humano.

\_ NORVAL: E uma síntese da vivência toda, o que é que foi?

\_ Pra mim foi uma redescoberta, foi me ver. Pode não ter sido pela primeira vez, mas num momento muito concreto, me ver como ser humano, porque independente dessa correria e tudo é aquela coisa de parar tudo que faz parte de minha vida agora, pra fazer uma coisa que ta fora do meu convívio, fora mesmo da minha rotina. Então, pra mim, é aquela coisa, é o voltar pra casa, redescobrir-se como ser humano, redescobrir-se como animal, principalmente, redescobrir-me como parte da terra. Quando você coloca o pé no chão, você vê a energia que circula, que sobe, é a mesma.

\_ NORVAL: Quero agradecer a sua participação.

\_ NORVAL: Pra senhora, o que é está aqui na fogueira à meia-noite?

\_ Uma das coisas mais importantes da minha vida são vocês, uma das coisas mais importantes. Então, eu me acho como se fosse uma galinha cheia de pintinhos, todos dentro das asas, aquela super-proteção, aquela coisa. Então, você sabe pra mim o meu deus é a natureza, meu deus é tudo. É tanto, que eu peguei a melancia e joguei ali no chão, porque a areia eu sabia que não tinha problema, a terra ia pegar de volta. Jamais eu ia fazer qualquer coisa pra prejudicar a natureza. Eu tenho hoje a minha idade, eu não tenho condições de ter acompanhado que era tudo que eu queria. Já andei tanto de cavalo na vida, hoje não posso; bicicleta não pode; a pé também não posso. Então eu tenho que aceitar a situação, agradecer a deus estar viva e estar com vocês.

\_ NORVAL: Eu quero agradecer a presença da senhora, porque pra mim traz outro axé, mais forte e proteção pra gente. Foi muito lindo. Depois eu vou ver com a senhora o que eles falaram depois de ver as dunas, depois da corrida.

\_ NORVAL: Prícia, duas perguntas: uma, é o que é pra você ta aqui frente ao fogo, comendo, conversando?

\_ Bem, é assim. Eu não tenho muita familiaridade com o fogo assim, eu não fico muito confortável muito próximo. Acabei de me afastar. Mas assim, o fator fogueira e frutas e as pessoas reunidas, volta todo o raciocínio que a gente colocou durante todo o percurso. Essa questão das festanças, como eram feitas e como ainda são feitas em algumas tribos, quer seja na África, quer seja no interior do nordeste são quase sempre em torno de uma fogueira. É uma forma de se aquecer, é uma forma de iluminar. A fogueira é um símbolo de união, alegria. As pessoas dançam em volta, e a gente também faz isso. Eu acho que é isso, a fogueira representa união, esse calor: o calor humano.

\_ NORVAL: você faz alguma relação da fogueira com a ancestralidade?

\_ A questão da fogueira com a ancestralidade. Eu acho que olhar pra ela já diz tudo. O que é uma fogueira? A mistura de terra com pedaços de tronco de árvore, e o fogo, ele é absolutamente ancestral. Então, eu acho que todos esses elementos juntos eles se complementam e forma um todo.

\_ NORVAL: e uma síntese da vivência toda. Que sentido ficou pra você?

\_ Bom, a vivência com certeza foi indescritível. Eu superei literalmente os meus limites de tudo, desde o começo. Como todo mundo falou a questão do cansaço, a forma como alguém falou do renascimento na água, a questão do desafio de rastejar na areia passando por entre galhos. Foi um misto de sensações que no nosso dia a dia não existe, realmente não existe. Se existe são raros. Completa mudança, vontade de fazer todo final de semana. Perfeito, perfeito!

\_ NORVAL: quero agradecer por estar aqui e por ter contribuído. Teremos mais dois momentos depois. Um no Ilê e outro lá em casa.



#### 4.4 Análise classificatória do primeiro momento: as categorias encontradas

##### 4.4.1 Sensações e sentimentos

1\_ Eu senti sensações diferentes da areia e da mata. Na mata assim, aquela coisa de você parar e observar os sons e assim, querendo ou não você liga. Sabe, você sente o vento e você sabe de onde vem, e você escuta um pássaro que você também sabe quem ta cantando, entendeu?

2\_... Aí dá aquela sensação de que a gente se abaixa assim, ta se escondendo de algum inimigo que ta atrás da gente; ninguém pode falar nada. Aí chega lá todo mundo senta a procura d'água e ninguém acha nada, cadê a água. Senti um bicho, animal mesmo, sabe? Fugindo de um animal que está querendo nos caçar. Silêncio.

3\_ Sensação assim muito doida, louca mesmo. To gostando.

4\_ Eu senti mesmo só tranquilidade, a paz.

5\_ Você vai andando eu senti que mudava de terreno de uma hora para outra.

6\_ E teve uma hora que eu também queria sentir o cheiro da mata. Teve uma hora que as plantas batiam no rosto da gente e eu sentia o cheiro das folhas.

7\_ Gente, quando eu fiz xixi não senti o cheiro de mais nada, só da minha urina. Não é que eu esteja dizendo que estou com a urina forte, mas é o quanto um pequeno ato da gente interfere, impacta. O impacto que tem na natureza é um impacto forte. Um animal se afastaria dali pelo forte cheiro da minha urina, ou então, iria atrair uma onça.

8\_ E eu me lembrei do cheiro, daquele cheiro da folhinha seca que a gente pisava, com a umidade, o cheiro da areia, das plantas, a questão do medo que eu me lembro quando era criança que não queria ir na frente nem ser o último, porque eu sempre achava esquisito, podia ter alguma coisa de estranho ali. Então, o meu interesse era sempre ir pelo meio. Veio a minha memória tantas coisas que eu vivi na minha infância, de contato, porque os meus pais são agricultores. De tudo aquilo que eu vivi, de acordar cedo e sair pra roça e você sentir. Assim, quando chove a noite que você sente àquele cheirinho de orvalho. É muito gostoso. Trouxe-me tudo isso de volta.

9\_ . Quando a gente vê a gente não escuta tão bem, a gente não sente tão bem, a gente não cheira tão bem. Eu digo isso porque eu fiz um curso de cego. E eles escutam muito bem, eles sentem muito bem. Uma pessoa de longe eles sabem quem é pelo cheiro. Assim, o fato de ta escuro, a gente a meia luz sob a lua aguça o olfato da gente.

10\_ É muita paz, muita harmonia, tranquilidade.

11\_ . . . e eu ando meio assustada nessa cidade em que a gente vive. Fui pegar a Raiza. Ela mora lá depois do Benfica e eu fiquei pensando como vou chegar lá no posto. E tinha o Lagamar, aí eu não tenho coragem não. Conclusão: fui lá pelo Iguatemi pra pegar a coisa bem... né? Chegando aqui o começo do trabalho. A entrada na trilha. Olha gente, eu me senti numa paz, os medos foram embora, eu fiquei tão tranqüila, não tive medo de pisar. E as duas últimas vezes que vim aqui eu me acidentei. As duas vezes eu cortei o pé. Hoje eu entrei tranqüila, sem medo nenhum me sentindo assim fazendo parte, fazendo parte dessa natureza. Assim... sentindo o acolhimento da terra, ouvindo o canto dos pássaros. Passou um pássaro lá cantando pra gente. Essa coisa do mato que a gente viu e eu gostei de pisar nas folhas, o barulhinho das folhas e assim, a coisa dos sentidos. Quando a gente entra num trabalho desses, eu pelo menos sinto assim, é como se a gente se apercebesse dos sentidos da gente. Porque a gente esquece que tem olfato, que tem audição, que tem visão. Você fica nessa coisa tão louca do mundo moderno que vai esquecendo. E quando o Éden falou do cheiro do xixi dele é porque a gente aguça mesmo todos os sentidos aqui. O tato, bater na terra, essa percussão. Então eu me sinto assim, fazendo parte, sem medos, não lembrei que existe cobra, barata, nada. Nem a urtiga que sempre me pega, não me lembrei dela e ela também me deu uma trégua. E assim, muito feliz de ta aqui. Fui abençoada por essa lua belíssima lua.

12\_ Eu acho que mistura um pouco de cada coisa. Tem a questão, assim, de você manipular a terra e transformar naquilo que você tem em mente. Você pensa uma coisa e consegue transformar essa coisa da sua forma, na sua maneira, assim, na terra mesmo, é possível você transformar qualquer coisa que você desejar.

13 \_ É difícil explicar. Sensação muito estranha. São várias sensações. É uma sensação de liberdade, sensação de limpeza, é como se o vento fosse levando tudo. E a terra lhe puxando, porque a areia é fofa, e você vai cansando, e você travando essa batalha, a terra querendo lhe puxar e você não deixa, vai saindo e vai continuando e ela vai e você cansado de continuar e acaba na água e relaxa na água.

14 \_ Eu gosto muito da natureza e, invadir essas terras sem nem saber quem são os donos, pular a cerca me trouxe sensação de liberdade. É uma aventura só. Agora, eu nunca tinha corrido assim, só areia, areia, areia. Achei uma sensação boa e ao mesmo tempo ruim. Todo mundo correndo à noite, tentando se esconder de alguma coisa que ta vindo atrás da gente. Mas aí, ao mesmo tempo, tem aquela alegria. Quando a Fatinha veio e saímos de mãos dadas, aí veio aquele sentimento de união de irmã, a tribo toda juntinha fortalecendo um ao outro. Então senti segurança e paz.

15\_ O gostoso, de tocar a terra molhada, o friozinho, e foi saindo, foi saindo e de repente eu olhei e vi um planeta e vi a energia masculina e feminina desse planeta. Se você perguntasse qual a masculina e qual a feminina eu não saberia lhe dizer, porque elas se confundem, transitam entre si e aí, como se viesse um vendaval, ventania, o planeta se abre e confunde com o firmamento. E assim, ele não é uma coisa fechada, ele ta em conexão, em contato, em harmonia com o firmamento, com o todo. Então, essa energia masculina e feminina do planeta ela sai, vai e brinca pelo firmamento e volta e vem e alegre o nosso planeta, e sai e fica nesse movimento. Eu achei lindo meu desenho.

16\_ Uma coisa que eu venho notando é isso aqui. Que no início é muito desconfortável você fazer isso aqui. Aí quando você chega aqui você se sente tão bem, que você senta, relaxa e coloca as mãos.

17\_ Não sei se era das plantas que vinha arrastando, ou se sei lá, tem alguma planta que faz coçar. Sei lá, to toda doida.

18\_ Agora essa parte aqui, eu me senti como uma cobra.

19\_ A sensação da água é única. Porque é alívio, ao mesmo tempo é um descarrego e é recarregar as baterias. Ela traduz muita coisa. Porque é assim, é o tempo todo. Tem o sentido também de você flutuar. Você sente a leveza do corpo também, de regular o corpo, a temperatura, tipo, eu to com frio, mas to melhor do que antes. Pode ser o tempo que for, principalmente a gente que é de uma terra quente. Depois de você andar bastante tempo, esquenta o corpo.

20\_ E o choque térmico. Não deixa de ser também no momento que você entra na água. Você leva um choque, um despertar. E engraçado, a água pode ser gelada, mas dá uma sensação de fogo também esse choque de temperatura. Aí você fica naquele barato!

21\_ Foi gostoso. E a água bem quentinha.

22\_ Então você sente de uma maneira diferente, a gente tem essa sensibilidade, tem essa porta aberta, têm seus arrepios, seus estalos, a presença, aquela onipresença do seu santo, do seu Elemental. Eu, pra mim é único

23\_ Você criou toda expectativa para aquilo. É como uma apoteose. Você foi atrás de algo, aí você voltou, aí você não achou nada, aí de repente você acha alguma coisa.

24\_ Eu acho que tudo que uma pessoa passa na vida é uma experiência. Uma experiência de cada coisa pra passar futuramente para as pessoas. Vamos botar assim: que o que a gente aprende é paz, é respeito, amor.

25\_ Eu tava com uma preocupação, aí eu entrei ali, tomei um banho de mar já mudou o pensamento, agora tô mais aliviado. Muda muitas coisas, a caminhada ajuda.

26\_ Pra mim foi uma redescoberta, foi me ver. Pode não ter sido pela primeira vez, mas num momento muito concreto, me ver como ser humano, porque independente dessa correria e tudo é aquela coisa de parar tudo que faz parte de minha vida agora, pra fazer uma coisa que ta fora do meu convívio, fora mesmo da minha rotina. Então, pra mim, é aquela coisa, é o voltar pra casa, redescobrir-se como ser humano, redescobrir-se como animal, principalmente, redescobrir-me como parte da terra. Quando você coloca o pé no chão, você vê a energia que circula, que sobe, é a mesma.

27\_ Bom, a vivência com certeza foi indescritível. Eu superei, literalmente, os meus limites de tudo, desde o começo. Como todo mundo falou a questão do cansaço, a forma como alguém falou do renascimento na água, a questão do desafio de rastejar na areia, passando por entre galhos. Foi um misto de sensações que no nosso dia a dia não existe, realmente não existe. Se existe, são raros. Completa mudança, vontade de fazer todo final de semana. Perfeito, perfeito!

OBS.: Os itens 6, 7,8, e 9 tratam principalmente o cheiro com as seguintes diferenças: 6 fala do cheiro da mata, 7 do xixi, 8 da folhinha seca, da areia e do orvalho, 9 fala que a gente não cheira tão bem e que no curso de cegos eles sabem quem é o outro pelo cheiro.

Os itens 4, 10 e 11 retratam a paz, a harmonia e a tranqüilidade, sendo que a 11 faz uma contraposição com o medo.

O item 1 é o único que fala da escuta do som de um pássaro.

5, 12, 13,14 e 16 têm uma relação com a terra, com algumas diferenças:

5 fala da mudança de terreno de uma hora para outra, 12 fala da possibilidade de manipular a terra e transformar em qualquer coisa que você desejar, 13 comenta sobre a areia fofa e o sentimento de que a terra está lhe puxando, já 14 retrata a sensação de correr na areia, à noite e 16 retrata o sentar na terra, colocar a mão na terra e vem o sentimento de relaxamento.

3 e 17 falam da loucura. 3 fala da sensação de estar muito doida, louca mesmo e 17 que está doida.

\_ Assim... Também 2 e18 retratam o contato com o arquétipo do animal. 2 disse que se sentiu um bicho, animal mesmo, fugindo de um animal que estava querendo caçá-lo e 18 fala que se sentiu uma cobra.

19, 20, 21, 22, 25 e 27 falam do elemento água. 19 retrata a sensação única da água porque é alívio e ao mesmo tempo é um descarrego e é recarga das baterias. 20 disse que a água é engraçada, pois pode ser gelada e trazer uma sensação de fogo, como um choque térmico 21 disse que a água é quentinha. 22 relacionou com o seu orixá. 24 disse que após ter tomado o banho de mar mudou o pensamento, por demais diferentes, estava aliviado e 27 citou o renascimento na água.

23 comparou a vivência com uma apoteose.

24 fala de paz, respeito e amor;

26 retrata o autoconhecimento quando fala que foi uma redescoberta foi me ver, me ver como ser humano, como animal, principalmente redescobri-me como parte da terra

#### 4.4.2 Natureza

1 \_ O vento aqui é limpo.

2\_ Lá é tudo poluído.

3\_ Lá tem uma série de outras coisas. O vento aqui ta levando.

4\_ A Prícia e eu ficamos deitadas, você fazendo parte da areia. A areia vinha de lá cobrindo a gente, fazendo parte da areia mesmo.

5\_ Lembrei de meu tio, irmão de meu pai. Ele era caçador e ele não ia pra mata sem um pedaço de fumo, porque toda vida que ele tava na mata tinha que dar um pedaço de fumo. Porque se não desse, não voltava com a caça. E ele dizia que uma vez ele esqueceu. E aí ele diz que vê o vulto. Meu filho é assim: a gente vê a caça, mira, ali se distrai e é o tempo que as outras caças se afastam. Você pode dar a volta que der que não mata nada. Ou dá o fumo, ou volta sem caça.

6\_ Pra mim a água é como a volta ao útero, à volta a viver na água. Embora tudo possa parecer estranho, a água nunca vai parecer estranha. Pra mim ela é à volta.

7\_ Maravilhoso. É como ele diz, não tem explicação. A gente explica, explica tudo, mas nunca chega ao ponto, porque não tem um ponto. Porque a água vem da natureza, a natureza tem vida, então, a água tem vida. Por isso a gente procura zelar pela natureza, porque é de lá que a gente tira de beber. Tudo a gente tira da água. Tudo é natureza. Maravilhoso!

8\_ Quando é de manhã aquele sol quente a água gelada e agora, foi bem quentinho. Foi bom.

9\_ Assim, nesse momento agora a comida ela dá o calor também. Nosso calor interno, as calorias e o fogo é o calor mesmo! O calor que afasta o frio e ao mesmo tempo é uma luz que tem mais força, mais intensidade. A gente vê melhor do que quando tava andando, que quando você tá andando você vê identidade, você vê vulto. Você fica querendo saber quem é quem, querendo buscar essa identidade do grupo. E você reconhece, você vê que trabalha também isso, esse lance da percepção, com pouca luz, com a luz da lua

10\_ O geral, positivo. Só tem positivo, não vejo aspecto negativo, eu acho assim. Eu tenho vivências dessas anuais. Eu, duas vezes por ano vou pra Guaramiranga, vou pro festival de música e tiro um dia da programação pra isso. E agora foi a terceira, a de Viçosa, justamente, que é a que ela falou do Werley, que é um tipo de menino que eu queria até adotar, cheguei até esse ponto de adquirir uma coisa de pai pelo menino. Porque o menino passa o tempo todo com a gente. Enfim, é um lance meio louco. E isso, esse tipo de amor, foi justamente desse lance de ficar em contato com a gente, de mostrar a natureza de ter um domínio de espaço tremendo. É isso que me falta, que eu acho que é o domínio do corpo no espaço. Saber se locomover no espaço, não é saber pegar um ônibus, saber o nome da rua. É saber como você se comporta no espaço mesmo. Eu acho que pra mim, o essencial é isso. Que uma vivência como essa devia ser vivida semanalmente, senão, diariamente. Diariamente, as neuroses urbanas têm os compromissos, tem as correrias que lhe distanciam disso. Eu acho que você ficar num local onde não tenha limitação de paredes e ao mesmo tempo, que você tenha contato com elementos, elementais da natureza é diferente. Focando que o fogo é um Elemental, a terra é um Elemental

11\_ O fogo ninando você.

OBS: Os itens 1, 2 e 3 falam do vento. 1 fala que o vento na duna é limpo. 2 diz que na cidade é poluído e 3 que o vento tá levando.

4 fala da areia. A areia cobrindo os corpos. Os corpos fazendo parte da areia;

5 diverge de todas por tratar da relação do tio com a caça. Toda vez que o tio ia caçar levava um pedaço de fumo para dar a mata, porque se não desse, não voltava com a caça;

6, 7 e 8 falam da água. 6 disse que a água é como a volta ao útero, à volta a viver na água. 7 disse que a água vem da natureza, a natureza tem vida, então a água tem vida. Por isso a gente procura zelar pela natureza, porque é de lá que a gente tira de beber. Tudo a gente tira da água. Tudo é natureza. Maravilhoso e 8 falou da água gelada e que agora foi bem quentinho. Foi bom

9 e 11 retratam o fogo, sendo que 9 faz relação com o calor e o 11, mais simbólico, com a sensação de ninar.

10 fala do domínio do espaço, do domínio do corpo no espaço, a locomoção no espaço, a liberdade do espaço.

#### 4.4.3 Orixás/Candomblé

1\_ Assim, eu fico também muito ligado nisso, não só no que está acontecendo comigo, mas também com os outros e ao mesmo tempo linkando isso com a estória dos orixás. O lance das palmas, de saudar a terra. Lembrei Onilé, um orixá que mora embaixo da terra. Ele tem essa ligação ancestral com a terra. Quem conhece sabe que tem essa estória. Ela está escondida embaixo da terra, nenhum orixá viu a cara de Onilé. Ela é linda, belíssima, mas ninguém conhece o rosto dela. Tem essa estória, essa ligação e assim também como é que a gente interfere.

2\_ Na hora que ele se abaixou ali antes da entrada eu acho foi unificada pedir a permissão a natureza pra entrar. Eu pedi a Ossaim, chamei por Ossaim no pensamento: vamos entrar na sua mata.

3\_ Principalmente a gente que é de santo, que fala assim a nossa roça, nosso terreiro, ele é querendo ou não, ele tem a faixa que é representativa, mas aqui é de verdade. A gente não sabe como é que foi com os orixás, como era com eles, mas a gente tem uma idéia das lendas. Aí, a gente para pra pensar um pouco. Quem é que ta levando a gente? O Norval, que é de Xangô, às vezes a Prícia tava lá do lado dele, Oxum. Aí, às vezes, assim, a Fatinha do lado dele, Iansã e às vezes tinha eu também do lado dele, Iemanjá, a mãe dele do lado dele e sempre ia esse povo na frente, né? Achei um barato isso. (58' 19")

4\_ Vocês já perceberam que a gente está num dos antigos reinos de Oxum? Isso aqui era um lago, né? A gente ta bem dentro de um antigo lago mesmo. Presta atenção.

5\_ Então, o reino de Oxum

6\_ Um cacto. Pra mim é uma planta sagrada. Tem toda a resistência, toda força, mesmo com toda adversidade ele ta lá. Aí eu coloquei separado Iá que é minha mãe, Keim, porque Keim sou eu. Minha mãe ela sobrevive em tudo como este cacto, ela sempre estará lá.

7\_ Mas toda pedra tem axé, porque toda pedra é da natureza. É da terra, vem da terra, vem do mato.

8\_ E você pediu licença pra levar essa pedra?

9\_ Não, ela me chamou. Era a única que tinha no caminho: ai me tira daqui, eu to tão só.

10\_ Só faltava isso. A gente passa nas matas, ta perto do mar, na lagoa.

11\_ Tomamos banho, misturamos com a terra, virou lama, passamos pela Nanã.

12\_ Passamos pela mata de Oxossi.

13\_ E vamos ao encontro de Iemanjá

14\_ É diferente pra gente. Eu acho que não tem o mesmo impacto com outras pessoas. Você já deve ter feito com outras pessoas essa parte das pessoas ficarem deitadas na terra. Eu acho que pra quem não é de candomblé é diferente, tem outra sensação. Porque a gente já tem, já costuma reverenciar os altares, sabe? A gente já tem esse desprendimento. Eu me lembro da primeira vez que eu fiquei de cara no chão, que você roça levemente, mesmo sem querer, a testa no chão.

15\_ É diferente assim, porque aqui você está em movimento, você tá nadando, deitado e tal. Mas aquele primeiro momento de ficar de joelho no cajueiro é reverência, faz parte do nosso dia a dia. Querendo ou não, lógico, que com o tempo meio que vai ficando mecânico. Por mais que a gente tenha reverência, mas não deixa de ser mecânico, quando a gente chega na correria, a gente faz como se fosse ginástica.

16\_ Uma coisa que tem no dia a dia, que tem lá na roça que eu me lembrei, é de respeitar a natureza, não rasgar. É de fazer de tudo para não ofender a natureza, entendeu? Lá em cima, sobe, desce as folhas do cajueiro. Isso aí é uma lição de vida, pra gente passar pra outras pessoas.

17\_ Essa estória do Alaim ter dito de cuidar da natureza, principalmente quando ela tem esse significado mais profundo pra gente, eu tava lembrando quando a gente foi pra Viçosa, agora. A gente foi procurar uma cachoeira, porque eu ia arriar um omolokum. Eu fiz o omolokum e levei tudo, a parafernália toda. E a gente fez uma trilha só de mato para um lado, mato para o outro. O guia era um meninozinho deste tamanho, amigo da gente e ele tava levando a gente para um lugar. Antes de a gente chegar a gente passou por outro caminho aberto, movimentado e tinha que ser um lugar escondido, que tivesse umas pedras, mais lá pró meio do mato onde corria água, pra deixar, pra ninguém mexer. E quando a gente entrou na mata, eu lembrei que o Édén cuidou de tudo: comprou o fumo pra Ossaim, comprou a cachaça, a farofa para Exu. Assim, a gente foi entrando deixando uma oferenda pra cada dono do espaço que a gente tava entrando. Tipo assim, a permissão, a proteção. E assim mesmo, a gente se arranha, imagina não tendo. A gente foi arriar o omolokum. Quando a gente chegou tinha muito lixo. O que é que a gente fez: todo mundo juntou o lixo inteiro, colocou num cantinho. Como não dava pra gente levar, porque a gente não tava com nada pra carregar, a gente pediu pró nosso mini-guia que fosse no outro dia com os outros amiguinhos, passar lá para limpar, levar o lixo que a gente juntou.

18\_ E ele disse que a mãe-d'água não gostava de lixo.

19\_ A mãe-d'água é Oxum, mas pra ele é mãe d'água. E o Édén, como quem não quer nada disse assim: aqui tem mãe- d'água, não tem Wesley? E ele disse: tem. Mas ela é boa ou é má? Aí ele disse: não, ela é má com quem suja a casa dela. Aí eu vi aquilo ali e disse: perfeito! Porque, pra ele é a mãe d'água, pra mim também, né? Assim... já é em outro espectro, de outra forma. Ele fez questão de ajudar a gente a limpar porque a mãe-

d'água não ia gostar. E ele me ajudou a acender as velas quando eu não coloquei os tijolos para as velas não apagarem. Tentei acender várias vezes. Pedi pra Oiá parar um pouco o vento e nada! Acendia e apagava, acendia e apagava. Quando eu disse: eu desisto, a vela pufo, acendeu. Aí eu ajoelhei, bati a cabeça na pedra, bati palma, todo mundo bateu palma junto, até quem não sabia o que tava fazendo. Foi ótimo, foi lindo. E é justamente isso. Agora, tá lá. Os animais podem ter comido depois de eu ter arriado pra ela. Os bichos comem, a natureza trata de...

20\_ Aí serve para os dois lados, tanto pra ela, como pra própria natureza.

21\_ Lavagem de alma completa, com direito a tudo. A lama de Nanã, puxão no pé de Oxum, perfeito, perfeito!

OBS.: O item 1 fala do lance das palmas no chão, de saudar a terra, de Onilé, que está escondida embaixo da terra;

3, 6 e 16 fazem um paralelo entre o terreiro e a experiência. 3 retrata do imaginário do terreiro e o real da vivência. 6 fala da relação do cacto com a Ialorixá Mãe Valéria de Logunedé e 16 fala do respeito da natureza, não rasgar, não ofender a natureza.

4, 5, 10, 11, 12, 13, 20 e 21 falam dos reinos. 4,5, 10, 11, 12, 13, 20 e 21 falam dos reinos de Oxum, Oxossi, Yemanjá e Nana.

7 diverge de todas por tratar de um elemento específico, a pedra como fonte de axé.

2, 8, 9, 14 e 15 falam da licença a nossa Mãe Natureza como reverência. 2 fala da permissão a Ossaim para entrar na natureza; 8 fala da licença para pegar a pedra, 9 fala da comunicação com a pedra. 14 fala que lembrou da reverência aos altares do terreiro, do tocar a testa no a dia dizem para respeitar a natureza, não rasgar. 17 retrata o pedido de permissão e proteção para entrar na mata, fala do lixo e do movimento de limpeza do lixo. 18 informa que a mãe-d'água não gosta de lixo e 19 diz que a mãe-d'água é Oxum e conversa com o vento que é Oyá. cajueiro com as reverências no terreiro.

16, 17, 18 chão, com a licença para entrar na mata e 15 fala da reverência em ficar de joelho diante do e 19 falam da poluição e do cuidado com a nossa Mãe Natureza. 16 fala que lá na Roça, no dia...

#### 4.4.4 Corpo

1 \_ Quando eu cheguei tava muito vento, e eu sou muito alérgica ao vento. Eu pensei: meu deus! Vai fazer muito frio, eu vou espirrar tanto!

2\_ Como assim, alérgica ao vento?

3\_ É porque muito vento eu espirro demais.

4\_ Eu em casa com esse friozinho aqui eu tenho que me entocar dentro do quarto e fechar a janela, porque senão...



5\_ E aí eu entrei aqui. Não to sentindo frio, não dei um espirro, não tossi. É que eu tenho problema respiratório, quando tem muito vento, chuva, coisa quente, me pega mesmo pra valer! Mas to tranqüila, tranqüila e vou continuar assim até o fim da vivência.

6\_ É engraçado certo tipo de gestos que a gente faz aqui, que a gente não se toca. São gestos automatizados mesmo. Por exemplo, essa areia aqui, essa areia é limpíssima e a gente sempre quando desce da duna se limpa, tem o hábito de se limpar. Eu observava sempre isso. Quem se limpava, quem não se limpa

7\_ Eu observei que alguém desceu na areia nadando. Alguém quando se decidiu saiu na frente e foi nadando.

8\_ Gente, mas essa coisa também de descer na duna e tocar os corpos, coisa que no dia-a-dia na modernidade agente não faz. A gente não se toca. E a energia!

9\_ Subir assim, sem fazer força, é uma coreografia natural, cada um faz do seu jeito. Por mais que o Norval tenha feito isso.

10\_ Eu adorei bolar naquela areia.

11\_ Já disse Norval. O meu ta totalmente desacostumado a isso. Ofegante. Teve hora que faltou ar.

12\_ Sentiu o cigarro, a coisa assim do...

13\_ O cansaço.

14\_ Meu corpo não tá acostumado. E isso é uma pena, realmente eu acho. Eu gostaria muito que não fosse dessa forma, mas eu também sei que não faço por onde.

15\_ Agora depende também do ritmo do grupo. Porque no começo a galera foi, tuco, tuco, tuco. O meu ritmo foi bem mais tranqüilo que o ritmo do grupo inicial, até porque eu não sei quanto vai ser o tempo de caminhada. Então fui me poupando aqui atrás. Enquanto dá pra ver o pessoal, beleza!

16\_ Você foi o último a aparecer no arame.

17\_ Também eu tava olhando a paisagem. Eu não pensei coletivamente no começo, de acompanhar o grupo. Sei lá, dependendo da ótica, eu poderia ser um atraso, o cara que poderia atrapalhar. Poderia me perder. Analisando no conceito ancestral se fosse com uma tribo, uma caçada, eu ia atrasar a caçada.

18\_ Seu atraso chamou a atenção de todo mundo.

19\_ Você ficou lá trás mexendo e de vez em quando mesmo quem estava concentrado naquela paisagem perfeita, e cada um imaginando o que quer que seja, olhando para aquele infinito todo, o barulhinho de uma pessoa ainda lá trás no mato, ia perder a concentração e olhar.

20\_ Sem falar uma palavra, o grupo definiu o próprio ritmo, é isso que eu acho interessante. Houve uma unanimidade e não foi o Norval não. É claro que tinha um momento que tinha uma pessoa em fila indiana na frente que definia o pulso, o ritmo, mas ali, no aberto, não. Ali qualquer um podia ser, entre aspas, o puxador de ritmo, ou ir muito à frente. Porque, é aquela estória, a gente instintivamente tem aquele lance de seguir, de ter o lance da liderança, entendeu? Eu acho que isso também é natural, a gente dá credibilidade a um membro do grupo pra liderar e pufo! Ir à frente entendeu?

21- Tem que se adaptar. É a questão de todos os movimentos, é a questão de acomodação, uma reacomodação que a gente faz, você vai acomodando seu corpo. Eu achei interessante, quando a gente vinha subindo aquela duna que a gente vinha com as mãos. Aí eu fiquei pensando num movimento que eu acho que é dos chimpanzés, que eles não andam com a mão aberta, é fechada e eu vi realmente que com a mão fechada é mais fácil de apoiar pra ir que com as mãos abertas, porque vai com os dedos e os dedos ficam doloridos. Aí é a questão de descobrir. Você sozinho, lembra de alguma coisa e descobre: dessa maneira é mais fácil, é mais cômodo. É aquela coisa, você foi jogado naquele ambiente e aí você vai descobrir a melhor maneira de você seguir. Se bem, que seu corpo sempre sabe a melhor maneira, se não soubesse você não conseguiria chegar até o final.

22\_ É engraçado, a roupa às vezes a gente acha que ela ajuda. A areia entrou dentro da minha calça e eu nem sei como é que terminei, a minha roupa enganchando.

23\_ É bom demais! Quando o primeiro entrou a gente olhou e disse: eu não acredito! Eu realmente fiquei com medo, claustrofobia. Aquelas coisas que passam na TV, aquela hora que mergulha na caverna, fica azunhada, não consegue reagir, não consegue respirar, não consegue se mexer, não consegue sair. E eu passei por isso agora. Mas engraçado, não fiquei com esse medo não. Agora, em algumas partes tinha galhos baixos, aí eu: pronto! Agora vou arranhar minha barriga inteira! E eu realmente to toda arranhada, mas no momento não to sentindo. Mas em relação à subida das dunas o meu joelho ta... O meu joelho ta inchado prá caramba. Trabalho o dia todo em pé e eu não faço mais nenhum exercício desde a capoeira, e, tipo subir a duna e descer a duna, o meu joelho ta só um bolãozinho. Mas assim... foi ótimo.

24\_ Eu to querendo há algum tempo mudar de casa. Tipo uma kitchenette, um local bacana. O difícil não é a grana, não é o local, é o que eu vou levar, porque tenho muita coisa, tambor, caixa de som, guitarra, violão. Aí o que acontece? Eu to aqui levando só uma pedra e ta me dando um trabalhão! Ta me dando um trabalho, mas ao mesmo tempo eu sinto uma grande mobilidade. Não, eu digo assim: quando você não tem muita coisa material, não é a questão de desapego, mas eu penso que quando a pessoa tem poucas posses, ela pode ter muito movimento, ela pode ir pra onde quer na vida. Ela tem mais liberdade de movimento. Eu acho isso interessante. Isso pra mim, ta vindo num momento interessante, de reflexão da pedra. Até eu perguntei pró Alaim: poxa, essa pedra tem axé? Ele disse: não, eu não sei para o que você vai querer. Mas, pra mim, mesmo que ela não sirva para nada, ela tem um sentido.

25\_ É também o lance da satisfação, sabe? É serotonina pura. Porque você caminha e tal, começa a gerar anseios e tal, aí começa a gerar força, você gasta energia.

OBS. Os itens 1, 2, 3, 4, 5 falam do vento. 1, 2 e 3 falam da alergia ao vento. 4 e 5 falam do vento frio.

6, 7, 8, 9 e 10 falam do corpo e sua relação com as dunas. 6 fala do descer a duna como um ato de limpeza. 7 disse que observou alguém descendo a duna nadando. 8 descobriu que no dia-a-dia na modernidade a gente não se toca quando os corpos se tocam no descer a duna. é a energia... 9 sacou que subir a duna sem esforço é uma coreografia natural. Cada um faz do seu jeito. 10 disse que adorou bolar na areia.

11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19 e 20 falam do corpo e seus ritmos, do despreparo e da falta de hábitos. 11 fala da falta de ar e de convívio com as dunas. 12 fala que sentiu o cigarro. 13 do cansaço. 14 reconhece que seu corpo não está preparado. Ficou arrependido e gostaria muito que não fosse dessa forma. 15 fala do seu ritmo de caminhada e que foi se poupando atrás do grupo. 16 constata a afirmativa de 15. 17 faz uma metáfora com uma tribo, uma caçada. 18 retrata o atraso detectado por todos. 19 fala da sensibilidade da audição e percebe que o barulho das pisadas nas folhas provoca um som que atrapalha na meditação e 20 falou do ritmo que o próprio grupo definiu.

21 e 23 tratam das percepções e sensações do corpo. 21 observa o potencial que o corpo tem de acomodação e reacomodação do corpo. 23 fala dos medos e desconfortos sentidos durante a vivência.

22 é a única que fala da relação da roupa com o corpo e a areia e a roupa enganchando.

24 diferencia de todas as outras por falar do desapego material.

25 diverge das demais por falar em serotonina pura.

#### **4.4.5 Ancestralidade**

1\_ Eu to me sentindo assim, como se fosse muito antigamente. Que a gente vem numa caminhada e senta tranquilamente. Ta todo mundo aqui conversando, falando dos sentimentos. E é a primeira vez também que a gente faz isso. Sentar. E eu to achando assim tão bom, dá vontade de passar a noite assim.

2\_ Esses alongamentos de posições ancestrais, como passar embaixo do arame que você passou assim, meio de lado, aí eu passei e deu uma dorzinha. É isso, o corpo desacostumado. Antigamente o pessoal não tinha esse problema e até muitas pessoas hoje não têm. Pessoas que lidam muito com isso, pessoas no campo, no interior, que normalmente trabalham em roça, que fazem todo tipo de atividade, têm mais contato com a natureza, eles têm mais essa flexibilidade que eu que sou urbana não tenho. Essa coisa que os nossos antepassados tinham. Era das cavernas, os homens caçavam. Teve uma hora que você foi mais ou menos agachado no mato, foi assim, abaixado. Todos aqueles movimentos eles tinham. A gente foi perdendo com o tempo. A civilização, o avião, a tecnologia, foi tirando isso da gente, foi tornando tudo mais prático. É essa coisa mesmo. Meu corpo não ta acostumado. E isso é uma pena, realmente eu acho. Eu gostaria muito que não fosse dessa forma, mas eu também sei que não faço por onde.

3\_ Você falando, eu me lembrei agora de minha mãe. A minha mãe tem 68 anos. Ela passa no arame, se abaixa e aí abre o arame pra eu passar. Ela passa com uma habilidade extrema. E ela não usa calça comprida. Ela usa saia bem rodada e ela passa no arame todinho e não engancha a saia e é numa rapidez danada.

4\_ Eu to me sentindo dentro de uma tribo. A gente sentada aqui na duna, contando estória, sem preocupação com o relógio.

5\_ Pra mim o primeiro sinal é você ta em contato com a terra. A terra é a mãe, a mãe primeira, de onde saiu os primeiros que vão dar origem aos outros, até chegar a nós e que a gente vai voltando pra poder vir os outros, a gente vai alimentando, porque ela precisa de alimento, porque se ela não se alimenta não dá fruto. Então, ela em si, é a grande ancestral.

6\_ Bem é assim. Eu não tenho muita familiaridade com o fogo assim, eu não fico muito confortável muito próximo. Acabei de me afastar. Mas assim, o fator fogueira e frutas e as pessoas reunidas, volta todo o raciocínio que a gente colocou durante todo o percurso. Essa questão das festas como era feitas e como ainda são feitas em algumas tribos, quer seja na África, quer seja no interior do nordeste, são quase sempre em torno de uma fogueira. É uma forma de se aquecer, é uma forma de iluminar. A fogueira é um símbolo de união, alegria. As pessoas dançam em volta, e a gente também faz isso. Eu acho que é isso, a fogueira representa união, esse calor: o calor humano.

7\_ A questão da fogueira com a ancestralidade. Eu acho que olhar pra ela já diz tudo. O que é uma fogueira? A mistura de terra com pedaços de tronco de árvore, e o fogo, ele é absolutamente ancestral. Então, eu acho que todos esses elementos juntos eles se complementam e forma um todo.

OBS Os itens 1, 2, 3, e 4, falam do corpo na ancestralidade e sua relação com o moderno. 1 fala dos corpos sentados, tranquilamente, conversando um com os outros. 2 faz um paralelo entre os corpos rígidos da atualidade com a flexibilidade dos corpos ancestrais. Hoje os corpos estão desacostumados com relação aos movimentos ancestrais como passar por baixo da cerca e antigamente o pessoal não tinha esse problema. 3 cita a flexibilidade da mãe com 68 anos, quando ela passa na cerca de arame e abre o arame para ele passar. 4 fala da tranquilidade de ficar sentado na duna, se sentindo dentro de uma tribo, sem preocupação com o relógio. 5 diverge de todas por falar da terra enquanto mãe. 6 e 7 falam da fogueira. 6 fala da fogueira enquanto símbolo de união, alegria e calor humano, apesar de não ter familiaridade com o fogo e 7 da ancestralidade que a fogueira representa.

Apresento a seguir o estudo transversal que realizei onde estão destacados em itálico os confetos do grupo, descobertos após a análise classificatória. Esse texto está em forma de conto no qual utilizamos um enredo fictício como pretexto para mostrar as linhas de pensamento dos co-pesquisadores e seus cruzamentos.

#### 4.5 Quilombo ancestral

Luluda é um ET que projetou visitar algumas galáxias e, passando pelo sistema solar, ficou impressionado com todos os planetas, porém, o azul da atmosfera do planeta terra foi o que mais chamou sua atenção, resolveu então, entrar nele com sua possante nave. O detector de ozônio apitou informando que a camada da terra estava em péssimo estado. Ele registrou a ocorrência e continuou a descida. O aparelho que mede a poluição do ar foi para os limites do perigo informando que todo o oxigênio do planeta estava contaminado. Luluda ficou decepcionado com esses primeiros registros e foi catalogando.

Luluda, grande pesquisador e sabedor que a terra é habitada, incluíra no seu projeto de pesquisar o tema: **Consciência Corporal e Ancestralidade Africana**.

As telas da sua nave mostravam a grande massa verde que foi identificada como a Amazônia, com espaços em branco denunciando o desmatamento. Preocupado ele desceu na Mata Amazônica. Pousou sua nave na copa de um Baobá, fez as devidas reverências (Orixá) àquela árvore ancestral, transformou-se num negro e foi caminhando lentamente explorando o ambiente, até que descobriu uma trilha com acesso a uma Comunidade Quilombola.

Chegando à comunidade percebeu que estava acontecendo uma festa. Som de tambores, danças com movimentos voluptuosos, roupas festivas em tons coloridos; o ambiente tinha ar de encantamento. Havia um grupo de anciões que estavam sentados num grande tronco de mangabeira, observando o cenário. Luluda chegou para um deles e perguntou que festa era aquela. O *griot* falou que aquele ritual fazia parte da ancestralidade e da consciência corporal. Luluda ficou admirado com o ritual e, após se apresentar, perguntou ao *griot* quais os **sentimentos e sensações** acessados pelos participantes e como eles os relacionam com a consciência corporal e ancestralidade africana.

\_ Luluda; temos um princípio da ancestralidade africana que diz: “Dizer é fazer”. Então, para se apropriar dos conceitos ancestrais você tem que vivenciar. Vou chamar quatro amigos para que, a partir de um passeio pela floresta, possam construir alguns conceitos - explica o *griot*.

\_ Olá! Sou Gaja, moro aqui há 40 anos e sou artesão; esses três são meus irmãos: o Rono, o Juma e a Mali.

\_ Legal! - Cumprimentou Luluda - e todos foram caminhando para a selva.

\_ A selva para nós é a referência ancestral. A sua complexidade nos traz o sentimento de harmonia. Temos aqui todos os ecossistemas da nossa Mãe Natureza (Capra) convivendo num perfeito equilíbrio. Quando nos apropriamos da mata aguçamos todos os nossos sentidos, nos fortalecemos e ficamos literalmente atentos – ensina Gaja - conviver com o sensível do corpo aguça todos os nossos sentidos, particularmente os cheiros, e faz parte dos conceitos de consciência corporal e ancestralidade.

\_ Agora mesmo estou sentindo o *cheiro da mata e o cheiro das folhas* – observou Rono.

\_ Eu estou sentindo *o cheiro de xixi!* – fala Mali.

\_ Olhe o quanto um pequeno ato da gente impacta! -Diz Juma.

\_ O corpo somatiza, o corpo não esquece, o corpo fala, o corpo denuncia, o corpo guarda as lembranças, o corpo é ancestral, o corpo é centralidade – ensina Gaja

\_ Isso me faz lembrar *o cheiro da folhinha seca que a gente pisava, com a umidade o cheiro da areia, das plantas; quando chove à noite o cheiro de orvalho, muito gostoso* – coloca Mali.

\_ Claro Mali; são *cheiros-lembranças* – constata Rono – os cheiros impregnados no seu corpo reativam as lembranças do vivenciado.

\_ Legal Rono – interrompe Gaja – lembrei agora da sensibilidade dos cegos no tocante aos cheiros, eles ficam mais sensíveis por não terem a visão, porque quando a gente vê a gente não escuta tão bem, nem sente tão bem e nem cheira tão bem. Uma pessoa de longe eles sabem quem é pelo cheiro.

\_ *É o saber pelo cheiro* – conclui Juma.

Eles vão adentrando na mata úmida, na terra macia, os pés descalços no chão em profunda interatividade com a terra, esse elemento tão importante que nos alimenta e é referência da ancestralidade africana.

\_ Vejo que para tratar do seu tema de pesquisa Luluda, é preciso falar da relação com a terra. E para isso podemos usar um dos sentidos que é o tato. Por exemplo, agora sinto o quanto *muda o terreno de uma hora para a outra* – observa Mali.

Passam por uma casa de artesanato de barro onde estão secando vários objetos feitos pelos artesãos. Aproximando-se da casa encontram um dos artesãos, Joel, que cumprimenta a todos:

\_ Boa noite!

\_ Boa noite!

\_ Que beleza! - como se trabalha com a terra? – Pergunta Luluda.

\_ Em primeiro lugar, essa é uma profissão da ancestralidade africana que revela as inúmeras possibilidades de *manipular a terra e transformar naquilo que você desejar*. – Explica Joel.

A caminhada continua passando por dunas, lagoas e trilhas. Tudo é tão natural, belo, verde! Brincando eles vão mostrando a Luluda a Mãe Natureza. Para eles essa abordagem é a mais próxima da ancestralidade africana e da consciência corporal. Subindo e descendo dunas, entrando e saindo das lagoas a temperatura dos corpos foi aumentando, ficaram ofegantes com pulsação a 180 batimentos por minuto, gerando sensação de contato consigo mesmo.

\_ A areia fofa nos traz a sensação de que a terra está nos puxando – observa Gaja.

\_ *Travar batalha com a terra* - observa Mali – é um princípio da ancestralidade africana.

No final da duna o encontro com uma imensa lagoa negra, de água parada. O silêncio dos corpos combina com a paz transmitida pela lagoa e todos sentam na sua margem para descansar. Gaja se desloca lentamente e, pedindo permissão a Oxum, entra na água morna da lagoa e exclama: *\_ a água relaxa!*

Luluda já recuperado denuncia:

\_ Nunca tinha corrido assim, só areia, areia, areia. Achei uma *sensação boa e ao mesmo tempo ruim*. Todo mundo correndo à noite, tentando se esconder de alguma coisa que está vindo atrás da gente. Ao mesmo tempo tem aquela alegria, aquela união de irmão, de tribo.

\_ Luluda; correr, subir, descer em grupo faz parte das ações tribais e são essências da ancestralidade africana e da consciência corporal – explica Gaja – São ações que suscitam a *sensação boa/ruim*, pois transitam entre essas polaridades. Nos princípios da consciência corporal e da ancestralidade africana, tudo está conectado - ensina Gaja – então, *quando você coloca o pé no chão, você vê que a energia que circula, que sobe, é a mesma*.

\_ *Tocar na terra molhada, sentir o gosto do friozinho* são sensações que surgem quando o corpo se relaciona por inteiro com a nossa Mãe Terra – observa Mali.

\_ *Rastejar* na areia passando por entre os galhos – também faz parte da interação com a ancestralidade – reforça Mali.

\_ O corpo é positivo. A terra é negativa. Esse contato direto como era feito pelos ancestrais, o *sentar na terra, colocar a mão na terra e acessar o sentimento de relaxamento* fazem parte da ancestralidade e da consciência corporal – explica Rono.

E a caminhada continua, os sons dos tambores vão sumindo, reina um profundo silêncio e todos se olham. Luluda fica se sentindo totalmente fora do seu habitat e diz:

\_ *Parar tudo* o que faz parte de sua vida pra fazer uma coisa que está fora de seu convívio, fora mesmo da rotina, leva à redescoberta como ser humano como animal e principalmente como parte da terra.

\_ Tenho observado em minhas pesquisas que elementos criados pela tecnologia como TVs, Laptops, vídeo games, forno microondas, alimentos industrializados e bebidas alcoólicas são levados para os ambientes de serras, praias, sítios. Como fica a questão da ancestralidade africana e da consciência corporal? – Pergunta Luluda.

\_ É um assunto polêmico, mas considero que precisamos nos afastar dessa modernidade, um dos caminhos pode ser acessando o arquétipo do animal, o *sentir-se bicho*. – opina Gaja.

\_ Ou *sentir-se cobra* – especifica Mali.

\_ Fazendo uma pesquisa sobre a questão da água no planeta Terra – fala Luluda - vi que os países que possuem o controle industrial do planeta estão preocupados com esse problema. Al Gore, no seu documentário “Verdade Inconveniente”, faz uma profunda denúncia e alerta global. Nesse último Fórum Social Mundial, realizado em Belém-PA/, a questão da inviabilidade do Planeta de sobreviver foi tema de palestra de Leonardo Boff.

\_ Sim – reforça Gaja. Estamos acompanhando a discussão, mas, essas pessoas que discutem não têm se apropriado da relação corporal, de sensibilidade, de contato direto com os rios, com as cachoeiras, com o mar, com as águas profundas e as belezas que elas trazem para aqueles que convivem com esse elemento. Da mesma forma como falamos da importância que a terra tem para a ancestralidade, a água é um elemento imprescindível para a nossa reflexão sobre o seu tema.

\_ A sensação da água é única – fala Mali – *é descarrego e recarga de baterias. Você sente a leveza do corpo, o sentido de flutuar. É também a regulação da temperatura do corpo.*

\_ É a mesma sensação que a criança tem quando *sai do útero.* – observa Rono.

\_ Mas, se olharmos pelo lado da temperatura do corpo, existe outra reação totalmente diferente que é o *choque térmico*. Por exemplo, a água pode ser gelada, mas dá uma sensação de fogo. Quando você entra na água você leva um choque, um *despertar*. Nos conceitos de consciência corporal, acessar essas sensações gera um *barato!* – explica Gaja. Existem outras sensações provocadas quando o corpo se relaciona com a água como a *loucura*, a *apoteose* e o *renascimento*.

\_ Outro exemplo que quero trazer é sobre o poder curativo e de transformação do mar. Você pode estar com preocupações (carrego) e após o banho de mar acontece uma *mudança de pensamento* – complementa Gaja.

Ficaram todos parados em silêncio, degustando a sabedoria da ancestralidade africana, *os sons, escutando um pássaro e sentindo o vento*. E todos foram para as dunas; desceram rastejando de várias maneiras, em silêncio, curtindo o vento, a lua, a Mãe Natureza.

\_ É nessa interatividade que desperta o sensível do corpo, a consciência corporal. Nesse momento não existe a dicotomia homem/natureza - Luluda comenta. *A areia cobrindo faz parte dos corpos mesmo.*

Luluda explica que no seu planeta não há a sensação de medo e pergunta:

\_ Gaja, aqui na terra existe o medo?

\_ Sim, muito, mas o convívio com nossa Mãe **Natureza** que é um contato com ancestralidade africana e a consciência corporal, nos leva a dissipar esse sentimento.

\_ Concordo – disse Mali. Nos conceitos de ancestralidade africana, homem e natureza é uma coisa só, a mata faz parte do cotidiano. Quanto mais se fica na mata mais interação, mais intimidade. Aí você passa a *fazer parte da natureza*, a pisar nas folhas e perceber o barulhinho delas, você desce uma duna e seu corpo se confunde com a areia. Então *you lose the fear, you don't worry more about snakes, cockroaches or other animals.*



Luluda satisfeito pergunta:

\_ Qual a importância do vento pra vocês?

\_ O vento é um dos quatro elementos da natureza. É um grande condutor de energias. Quando o vento é limpo como aqui, ele traz uma sensação estranha de liberdade, de *limpeza*, o *vento leva tudo* – reforça Rono.

Entraram numa lagoa de águas escuras e curtiram um belo banho.

\_ *A água é à volta ao útero. A água nunca vai parecer estranha, porque ela é à volta* - fala Mali.

\_ Ainda sobre os quatro elementos, como é sentido o fogo? – pergunta Luluda.

\_ O fogo é movimento, é um símbolo da ancestralidade, é calor, transforma os espaços por onde ele passa, faz parte dos nossos rituais. É uma luz que tem mais força e mais intensidade – explica Gaja. Eu sinto o *fogo ninando*.

Luluda olha para a lua e pergunta:

\_ E a relação da lua com a consciência corporal?

\_ A lua transmite a sensibilidade e a feminilidade que temos dentro de nós. – coloca Gaja.

\_ A luz da lua também aguça os sentidos da visão e do olfato – observa Mali.

Na caminhada Luluda observa um brilho no meio da duna e vai à sua direção. Descobre que é uma pedra, e comenta:

\_ Essa pedra me traz a simbologia da liberdade de movimento, talvez pelas emoções vivenciadas aqui com todos vocês meus irmãos.

\_ Essa liberdade de movimento você só adquire com o *domínio do corpo no espaço* – fala Gaja.

\_ Como? Não entendo – exclama Luluda.

\_ É saber como você se comporta no espaço onde não tenha a limitação de paredes e que você tenha contatos com elementos da natureza – disse Gaja.

\_ Luluda diz: Você falou sobre simbologia da liberdade de movimento me veio um ensinamento ancestral que diz: o **corpo** é centralidade para todas as nossas ações e ações são movimentos.

\_ Novamente dunas. É a nossa Mãe Natureza nos mostrando a diversidade da vida - explica Gaja. Todos descem a duna deslizando como uma prancha de surf nas ondas do mar.

\_ Descer a duna é um ato de limpeza! – exclama Mali.

\_ Em consciência corporal o contato do corpo com a terra tem o sentido de depuração – diz Gaja.

\_ Esse contato com a terra que é tão ancestral, leva-me a comparar com o *corpo na modernidade*, onde as pessoas não se tocam, é um *corpo desacostumado*: cansado, poluído pelo cigarro, que tende a se poupar, que se desconcentra com qualquer barulhinho. É também um *corpo enganchado pela roupa* – fala Mali.

\_ Eu vejo que o corpo da atualidade é muito rígido em contraposição ao *corpo ancestral*, que possui a flexibilidade de *passar por baixo* – contribui Rono.

\_ Já no conceito da ancestralidade africana, encontramos o *corpo energia* que se materializa quando os corpos se tocam. Essa energia tonifica e modifica as ações do corpo. Observamos então os corpos esforçando-se para subir, saindo da facilidade, gerando um *corpo coreografia natural*, onde cada um realiza o movimento do seu jeito – diz Rono inspirado.

\_ É um *corpo em acomodação e reacomodação de si mesmo* – reforça Juma.

\_ Podemos trazer outro conceito como o *corpo sábio* que se manifesta quando você é jogado num ambiente e descobre a melhor maneira de seguir. Se bem que seu corpo sempre sabe a melhor maneira, se não soubesse não conseguiria chegar até o final – cogita Gaja.

\_ Existe também o conceito *mergulha na caverna* – avança Juma.

\_ O que é isso? – pergunta Luluda.

\_ É quando, mesmo com medo, você é agressivo, vai em frente – responde Juma satisfeito com o convívio.

\_ Percebi também outro conceito: *o corpo coletivo*. Fica muito claro, por exemplo, na diferença entre a fila indiana, quando uma pessoa define o ritmo em contraposição ao espaço aberto, quando o grupo em seu conjunto define – explicita Mali.

\_ Eu quero compartilhar com vocês um sentimento misto de prazer e dificuldade- externa Luluda. Quando estávamos rastejando na duna, eu senti o meu corpo *bolar na areia* e ao mesmo tempo o meu despreparo com os ritmos que colocamos, foi uma experiência impactante! Desculpem, estou muito ansioso, curioso e satisfeito com tudo que está acontecendo aqui. É uma overdose de sabedoria e conhecimentos. Sinto que vou sair daqui totalmente diferente, mas, uma coisa me incomoda. Todos falam de ancestralidade e estamos numa era pós-moderna, então pergunto: a **ancestralidade africana** pode ser atualizada?

\_ Claro Luluda – explica Gaja – Vejamos: sentados nessa duna agora, em círculo, tocando na nossa Mãe Terra nós realizamos um ato ancestral. Então estamos atualizando a ancestralidade.

\_ Quero colocar a metáfora da família que traz a relação de ancestralidade - disse Mali. *A Terra é a Mãe, a Mãe primeira de onde saíram os primeiros que vão dar origem aos outros até chegar a nós, e que a gente vai voltando para poder vir os outros.*

\_ Juma complementa – E essa relação tem também um sentido de retroalimentação como: a gente vai alimentando a nossa Mãe Terra porque ela precisa de alimento, porque se ela não se alimenta não dá fruto, então a *Terra em si é a grande ancestral*.

\_ Legal Juma – comenta Gaja, entusiasmado – a atualização da ancestralidade acontece numa relação de continuidade. Nesse nosso momento, convivemos também com o *sentimento de tribo*. Quando você está tranqüilo sem a preocupação com o relógio nem o celular.

Voltaram para a comunidade satisfeitos com a caminhada, os banhos e as vivências.

\_ Que linda fogueira! - exclama Luluda olhando admirado para as labaredas da grande fogueira no centro do largo da comunidade. Mali, quais são as relações que vocês fazem da fogueira com nosso tema?

\_ *A fogueira é festança* – diz Rono.

\_ *A fogueira é união* – reforça Juma.

\_ *A fogueira é a própria ancestralidade* – fala Gaja com sabedoria.

\_ A fogueira me leva a lembrar de Xangô, o **orixá** do fogo no **candomblé**, o guerreiro que protege as nossas aldeias e nossa comunidade. Sou filho de Xangô e esta festa que está acontecendo agora é para Ele. – explica Gaja.

\_ Qual a relação dos orixás com a ancestralidade – pergunta Luluda curioso.

\_ Da mesma forma como nós nos preocupamos em alimentar a nossa Mãe Terra, nós reverenciamos todos os reinos da natureza, por exemplo: quando ajoelhamos e colocamos a testa na terra, estávamos pedindo licença ao Orixá Oxossi, que é o protetor das matas, para entrar.

\_ E também para Ossaim que cuida das ervas – complementa Rono.

\_ Na lagoa, antes de entrarmos, reverenciamos o orixá Oxum – Diz Mali.

\_ No mar saudamos o orixá Yemanjá – fala Juma.

\_ Na lama da lagoa lembramos Nanã – reforça Gaja.

\_ Quando estamos batendo as mãos na terra, saudando a terra, chamamos Onilé que é o orixá que mora debaixo da terra.

\_ Toda pedra tem axé. Pedimos licença também para pegar as pedras – fala Rono.

\_ Oiá fala através do vento para nós – comenta Mali.

\_ Também temos preocupação com a poluição e o cuidado com a nossa Mãe Natureza – diz Juma.

\_ No dia a dia procuramos *não rasgar a natureza* – reforça Rono.

\_ Estou muito contente, agradecido por ter acessado tanta sabedoria e ensinamentos que, com certeza, em nenhuma outra galáxia eu teria encontrado. Como é linda a cultura de matriz africana. Obrigado a todos e todas, agradece Luluda.

Um círculo foi formado por todos os componentes do quilombo; um dos griots coloca Luluda no centro, juntos dançam e cantam um oriki de Xangô para celebrar sua visita. Emocionado Luluda chora e introspectivo, retorna à nave para continuar sua viagem sideral

## 5 SEGUNDO MOMENTO DA PESQUISA: DANÇA AFRO

### 5.1 Como nasceu e como acontece comumente

Meu primeiro contato com a dança africana foi no Terreiro, no Largo da Massaramduba, em Salvador-Ba, onde tive minha iniciação no Candomblé. Posteriormente, fiz contato com os blocos afros Ilé Ayê, Muzenza, Olodum, Filhos de Gandhi; frequentei alguns cursos e participei da Associação de Capoeira Mestre Bimba/Mestre Vermelho onde tive como professor Mestre Bambo que, influenciado pela sua passagem no Balé Folclórico da Bahia, dava algumas aulas de Dança Afro.

Com a criação da nova sede do Tempo Livre em agosto de 2000, veio à necessidade de colocar “a Casa para dançar”, então criei as sessões de Dança Afro às sextas-feiras, das 19:00 às 21:00hs. A atividade sempre tem início em círculo, com uma melancia colocada no centro da Oca Mãe. As pessoas são convidadas a descobrirem as diversas possibilidades de interagirem ora com a melancia, ora com o tambor, ora com paus de bambu.





A vivência começa com uma pessoa passando para outra, a sua maneira, o elemento (melancia ou outro qualquer), e assim sucessivamente. Os movimentos são espontâneos, lentos, nos mais diversos planos. Às vezes executamos um corrido onde eu canto e todos repetem o refrão. Em seguida, todos/as vão para o chão em silêncio, deitam, peço para se sentirem relaxados e coloco uma música, lenta e suave (blues/jazz - Duke Ellington, Pinepol Perkins, Billie Holiday, etc.). Sugiro que se desloquem fluidamente pelo solo, em seguida, estímulo a fazerem movimentos onde percebam o peso do seu próprio corpo.



Outro momento muito estimulante é o experimento da construção de um buraco, onde o participante cria um espaço entre seu próprio corpo e o solo, o outro é convidado a passar nesse espaço e, após a passagem, ele cria seu próprio espaço para o outro passar. Depois fazemos isso com quatro pessoas, uma dupla fazendo o espaço para a outra passar, em seguida fazemos com oito pessoas, onde o quarteto cria o espaço, depois com dezesseis pessoas e assim sucessivamente.



Em seguida vamos todos para os movimentos de dança usando ritmos africanos e da sua diáspora (reggae, salsa, rumba, samba, etc.) ora com coreografias pré-estabelecidas, tendo como influência danças de alguma região africana, ora um Ijexá, buscando os afoxés de Salvador-Ba, ora o samba de roda da região de Cachoeira-Ba. Há momentos onde são estimulados o canto e a dança. Finalizamos com um momento de relaxamento. Depois, em círculo, fazemos o compartilhamento (sentimentos e emoções) do que ocorreu na sessão, abrimos a melancia e dividimos, um entregando ao outro a talhada e saímos sorrindo.

## **5.2 Como aconteceu com o grupo**

Com o grupo co-pesquisador (Fatinha, Elaine, Romário, Franklin, Lindemberg, Fabrício, Rafael, Ivonildo, Valéria, Ana Paula, Raiza, Mãe Valéria Cirlene, Desterro) o momento veio naturalmente com todos em círculo e a melancia no centro. Expliquei sobre a vivência e pedi para ficarem deitados como se estivessem em suas camas. Coloquei uma música de Duke Ellington e todos começaram a se mover lentamente, espreguiçando, tentando utilizar o máximo de espaço possível (a vivência aconteceu no Tempo Livre - Oca Mãe (com área equivalente a 14 metros de diâmetro). Aquecidos e alongados fomos para o segundo momento.

O grupo foi orientado a formar duplas e um dos componentes da dupla criaria um espaço entre o seu corpo e o solo. Seu parceiro passaria por esse túnel e criaria outro espaço para seu companheiro de dupla passar. Depois de quatro construções de espaços, as duplas se confrontavam entre si fazendo passagem dois a dois, depois quatro a quatro, sempre o quarteto construindo espaços e o outro quarteto passando. Em seguida trocavam as posições, ou seja, ora um passando nos espaços construídos, ora construindo.

## **5.3 Verbalizações do segundo momento da pesquisa**

LOCAL: Tempo Livre – Espaço de Consciência Corporal e Ancestralidade Africana.

Cinco De outubro de dois mil e sete. Estou aqui com Raiza, são vinte e duas horas e vinte minutos, iniciando o segundo momento da pesquisa da minha tese do mestrado, aqui no Tempo Livre – Espaço de Consciência Corporal e Ancestralidade Africana.

1º MOMENTO: espreguiçar, movimentos lentos. (até 6'05'')

Música

2º MOMENTO



\_ Norval: perfeito, legal, agora observe, temos 2, 4, 6, 8, 10, vamos formar duplas. No silêncio, certo? Aí eu posso subir aqui, passar por baixo, tudo lento; então eu entro ali, passo aqui; vamos ficar interagindo.

Agora, normalmente, evitar o plano alto, sempre ficar no plano médio ou baixo e pode criar situações em que um entra o outro sai, mas sempre médio e baixo, silencioso e lento. Em outro momento eu vou pedir para juntar duas duplas, as duas duplas vão criar espaço para os quatro entrarem, saírem, entrarem, devagar, no silêncio. (Sem música, de 8'51" a 18'36").

\_ NORVAL: Não pode conversar certo? (isso no decorrer da vivência).

Aos 16'27" Norval começa a tocar Kalimba e depois passa para Mãe Valéria continuar tocando.

\_ NORVAL: OK, beleza, massa, ótimo, é isso aí. Vamos pra cá, beleza!

Bem. Vamos agora, assim, essa coisa assim. É... o tema é corpo e ancestralidade, essa coisa do ancestral, do corpo, mas, independente do tema, o que é que sentiu o que sente quando começa a ham... , aí vai, vem volta, quer dizer, o que é que sente quando o corpo sai do padrão normal de ficar só sentado na cadeira, só em pé, só caminhando, sentado no ônibus, mas quando você vai pra posições diferentes. Claro que está bem diferente do que estava antes. Dá pra notar logo aqui pelas caras, mas assim, qual é a sensação que trás?



\_ Liberdade.

\_ NORVAL: Liberdade...

\_ Expressar livremente.

\_ Sensação de construção, construção de algo, buscando construir algo, esse algo ainda por descobrir através desses movimentos, onde você ta entrando, onde você ta saindo, onde você estava na passagem, né? Aí, isso aí é a construção dessa busca, desses movimentos.

\_ Eu diria desconstruir, ao invés de construir. Eu acho que a gente já constrói tanto. Acho que esse é o momento em que a gente desconstrói o cotidiano, onde a gente desconstrói o comum, o que não é comum fazer isso, que tem muito novo que você faz toda manhã, mas não é você.

\_ Eu tava pensando... Eu nem me lembro o que tava pensando, o que tava acontecendo naquela hora. Só sei que deu uma vontade de dormir. Ainda to com o corpo mole aqui. Nem me lembro o que tava pensando. Só sei que tava relaxando. Gostei da musiquinha da Mãe Valéria. Que tava acorda correndo, você na tem tempo de acordar. Então prá mim, é desconstruir tudo aquilo que você foi fazendo dia após dia. É o diferente.

\_ Pra mim, também é desconstruir, desconstruir o indivíduo. Porque fica aquela coisa da fluidez como se fosse a água, não tem mais a Fatinha, não tem mais ele, não tem mais ela, é uma unidade coletiva, é uma coletiva unidade. Eu não sei, é como se cada um se desmanchasse e cada um de nós nesse desmanchar formasse um único. Não deixa de ser um desconstruir para construir algo novo, nesse sentido de que é uma coisa muito diferente. Eu me sinto assim como se eu saísse de mim mesma e ali já não era mais eu, era alguma coisa assim que não dá para explicar através da palavra.

\_ O interessante é isso, né? O eu é aquilo ou o eu sou o agora? Ou o eu sou esse movimento?

\_ Pronto, é isso aí.

\_ Eu acho que essa confusão se dá pelo pouco conhecimento que a gente tem sobre si mesmo. A gente se conhece tão pouco, que quando a gente se vê nós nos confundimos.

\_ E é uma confusão gostosa, é uma coisa gostosa. É tudo, mas não dá para explicar. É uma sensação gostosa. Você esquece que ta com a bunda de fora, você esquece que ta de bunda pra cima, você deixa tudo que é preconceito. Como é que eu to, como é que eu vou sair na foto. Não existe isso.

\_ Você se sente à vontade.

\_ É. É como se você saísse mesmo disso aqui, para o etéreo, partisse para uma coisa além.

\_ É um construir desconstruindo. Conhecer se conhecendo.

\_ É um construir desconstruindo, é um desconstruir. É essa mistura, é como se fosse a fluidez da água mesmo.

\_ No primeiro momento, do espreguiçar, eu senti muita expansão. Eu me senti muito me expandindo e depois foi muito uma experiência também de descoberta do meu corpo, principalmente nas partes mais que eu não me dou conta no cotidiano. Do meu abdômen, das minhas pernas, dos meus pés, dos meus dedos, das minhas costas. Então, à medida que eu ia descobrindo, ia experimentando, ia experimentando e descobrindo e isso ia se tornando prazeroso, e durante todo o movimento senti uma sensação muito grande de prazer. Foi muito prazeroso, principalmente no momento da interação. É o prazer de descobrir que eu podia interagir com o outro também. Que eu poderia fazer os movimentos e que além de mim também tava o outro. Foi muito assim, uma sensação de descoberta, de algo que é novo. E aí você vai experimentando e vai mostrando e vai experimentando. E se fosse deixar a gente ia descobrir cada vez mais experimentando. Então, a partir desse experimento a gente vai tendo um prazer nas descobertas. Pra mim, foi muito isso.

\_ Eu relaxei muito. Pensei coisas que tava na minha cabeça. Tava muito... Deu pra relaxar, pensar mais positivo, entendeu? Muita paz, muito aberto, muito à vontade, entendeu? Acho que se isso acontecesse todo dia pra mim seria muito melhor pra encarar o mundo de

frente. Acho que seria melhor pra tomar umas decisões, ir para outras, bom para o corpo, alongamento, paz, acho tudo de bom. Eu vejo tipo uma nova experiência.

Um silêncio. Aí de repente aquela musiquinha. Aí eu, que é isso? Nossa! Botaram um CD pra gente, ainda bem, né? Aí quando fui ver era ela que tava tocando.

\_ Eu gostei muito. Melhor do que perfeito. Nunca pensei em fazer isso. Como eu aqueci tanto. Nesse aquecimento teve um tempo que fiquei que nunca aconteceu comigo, nunca imaginei. Nessa hora tive muito que fazer. Depois não soube mais por onde terminar. Só isso.

\_ É um ser livre pra se expressar do jeito que acha. Porque você sai ali, volta por cima. É um sentimento de força e ao mesmo tempo de se expressar como se deve. Ah! Eu vou passar por aqui. Aí quando tem uma pessoa passando por baixo de você, você tem que segurar outra que ta passando por cima. É uma ótima coisa, é uma terapia muito boa. Eu acho que uma das melhores terapias. Também não pensei que seria tão bom desse jeito. Gostei muito.

\_ É uma coisa bem doida, a energia do outro. Aí vem por aqui que dá, aqui ta apertado, mas aquele ali dá, e é só olhando assim.

\_ E é a questão do silêncio, tudo muito lento, não poder falar. Fica às vezes rápido, aí vem por aqui, por aqui, e a vai. Assim, uma leitura do corpo, o corpo transferindo uma mensagem pro outro.

\_ É assim... Não existe um estudo, eu vou pisar aqui. Mas ninguém machuca ninguém. É tudo muito leve, e a gente sempre encontra onde botar o pé, onde colocar a mão, por onde passar. É assim a coisa do indiferenciado, porque você não sabe em quem ta tocando. Você não se percebe porque, como são muitos movimentos, lentos mais rápidos, porque são muitas pessoas passando, né? E aí é o indiferenciado. Você não sabe quem ta passando. E aí eu tava pensando, se deixasse essa vivência por mais tempo ia acontecer, com certeza, transcendência. A gente ia sair mesmo! Ia, porque leva a isso.

\_ Ia entrando, porque você começa e a respiração começa a alterar também, e o suor, e o cansaço.

\_ Você não se dá conta do que está a sua volta. Você vai saindo mesmo!

\_ E a própria resistência do corpo. Você vai percebendo que no começo você tenta com as duas mãos, mas depois você percebe que dá pra ficar só com uma mão.

\_ Sim, você nem sente.

\_ Depois você percebe que dá pra ficar só com uma perna.

\_ É como MURAH diz no começo: é uma sensação de liberdade. Porque você se vê onde tem sempre um lugar pra você passar.

\_ E era muito junto, também. Tinha momentos que tava assim tão... Era um bolo só, era como um pulsar... não dava mais...

\_ Outro aspecto que também me chama muito atenção é o fato de você não poder falar, pra não correr o risco de racionalizações, de mandar o que fazer, mas você entendia e ao mesmo tempo entendia o que as pessoas estavam lhe falando, quando elas estavam abertas pra eu passar. Como eu também tentava me expressar dizendo que eu estava disponível então quando alguém fazia. É eu acho que foi interessante essa questão de quando a gente fazia movimento para permitir o outro passar, como também a gente percebia que o outro também dava essa abertura pra gente. Às vezes era um olhar, às vezes era algum gesto que dava esse sinal pra gente.

\_ A gente se desmancha depois sai.

\_ E eu não sei se aconteceu com vocês também, mas comigo era assim, num momento eu tentava passar por baixo, num outro momento eu tentava, sempre fazer essa...

\_ Dava passagem para o outro.

\_ Isso. Sempre essa alternância

\_ Vivência rápida, né?

\_ Eu achei também gostoso a parte de espreguiçar. Eu nunca tinha dado uma espreguiçada assim como dei hoje. Porque eu sempre acordo com o barulho da televisão, ou com os meus irmãos gritando, ou com o barulho do ônibus passando em frente lá de casa. Sempre. Nunca acordo dando aquela espreguiçada. É sempre, vallha-me deus, o que é isso? O que

aconteceu? E é tão gostoso, né? Acordar assim, o corpo espreguiçar. Dá uma dorzinha. Quando a gente ta toda enrolada, quebrar tudo, não sabe o que fazer. Aí dar uma dorzinha. Eu fiquei sentindo dor, viu?

\_ Assim... quando entra em contato com aquela muvuca de movimento, uma hora você sempre se dava fora. Aí quando eu me dava fora do movimento, não. Quero voltar, quero voltar!

\_ Verdade. Parece um útero.

\_ E tem gente que parava e ficava olhando. Aí eu, não, vou puxar. Aí eu ia e puxava também.

\_ Essa preocupação de ver quem estava fora e ir buscar. Mas eu também tava assim: o que foi que aconteceu porra, não ta olhando quem ta de fora? E ir buscar.

\_ A melhor parte é lá embaixo. Todo mundo em cima de ti.

\_ Mas interessante é, pelo menos eu que tava fora, eu não estava imaginando, olhando os outros. É como se eu não tivesse pra observar o movimento dos outros, é como se eu tivesse tentando entender a minha parte naquela estória, naquele movimento. É como se eu tivesse me vendo. Eu nesse lugar. Eu posso está lá no meio, posso está aqui, estando em algum lugar estou construindo ou desconstruindo alguma coisa. Eu lembrei agora do tempo que eu fazia teatro que quando a gente subia no palco o Haroldo Serra dizia assim: gente é hora de tirar a máscara da vida e colocar a máscara do personagem. Aí eu lembrei. Aqui a gente vai tirar a máscara da vida, não há um personagem pra vestir essa máscara. Sou eu, agora, como diz o povo do interior, nu e cru.

\_ Agora, ele falando assim, eu me lembrei muito. Eu participei uma época de um grupo que é da Silvia Moura, dança contemporânea. E ela trabalhava muito isso, essa questão de misturar todo mundo, construir, desconstruir, procurar algo novo, ta entendendo? Esses movimentos, a questão também tem muito a ver de como cair de como ta ali naquele momento, ta ali naquele momento sem machucar, sem se machucar, participando, entrando, saindo, totalmente despreocupada com qualquer coisa, ali solta, só no movimento, na questão da necessidade do corpo, de está presente dentro dos movimentos, ta solta a qualquer coisa. Nesse

exato momento não se consegue pensar em nada. Você só consegue ver o seguinte: que ali tem um local pra você, que você pode entrar e você vai lá descobrir aquilo ali, saber o que é que tem ali e dali, já conseqüentemente, sem calcular já dá oportunidade de uma passagem para o outro, de algo assim que eu acho legal, eu acho muito interessante essa coisa de você ta ali trabalhando e ta solto, ta livre de qualquer coisa naquele momento, de qualquer pensamento, qualquer ação. Você não calcula, ta acontecendo, mas livremente, sem cálculo, sem nada. Acho que isso é muito interessante. Eu gosto de trabalhar com esse tipo de terapia, exercício, eu não sei como é que se deve chamar. Movimento.

NORVAL: Agora, você em especial, a grávida. Em algum momento você, tipo assim, a coisa do medo. Ai meu deus, a minha barriga!

\_ Não, não. De forma alguma. Até mesmo grávida procurei buscar movimentos que talvez se fosse qualquer outra grávida teria até medo. Não, é como eu lhe disse, liberei-me de todas as preocupações, de qualquer coisa. Eu acho que quando a gente ta num momento como esse, numa vivência como essa, a gente tem que separar as coisas, né? Nada premeditado, nada calculado sai tão justo. Acho que quando você busca isso, de não calcular, de se livrar, ta entendendo? É só a estória mesmo de você trabalhar com o movimento, de ver as oportunidades e de dar as oportunidades. Acho que isso é uma troca de energia, de tudo. Em nenhum momento teve essa preocupação não. Foi livre.

\_ Foi muito leve, né?

\_ Eu trabalhei com a Murah no primeiro momento de dupla e não senti diferença nenhuma em ter trabalhado com ela. Como eu já fiz esses movimentos com outras pessoas em outras oportunidades, não vi diferença nenhuma dessas pessoas pra ela hoje, com esse barrigão que ela ta ai. Fluida, abrindo, passando, tranqüila. É tanto que eu nem pensei em me preocupar com a barriga dela.

Outra coisa que você falou ai da dança contemporânea. Eu faço dança contemporânea. A gente trabalha muito performance. E aqui, não deixou de ser uma performance. E eu não sei como é que ficaram as pessoas que estavam vindo de fora, mas a impressão que eu tenho é que ficou bonito.

\_ Foi lindo. A minha área, que é uma área diferente da contemporânea, mas as nossas expressões são bem marcadas porque nós temos expressões de nações inteiras nações brancas, negras, indígenas. Então assim, não há diferença de expressão porque seu movimento vai partir da expressão de seu corpo. A expressão tem que ser lá de dentro. Você dá um marco, uma passagem, um período. Assim: agora nós vamos marcar o xaxado da década de 30. O bico, a cara feia, a sobrancelha que quiser própria de cada um. O movimento aqui foi de cada um, mas no conjunto geral trabalhou com cada um. Expressão é mais fechada. Mas a expressão é de cada um, própria de cada um.

\_ Eu não sei assim, como os outros viram, mas pra mim esses movimentos me levam a esvaziar a mente, sabe? Ninguém sabe nada. Nem pensava no que ia fazer e nem nada. É tanto que eu não observei, por ter esvaziado a mente, talvez, não me preocupei com quem tava fora, com quem tava dentro, não sei, não sei lhe dizer quem ficou do lado de fora, quem passou por cima de mim, quem passou por baixo, não me pergunte que eu não sei. Realmente eu esvaziei. E eu tenho uma facilidade muito grande de transcender. Por sinal, tenho muito medo disso, sempre tive. Fazia biodança, quando começava a coisa aí eu... eu tinha muito medo, e tenho, ainda. Mas eu saio mesmo, quando entro nesse movimento da coisa da lentidão. Eu sempre falo pro Norval, gosto demais, trabalhar a força na lentidão. O que não deixou de ser aqui. A gente trabalhou força aqui. E a coisa da lentidão me leva a transcender, e foi muito isso. E na dança contemporânea também me leva. Quando começa a trabalhar performance, tem horas que me leva que depois eu: onde é que to. Eu to aqui. Mas foi muito bom, achei muito legal, trabalhar com os irmãos, os corpos dos irmãos próximos, foi muito legal.

\_ Foi uma desaceleração mental. Desacelerar aquele biorritmo do dia todo, da correria, desacelerar, colocar a mente numa marcha bem lenta e deixar fluir, esperar pelo outro.

\_ Quando o Norval estava na dança. Ele deu uma parada na dança afro. Mas eu sempre colocava isso aqui na sexta-feira. Porque era sexta-feira à noite, que é o dia da balada, que você sai do trabalho querendo, né? Mas eu chegava aqui e saía numa paz tão grande. É como se fosse fechar a minha semana mesmo. Era a minha terapia aquilo. Lavava a minha alma. O problema que eu tinha na semana esvaziava aqui sempre. E esse trabalho me leva muito a isso: desacelerar.



\_ Interessante, é que no comum da vida, a gente, pelo menos eu, não tenho a mesma proximidade com todos, a mesma relação. Mas no movimento é diferente. Você sente que é a mesma coisa, não importa quem ta passando, qualquer pessoa é a mesma energia.

\_ É isso mesmo, a energia é uma.

\_ É só que eu observando, vi que eles tentavam uma organização com liberdade, eu senti muito se organizando com liberdade.

NORVAL: Pra mim esse momento eu sempre me surpreendo pela plástica, pelo que é construído dentro de uma desconstrução, como vocês colocaram muito bem. Porque eu observo muito os corpos, os movimentos na rua, onde for. E às vezes não quero fazer análise e não tem muita novidade não. Mas assim, quando chega nesse momento eu fico admirado, admirado, porque tem um preconceito colocado de que, ah! Não tem noção disso, não tem formação daquilo e não teve treino daquilo. Mas quando a coisa acontece nesse nível nem precisa daquela formação, entendeu? Ou da escola de teatro tal, da escola de dança tal, porque é tão espontâneo e como o corpo é sábio, como se comunica no silêncio.

\_ É pura vibração de energia.

\_ NORVAL: Eu fico só curtindo... de formas nunca dantes assim vista, porque tudo é muito único, tudo é muito primeiro.

E a coisa que eu falei da Murah e da grávida. Eu fiquei pensando... porque olha o bolo que ta ali. Ta ali, tal... mas o bolo ia tomando várias formas.

\_ Ninguém se machucou.

\_ Um bolo compacto e suave, como senti a Murah...

\_ NORVAL: Pronto... é isso aí.

Até 43'59"

### 3º MOMENTO

\_ NORVAL: Eu vou trazer talvez umas cinco músicas. E assim... é espontâneo mesmo que nós vamos trazer. Apesar da casa trabalhar coreografia, mas hoje não tem coreografia. É o que acharem que devem fazer com o som que cai, tá certo? Não vamos determinar plano médio, plano baixo, você pode transitar nesses planos, fiquem à vontade pra transitar em cima da música que cai sem nenhum problema, Certo? Então vamos ver. Vamos começar em cima.

MÚSICAS: de 45'54" até 1.10'58"

\_ NORVAL: Massa, ótimo. Sentados... sentados... relaxados... viu a brincadeira? Vamos aos comentários... sentimentos... sensações...

\_Sinceramente, foi melhor do que um forró. Desde segunda-feira eu tava doida pra vir pra cá. Aí minha mãe disse que meu pai não deixou, aí meu pai disse que deixou. Fiquei doidinha. Fui pra casa. Assim que fechei o portão a Mãe Valéria chegou. Fui entrando logo no carro, não quis nem saber. Quando eu cheguei aqui foi legal.

\_ NORVAL: Essa dança lhe traz o que?

\_ Eu me solto aqui mais do que em qualquer outro lugar, assim... sem palavras, sem palavras.

\_ Pra mim foi liberdade, muito prazer, transcendi mesmo!

\_ Primeiro vem à dança. Eu acho a dança muito importante. Quais as religiões que não têm dança? A católica? A evangélica? A mórmon?

\_ Muito gostoso, muita alegria, muita paz. Senti liberdade. Senti muito leve. Senti, como é que se pode dizer, senti-me no candomblé. Senti pronto! Senti meu orixá dançando.

\_Sim, mas você sabe que os orixás só vêm em lugar propício. Porque se ele chegar em qualquer local não é orixá.

\_ Não, eu sei. A senhora sabe como é... eu senti...

\_ A alegria.

\_ A alegria. Tive aquele pensamento positivo.

\_ Eu senti a presença dos orixás, dancei com os orixás.

\_ A sensação de alegria foi tão grande que está todo mundo sem palavras.

\_ Eu acho que pra mim foi o mesmo sentimento. Foi muita festa, sentimento de alegria que é o sentimento de expansão. O interessante é que antes de vir para cá eu tava justamente pensando nisso. Eu tava em casa aí lembrei, amanhã é sábado, dia de Oxum. Aí toda vez eu lembro um trequinho daquela música que a Betânia canta: “eu quero declarar aos de casa que to chegando, quem sabe venha... em festa”. E eu acho que é isso, essa sensação de candomblé é vida. E vida é alegria e expansão. É tudo aquilo que manifesta. É essa coisa que vai pipocando em tudo. No movimento, no estalo, no sorriso. É esse constante pipocar de vida igual à pipoca, em cada instante pipocando, vai se revelando e vai se mostrando. E interessante, é que quanto mais a gente dança, assim... você tá com a sensação de cansaço, para a música, se tocar outra você pega o pique de novo, de novo, de novo, e vai sempre se renovando. É como as águas, vêm, vêm, vão e voltam.

O que eu achei mais gostoso foi que à medida que o tempo foi passando a gente foi interagindo de tal maneira, espontaneamente a gente começou a dançar, a gente começou a se juntar todo mundo. Tem uma frase da Clarice Lispector que ela diz: tudo no mundo começou com um sim. Uma molécula disse sim a outra molécula e a vida nasceu. E cada um foi dando sim pro outro como se fosse várias moléculazinhas soltas. Aí depois vai se juntando, se juntando. Isso aí tocava até de manhã, o povo ficava dançando e cada vez mais esse sentimento de conexão, de unidade. Pra mim foi muito esse sentimento de unidade.

\_ Pegando sua carona, essa coisa que eu tinha até falado antes, aqui eu soltei os meus diabinhos e com eles o cansaço. Eu tava cansada de ontem, foi o dia todo na rua e de repente ele vai embora e o corpo começa a responder... uma coisa gostosa, você já tem mais flexibilidade, o movimento vai se expandindo, se abrindo e de repente a gente tá de novo na unidade, de repente já não tá sozinha, já tá com ela, já tá com ela, vai todo mundo se agrupando e essa coisa que é uma festa. É uma das coisas que mais me atrai no candomblé, que eu ainda sou simpaticante, é

exatamente essa alegria que a religião tem, da dança, do atabaque, da terra, do bater no chão e dessa unidade que eu não sei se a gente podia chamar família, forma uma unidade. É todo mundo como se fosse mesmo mãe, filho e irmão. É aquele aconchego de estar todo mundo ali, juntinho; diferente das outras religiões que eu conheço em que as pessoas fingem que são irmãos só na hora do rito, mas, depois não sabem nem quem são. Parece mais uma atitude para se mostrar à sociedade. No candomblé eu não vejo isso, eu vejo muito unidade, a família, a mãe, o filho, os orixás que também são mães, pais, filhos e filhas e, essa humanização me traz muita alegria. E essa casa. Primeiro conheci essa casa depois fui conhecer o candomblé e eu acho que um é a extensão do outro, como se isso aqui fosse a continuidade da casa de candomblé que eu estou freqüentando. Então, é muito gratificante estar, nesse momento, aqui com vocês... é muito bom.

\_ Eu acho que no candomblé é diferente. Não critica ninguém, a gente não ta pra censurar.

\_ É uma família, Mãe, eu vejo como uma família.

\_ A gente ta só pra somar, pra crescer. Eu acho que falando de religião todas são maravilhosas, entendeu? Não tenho nada que dizer de nenhuma. O que a gente quer é ter espaço, ninguém quer o espaço de ninguém.

\_ Continuando... essa relação que a gente cria, por aí a fora, eles acham que a gente ta fazendo horrores. A nossa união é que nos dar energia. Isso é que fortalece nosso axé, nossa casa, é essa relação que a gente tem acima de tudo. Os orixás não estão esperando apenas que a gente faça aquelas coisas mecanicamente, eles estão se alimentando de toda harmonia que tem na casa. E a dança trouxe isso. Veio à própria imagem. A gente se vê, a gente estreita os laços embora a gente não tenha tido uma ligação muito grande, mas a partir de hoje, desse momento, já está estreita cada vez mais essa relação entre a gente.

\_ Vocês falando em dança, quero lembrar que a gente tem que ter uns treinos, pois a dança no candomblé é bem diferente, cada gesto é de acordo com a dança do orixá. As pessoas que não conhecem querem dançar do jeito que dançam no salão de festas e não pode ser assim. Tem que haver o respeito às tradições, aos orixás.

APÓS UNS INSTANTES DE SILÊNCIO...

\_ Fala Norval.

NORVAL: Eu estou esperando se alguém quer falar mais alguma coisa.

\_ Eu olhei pro Norval agora e pensei: ele ta cochilando ou esperando que alguém fale alguma coisa?

\_NORVAL: Não, eu estou esperando. Fala amor.

\_ Não, fala você

\_NORVAL: Fala.

\_ Eu ia fazer uma pergunta. Por que só melancia? Por que é redonda, parece com a terra, por que é verde?

\_NORVAL: Tem tudo isso. Por ser redonda, por ser verde, por ter mais água, por ser vermelha por dentro.

\_ Porque gosta né?

\_ NORVAL: Porque gosto. E ela me acompanha em todo ritual. Todo ritual eu boto ela na frente. Faz parte.

\_ Eu só sei uma coisa, viver, mas viver! Cultivar uma vida é cultivar a saúde, a felicidade, amizade. Isso é viver.

\_ NORVAL: Também foi contagiante, termino entrando, porque tem um momento da dança que na realidade você termina transpirando mesmo.

É tudo que vocês falaram aí. Eu me identifico muito com a dança, gosto, traz muita tranquilidade, também muita harmonia.

Bem, então... agradecer as presenças e vamos para nossa melancia, né?

1.26'22''

## 5.4 Análise classificatória do segundo momento da pesquisa: categorias encontradas

### 5.4.1 Liberdade

1. Sinceramente, foi melhor do que um forró. Desde segunda-feira eu tava doida pra vir pra cá. Aí minha mãe disse que meu pai não deixou, aí meu pai disse que deixou. Fiquei doidinha. Fui pra casa. Assim que fechei o portão a Mãe Valéria chegou. Fui entrando logo no carro, não quis nem saber. Quando eu cheguei aqui foi legal.
2. Eu me **solto** aqui mais do que em qualquer outro lugar, assim... sem palavras, sem palavras.
3. Senti liberdade.

Os itens 1,2 3 convergem quanto às sensações de liberdade e soltura.

### 5.4.2 Construção e desconstrução

1. Sensação de construção, construção de algo, **buscando** construir algo, esse algo ainda por descobrir através desses movimentos, onde você ta entrando, onde você ta saindo, onde você estava na passagem, né? Aí, isso aí é a construção dessa busca, desses movimentos
2. Eu diria **desconstruir**, ao invés de construir. Eu acho que a gente já constrói tanto. Acho que esse é o momento em que a gente **desconstrói o cotidiano**, onde a gente desconstrói o comum, o que não é comum fazer isso, que tem muito novo que você faz toda manhã, mas não é. Você acorda correndo, você na tem tempo de acordar. Então prá mim, é desconstruir tudo aquilo que você foi fazendo dia após dia. É o diferente.
3. Pra mim, também é desconstruir, **desconstruir o indivíduo**. Porque fica aquela coisa da fluidez como se fosse a água, não tem mais a Fatinha, não tem mais ele, não tem mais ela, é

uma unidade coletiva, é uma **coletiva unidade**. Eu não sei, é como se cada um se desmanchasse e cada um de nós nesse **desmanchar formasse um único**. Não deixa de ser um desconstruir para construir algo novo, nesse sentido de que é uma coisa muito diferente. Eu me sinto assim como se eu sáísse de mim mesma e ali já não era mais eu, era alguma coisa assim que não dá para explicar através da palavra.

4. É um **construir desconstruindo**
5. É um construir desconstruindo, é um desconstruir. É essa mistura, é como se fosse a fluidez da água mesmo.
6. Eu posso estar lá no meio, posso estar aqui, estando em algum lugar estou construindo ou desconstruindo alguma coisa.

O item 01 diverge de todos os demais porque enfatiza unicamente a dimensão de construção do movimento;

O itens 2 e 3 convergem porque tratam da dimensão de desconstrução; do movimento, sendo que o 2 refere-se à **desconstrução do que é comum no cotidiano**, já o 3 relaciona a desconstrução com o **desmanchar do indivíduo no coletivo**.

4, 5 e 6 convergem porque relacionam construção e desconstrução.

### 5.4.3 Transcendência

1. Depois não soube mais por onde terminar. Só isso.
2. E aí é **o indiferenciado**. Você não sabe quem tá passando. E aí eu tava pensando, se deixasse essa vivência por mais tempo ia acontecer, com certeza, transcendência. A gente ia sair mesmo! Ia, porque leva a isso.
3. Você não se dá conta do que está a sua volta. Você vai **saindo** mesmo!

4. Nesse exato momento não se consegue pensar em nada. Você só consegue ver o seguinte: que ali tem um local pra você, que você pode entrar e você vai lá
5. Pra mim foi **liberdade, muito prazer**, transcendi mesmo!
6. É como se você saísse mesmo disso aqui, para o etéreo, partisse para uma coisa além.

Os itens 2, 3 e 6 relacionam a transcendência com o fato de **sair de si mesmo**.

1, 4 e 5 divergem entre si por ressaltarem diferentes formas de transcendência, a saber: 1 coloca a sensação de infinitude do movimento, 4 enfatiza o grau de concentração e 5 refere às dimensões de liberdade e prazer.

5 diverge das demais por relacionar a transcendência com liberdade e prazer.

#### 5.4.4 Prazer/Alegria

1. Então, à medida que eu ia descobrindo, ia experimentando, ia experimentando e descobrindo e isso ia se tornando prazeroso, e durante todo o movimento senti uma sensação muito grande de prazer. Foi muito prazeroso, principalmente no momento da interação. É o prazer de descobrir que eu podia interagir com o outro também. Que eu poderia fazer os movimentos e que além de mim também tava o outro. Foi muito assim, uma sensação de descoberta, de algo que é novo. E aí você vai experimentando e vai mostrando e vai experimentando. E se fosse deixar a gente ia descobrir cada vez mais experimentando. Então, a partir desse experimento a gente vai tendo um prazer nas descobertas. Pra mim, foi muito isso.
2. Mas foi muito bom, achei muito legal, trabalhar com os irmãos, os corpos dos irmãos próximos, foi muito legal;
3. E é uma confusão gostosa, é uma coisa gostosa. É tudo, mas não dá para explicar. É uma sensação gostosa. Você esquece que o com a bunda de fora, você esquece que ta de bunda



pra cima, você deixa tudo que é preconceito. Como é que eu o, como é que eu vou sair na foto. Não existe isso.

4. Também não pensei que seria tão bom desse jeito. Gostei muito.

5. Muito gostoso, muita alegria, muita paz.

6. Eu acho que pra mim foi o mesmo sentimento. Foi muita festa. Sentimento de alegria que é sentimento de expansão.

7. E vida é **alegria** e **expansão**. É tudo aquilo que manifesta. É essa coisa que vai pipocando em tudo. No movimento, no estalo, no sorriso. É esse constante **pipocar de vida** igual à pipoca, em cada instante pipocando, vai se revelando e vai se mostrando

Os itens 1, 2, 3 e 4 convergem em torno da sensação de prazer, mas explicitam motivações diferentes: 1 aponta a **interação com o outro e a descoberta**, 2 o fato de **trabalhar com o corpo dos irmãos de santo**, 3 o fato de **se desligar do preconceito**, já 4 não explicita o motivo do prazer.

5, 6 e 7 trazem uma relação de alegria, sendo que 7 fala do sentimento de expansão como sendo o pipocar da vida.

#### 5.4.5 Desmanchar

1. E deixar fluir;

2. Senti muito leve

3. O interessante é isso, né? O eu é aquilo ou o eu sou o agora? Ou o eu sou esse movimento?

4. No primeiro momento, do espreguiçar, eu senti muita expansão. Eu me senti muito me expandindo e depois foi muito uma experiência também de descoberta do meu corpo, principalmente nas partes mais que eu não me dou conta no cotidiano

5. Eu relaxei muito. Pensei coisas que tava na minha cabeça. Tava muito... Deu pra relaxar, pensar mais positivo, entendeu? Muita paz, muito aberto, muito à vontade, entendeu? Acho que se isso acontecesse todo dia pra mim seria muito melhor pra encarar o mundo de frente. Acho que seria melhor pra tomar umas decisões, ir para outras, bom para o corpo, alongamento, paz, acho tudo de bom. Eu vejo tipo uma nova experiência.
6. Só sei que tava relaxando
7. Eu gostei muito. Melhor do que perfeito. Nunca pensei em fazer isso. Como eu aqueci tanto. Nesse aquecimento teve um tempo que fiquei que nunca aconteceu comigo, nunca imaginei
8. É uma ótima coisa, é uma terapia muito boa. Eu acho que uma das melhores terapias.
9. E é a questão do silêncio, tudo muito lento, não poder falar. Fica às vezes rápido, aí vem por aqui, por aqui, e vai.
10. Outro aspecto que também me chama muito atenção é o fato de você não poder falar, pra não correr o risco de racionalizações, de mandar o que fazer, mas você entendia e ao mesmo tempo entendia o que as pessoas estavam lhe falando, quando elas estavam abertas pra eu passar
11. A gente se desmancha depois sai.
12. Eu achei também gostoso à parte de espreguiçar. Eu nunca tinha dado uma espreguiçada assim como dei hoje. Porque eu sempre acordo com o barulho da televisão, ou com os meus irmãos gritando, ou com o barulho do ônibus passando em frente lá de casa. Sempre. Nunca acordo dando aquela espreguiçada. É sempre, vallha-me deus, o que é isso? O que aconteceu? E é tão gostoso, né? Acordar assim, o corpo espreguiçar. Dá uma dorzinha. Quando a gente ta toda enrolada, quebrar tudo, não sabe o que fazer. Aí dar uma dorzinha. Eu fiquei sentindo dor, viu?
13. Eu tava pensando... Eu nem me lembro o que tava pensando, o que tava acontecendo naquela hora. Só sei que deu uma vontade de dormir. Ainda to com o corpo mole aqui. Nem me lembro o que tava pensando. Só sei que tava relaxando.

Os itens 1,2, 3 e 8 divergem entre si e de todos os outros por relacionarem o desmanchar respectivamente com a **fluidez, a leveza, a dissolução do eu e a terapia**.

4 e 12 falam sobre o **espreguiçar**, só que 4 relaciona com a **expansão e com a descoberta** do corpo e 12 com a **quebra da rotina e a dor gerada**. (Ver onde foi dito)

5, 6 e 13 relatam a sensação de **relaxamento**, sendo que a 13 explicita o que faz relaxar: o fato de não se lembrar o que estava pensando e a **vontade de dormir**, a 5 relaciona com outras dimensões (**pensar positivo, paz, encarar o mundo de frente, novidade das experiências**).

9 e 10 convergem por citarem o **silêncio** como forma de desmanchar, sendo que o 9 também aponta a **alternância entre o lento e o rápido**.

#### 5.4.6 Bolo

1. Porque você se vê onde tem sempre um lugar pra você passar.
2. É eu acho que foi interessante essa questão de quando a gente fazia movimento para permitir o outro passar, como também a gente percebia que o outro também dava essa abertura pra gente. Às vezes era um olhar, às vezes era algum gesto que dava esse sinal pra gente.
3. E eu não sei se aconteceu com vocês também, mas comigo era assim, num momento eu tentava passar por baixo, num outro momento eu tentava, sempre fazer essa...
4. Dava passagem para o outro.
5. Parece um útero.
6. O bolo sentiu a Murah
7. A Murah sentiu o bolo.
8. Aí depois vai se juntando, se juntando. Isso aí tocava até de manhã, o povo ficava dançando e cada vez mais esse sentimento de conexão, de unidade. Pra mim foi muito esse sentimento de unidade.

9. É isso mesmo, a energia é uma
  10. Assim... quando entra em contato com aquela muvuca de movimento, uma hora você sempre se dava fora. Aí quando eu me dava fora do movimento, não. Quero voltar, quero voltar!
  11. Interessante, é que no comum da vida, a gente, pelo menos eu, não tenho a mesma proximidade com todos, a mesma relação. Mas no movimento é diferente. Você sente que é a mesma coisa, não importa quem ta passando, qualquer pessoa é a mesma energia
- 1, 2, 3, 4 e 10 convergem entre si por expressarem o processo de **passagem no bolo**;
- 2, 4 e 10 convergem sobre o tema das **interações com o outro**;
- 5 diverge de todas por fazer analogia do **bolo** com um **útero**;
- 6, 7 e 8 convergem, por tratar da relação de **conexão**, notadamente com a Murah.
- 8 e 9 enfatizam o sentimento de **unicidade**.

#### 5.4.7 Percepção do corpo

1. Eu acho que essa confusão se dá pelo pouco conhecimento que a gente tem sobre si mesmo. A gente se conhece tão pouco, que quando a gente se vê nós nos confundimos
2. Conhecer se conhecendo
3. Eu me senti muito me expandindo e depois foi muito uma experiência também de descoberta do meu corpo, principalmente nas partes mais que eu não me dou conta no cotidiano. Do meu abdômen, das minhas pernas, dos meus pés, dos meus dedos, das minhas costas.
4. É uma coisa bem doida, a energia do outro. Aí vem por aqui que dá, aqui ta apertado, mas aquele ali dá, e é só olhando assim.

5. Assim, uma leitura do corpo, o corpo transferindo uma mensagem pro outro.
6. Ia entrando, porque você começa e a respiração começa a alterar também, e o suor, e o cansaço
7. E a própria resistência do corpo. Você vai percebendo que no começo você tenta com as duas mãos, mas depois você percebe que dá pra ficar só com uma mão.
8. Depois você percebe que dá pra ficar só com uma perna
9. Aqui a gente vai tirar a máscara da vida, não há um personagem pra vestir essa máscara. Sou eu, agora, como diz o povo do interior, nu e cru.
10. Ninguém se machucou
11. E interessante, é que quanto mais a gente dança, assim... você tá com a sensação de cansaço, para a música, se tocar outra você pega o pique de novo, de novo, de novo, e vai sempre se renovando
12. Pegando sua carona, essa coisa que eu tinha até falado antes, aqui eu soltei os meus diabinhos e com eles o cansaço. Eu tava cansada de ontem, foi o dia todo na rua e de repente ele vai embora e o corpo começa a responder, uma coisa gostosa, você já tem mais flexibilidade, o movimento vai se expandindo, se abrindo.
13. . A gente se vê, a gente estreita os laços embora a gente não tenha tido uma ligação muito grande, mas a partir de hoje, desse momento, já está estreita cada vez mais essa relação entre a gente.

1, 2, 3 convergem por relacionarem a percepção do corpo com o **autoconhecimento** sendo que 1 ressalta o **sentimento de confusão** gerado nesse processo.

3, 6, 7, 8, 12 e 13 convergem quanto às **percepções das transformações do corpo e da descoberta de suas possibilidades**, mas apresentam algumas nuances: **3 enfatiza as partes do corpo que não se dava conta no cotidiano, 6 a alteração da respiração, do suor e do cansaço,**

**7 e 8 a resistência do corpo, 12 o processo de renovação que acontece pela dança e 13 a dimensão de expansão do corpo;**

4, 5 e 14 convergem por retratarem uma **interação entre os corpos** (energia, transferência de mensagem e estreitamento dos laços);

9 diverge dos demais por fazer uma analogia com o simbólico (**o ser nu e cru**).

#### **5.4.8 Candomblé**

1. Senti, como é que se pode dizer, senti-me no candomblé. Senti pronto! Senti meu orixá dançando.
2. O interessante é que antes de vir para cá eu tava justamente pensando nisso. Eu tava em casa aí lembrei, amanhã é sábado, da Oxum. Os orixás não estão esperando apenas que a gente faça aquelas coisas mecanicamente, eles estão se \_\_\_\_\_ de toda harmonia que tem na casa. E a dança trouxe isso.
3. E uma das coisas que mais me atrai no candomblé, que eu ainda sou simpatizante, é exatamente essa alegria que a religião tem, da dança, do atabaque, da terra, do bater no chão e dessa unidade que eu não sei se a gente podia chamar família, forma uma unidade

1, 2 e 3 convergem sobre a temática do candomblé, apresentando pequenas nuances: 1 relaciona com a **dança dos orixás**, 2 com **diversas sensações que a dança propicia** e 3 refere-se à **alegria e ao sentimento de família** que se encontram no candomblé.

Abaixo o estudo transversal com os confetos produzidos pelo grupo e seus cruzamentos.

## 5.5 Ancestralidade no mangue

Estamos num manguezal, numa comunidade de caranguejos (as) onde não existe o líder nem espaços demarcados e muito menos privados. Essa comunidade se chama Cara e é tão ancestral que Dona Vavá, uma das caranguejas mais velha, que tem muita história para contar, disse que a sua bisavó já falava que a sua tataravó viveu por aqui cuidando do mangue. Percebendo o aumento da criação de camarões em cativeiro e a conseqüente destruição dos manguezais, D. Vavá resolveu chamar a comunidade de caranguejos para uma reunião a fim de tratar de **consciência corporal e ancestralidade**, na expectativa de fortalecer a defesa dos manguezais.

Dona Vavá começa a reunião batendo seu tambor e convocando os caranguejos e caranguejas para uma dança africana. Depois de quase uma hora de dança, relaxadíssimos, todos se sentem bem dispostos para externar seus conceitos. Pede a palavra o velho Boto, do conselho dos anciões:

\_ Esta comunidade faz parte da minha vida que está sempre em **construção/desconstrução**. Para mim a consciência corporal e a ancestralidade levam a um eterno *construir/desconstruindo* como a fluidez da água.

\_ Eu vejo mais a construção, a *busca de construir algo, algo ainda por descobrir*, pois nada permanece parado – complementou Buraco, um velho caranguejo também do conselho de anciões da comunidade.

\_ Gagá, uma dançarina que veio da África trazida numa corrente em noite de tempestade, comenta: Eu já discordo, eu acho que a gente já constrói tanto! Por isso eu defendo um *desconstruir o cotidiano* para atingir o diferente.

\_ *É também um desconstruir o individuo numa coletiva unidade*, quando cada um de nós se desmancha para formar um único – contribui Leão.

\_ Vou falar de **liberdade** – disse Gica. - Estava ansiosa para vir. Dançar aqui me deixa *solta*, mais do que em qualquer outro lugar, assim... sem palavras. Então, para mim consciência corporal é isso.

\_ D.Vavá ficou impressionada com o movimento da dança ao ver os corpos se desmanchando. Reflexiva, pergunta: Será que a consciência corporal e a ancestralidade têm a ver com o sentimento de **desmanchar**?

\_ Lilá coloca: É... é um desmanchar que se reflete num *espreguiçar*. que é expansão.

\_ Gica diverge de Lilá: Embora concorde que o espreguiçar seja uma forma de desmanchar só que gera também *dor*.

\_ Para mim, consciência corporal é uma *terapia*, diz Luca.

\_ Eu considero *fluidéz* – intervém Lilá.

\_ *Leveza* - fala Leão.

\_ Para mim é a *dissolução do Eu*. Isso é Consciência Corporal – defende Boto.

\_ Eu vejo esse desmanchar como *silêncio* associado ao movimento lento/rápido – retoma Buraco.

\_ Sim, mas é um *silêncio* para não racionalizar – reforça Boto.

\_ D. Vavá, sentada, relaxada, nua de pernas abertas, espreguiça e grita chamando Didi: Didi! Venha cá.

\_ Oi vovó, aceite a minha benção

\_ Que a água do mangue te abençoe, meu filho. Seu filho está melhor? (o filho de Didi, que se chama Dada, estava com diarreia, pois havia comido restos de uma feijoada que um grupo de humanos tinha deixado na beira do mangue. O kit da intoxicação incluía também sacos plásticos, caixinhas de suco, pacotes vazios de bolacha recheada, latinhas de refrigerante diet e coca-cola zero, além de cinco garrafas de rum Montilha).

\_ Sim vovó, Malu deixou ele no sol tomando néctar da flor do cajueiro. Ele se recuperou rapidinho. Essa receita, disse Malu, veio da Amazônia, região do Rio Negro, de uma tribo de caranguejos gigantes.



\_ D. Vavá interrompeu Didi: Gente, quem pode relacionar a Consciência Corporal com a **transcendência**?

\_ *É sair*, disse Gagá.

\_ Mas sair como? – pergunta Gica.

\_ *É sair para o etéreo!* – reforça Gagá.

\_ Quando é o *indiferenciado*. – diverge Boto.

\_ *É não saber por onde terminar* – reforça Luca.

\_ *Ou não se dar conta do que está a sua volta* – confirma Didi.

\_ *Ou não conseguir pensar em nada* – fala sabiamente Buraco.

\_ Eu discordo de todos vocês, para mim, essa consciência corporal, transcendência; é *liberdade e prazer* – vibra Lilá.

\_ Por falar em **prazer**, vejo a consciência corporal e a ancestralidade como o prazer de descobrir que você pode *interagir com o outro* – fala Gica.

\_ Sobretudo, *trabalhar com os corpos dos irmãos próximos* – complementa Boto.

\_ *Sem preconceito, aceitando a confusão gostosa* – observa Lica.

\_ É realmente algo gostoso, **alegre** - pontua Gagá.

\_ É a alegria trazida pelo sentimento de *expansão* – fala Buraco.

\_ Sim, fala Boto – e é tudo aquilo que manifesta. É essa coisa que vai pipocando em tudo. No movimento, no estalo, no sorriso. É esse constante *pipocar de vida*.

\_ Eu gostaria de voltar a falar sobre o sentimento de confusão que a Liça colocou anteriormente. Eu acho que essa confusão se dá pelo pouco conhecimento que a gente tem sobre si mesmo. É uma dificuldade de **percepção do corpo** – coloca Gagá.

\_ Sim, através do movimento corporal que também é canal de autoconhecimento, é possível acessar uma forma de *conhecer se conhecendo*- enriquece Boto.

\_ Esse conhecer-se, nos leva a *perceber alterações* na respiração, no suor e no cansaço. É também descobrir o próprio corpo principalmente, às partes que não damos conta no cotidiano - reforça Gaga.

\_ E, essas partes se abrindo, você percebe o *corpo respondendo* – conclui Lica.

\_ Percebemos que, quando estamos em grupo, acontece uma *leitura do corpo* do outro, o *corpo transferindo uma mensagem para o outro*. – contribui Gagá.

\_ E essa mensagem silenciosa nos deixa *nu e cru* – observa Buraco.

\_ Eu sinto também que o grupo pode trazer um sentimento de *unidade*, de **bolo...**

A energia é uma – falou Boto.

\_ Em consciência corporal esse sentimento de unidade, dos corpos em movimento, aquece, parece um *útero*; teoriza D.Vavá.

\_ No cotidiano moderno não temos a mesma proximidade de antigamente, já no movimento é diferente, qualquer pessoa é a mesma energia – explica Didi.

\_ Mas nem sempre isso acontece, a não ser que exista uma forte *conexão*, uma abertura dos corpos, uma interação com o outro – opina Boto.

\_ Não podemos desprezar a possibilidade de acontecer uma eterna *muvuca de movimento*-viaja Gagá.

\_ Gente, me lembrei que amanhã é dia da Oxum, os orixás não estão esperando apenas que a gente faça as coisas mecanicamente – diz sabiamente D.Vavá.

\_ No **candomblé** nada é mecânico. Tudo é *alegria e sentimento de família* – conclui Gica.

D.Vavá ficou muito satisfeita com a reunião, sentiu que todos da comunidade estão atentos aos problemas causados pelo homem no manguezal e marcou outra reunião para o próximo mês, com uma pauta mais prática, visando à materialização de várias ações de preservação do mangue.

*Obrigada gente... até a próxima reunia – encerrou sorrindo D.Vavá*

E todos foram curtir seus buracos.

## **6 TERCEIRO MOMENTO DA PESQUISA: VIVÊNCIA DA ARGILA**

### **6.1 Como aconteceu com o grupo**

Foi sinalizado pela minha orientadora efetuar uma vivência com argila. De antemão achei estranho, mas aceitei o desafio e convoquei o grupo co-pesquisador para materializar o momento. O local escolhido foi o barracão do Terreiro Ilê Axé Omo Tifé, do qual sou Ogan e como o grupo era todo formado por pessoas de santo, nada mais justo a escolha do lugar.

Reunimos-nos à noite e comecei explicando que aquele momento era o terceiro e último da minha pesquisa e que todos, em duplas, de olhos vendados, iriam construir alguma coisa e depois iríamos falar sobre a experiência vivenciada, falar sobre a sua produção e sobre a produção das outras duplas. Todos concordaram.

Continuamos o momento com um relaxamento efetuado com uma música new age. Fiz algumas intervenções durante o relaxamento induzindo o grupo a uma viagem a uma mata com serras e grutas, um ambiente ancestral com animais ancestrais e que todos acordavam nesse lugar. Em seguida foi entregue a cada dupla um pedaço de argila e todos começaram a construir suas esculturas.



Quando todas as duplas terminaram as suas produções, todos tiraram as vendas e foram falar da experiência vivenciada. A dupla que contava a sua vivência, em seguida falava da sua produção e depois se deslocava para frente de cada escultura produzida por outra dupla e dizia o que representava para ela, e assim todos faziam a sua leitura e o que representava cada produção de todas as duplas.



No final agradei as presenças, falei que tudo foi gravado e fotografado, que iria transcrever e fazer a análise do material e depois voltaria para apresentar a todos para as

considerações finais. Mãe Valeria, Ialorixá do Terreiro compartilhou a todos a experiência observada e desejou a todos uma boa noite.

## **6.2 Análise plástica das produções de argila**

Apresento a seguir a leitura intuitiva que eu fiz das esculturas de argila que o grupo fez. Com base nessa leitura, escrevi um conto, relacionando o enredo às fotos das argilas. Esse texto, bem como os estudos transversais, foi posteriormente socializado numa contra-análise (vide anexo). Eis a “história de Papaca”.

Papaca era um professor africano que morava no Brasil. Solitário, morava só, gostava de andar de bicicleta e jogar futebol. Ensinava numa escola infantil e, apaixonado pela natureza, fazia muitas trilhas com as crianças. Numa dessas atividades levou sua turma ao mangue do rio para que as crianças se lambuzassem na lama; até a Simone entrou na brincadeira.

O cheiro forte do mangue deixou algumas crianças com as caras feias. Papaca logo retrucou: \_Crianças, relaxem... esse cheiro é um dos vários cheiros da nossa Mãe natureza!

Simone falou: - Tio, eu não gosto desse cheiro!

Papaca respondeu: - Simone nem todos os cheiros são gostosos, mas são cheiros que devemos conhecer.

Sandro perguntou: \_Tio, posso pegar nessa lama?

Papaca: Claro Sandro faça o que quiseres!

Confiantes as crianças começaram a se divertir. Uns pintaram a cara do outro, as costas do outro. Sandro fez um coração na barriga de Sinara e Pedro fez essa escultura que chamou de “O ET de olhos grandes”.

Papaca perguntou a Pedro o que era aquilo na cabeça do ET e ele respondeu:

\_ É um saco com gelo. O ET está com a cabeça doendo e minha mãe falou que gelo cura dor de cabeça. Todos os alunos concordaram que quando a cabeça está doendo, é só colocar um saco de gelo que a dor vai embora.

Papaca perguntou a Pedro: Pedro, porque o ET não tem braços nem pernas?

Pedro disse: Ele é um robô, é diferente de nós humanos que sentimos, respiramos e amamos.

Papaca continuou: e o que é essa peça na frente do ET?

Pedro explicou: é um cetro da sorte. Quem pega nele tem a sorte nas mãos e o que o possuidor desse cetro pedir ele atende. Foi uma doação de um grande Griot africano. Ele também protege contra mal olhado e doenças vindas da inveja.



Papaca continuou olhando as produções da garotada, parou em frente à Luiza e perguntou:

- Lu, o que é isso?

Lu respondeu: É uma mulher sentada de pernas abertas e braços abertos. Ela está feliz, relaxada e tem três vaginas. Ela representa a nossa Mãe Natureza que é a grande fêmea e mãe da humanidade. Ela tem três vaginas para parir todos os elementos da natureza, a flora, a fauna e todos os acidentes geográficos. Eu a adoro, pois sem Ela eu não viveria. Foi tão lindo quando ela estava parindo o vento, ele veio com os sons. Engraçado foi quando veio saindo a água da vagina ao lado, sem som, e, quando o som saindo da vagina do vento bateu na água, apareceu um grande estrondo que parece hoje com uma grande cachoeira em noite de tempestade. Ficou também engraçado foi os gatos saindo da vagina ao lado, correndo, ouriçados com medo da água. E essa lama na frente das vaginas são as placentas que restaram dos partos. – Não é lindo!!! Como tudo que é feminino cheira a sensibilidade, paz, amor e paixão!



Papaca sorrindo e satisfeito com as invenções da garotada, continuou a caminhar pelo mangue e deparou com a produção de Lucas.

- Lucas, o que é isso?

- Tio, isto é uma cobra enrolada. Parece um corpo humano dormindo, depois de um dia de muito estudo e trabalho. Quando estava fazendo essa cobra, lembrei que a nossa coluna vertebral é a nossa cobra e percebi que quando estamos sentados a cobra fica reta, mas quando ficamos de cócoras ou efetuamos uma cambalhota, a coluna fica como uma bola, toda enrolada. Dizem que é



bom e relaxa as nossas costas. Ela está dormindo e dormir também é um bom alimento para nosso corpo. Essa máscara com as antenas representa a sabedoria dos nossos ancestrais africanos que estavam sempre conectados com a energia cósmica e captavam os saberes universais por essas antenas. Eram verdadeiras bibliotecas ambulantes.



Papaca ficou surpreso com o depoimento de Lucas. Alegre e satisfeito, foi caminhando, deparou com a nega Tatá e perguntou:

-Tatá, o que você está fazendo?

Tatá respondeu: Papaca eu estou fazendo uma boneca. Essa boneca me lembra a minha boneca preta de pano, que meu pai trouxe da Bahia. Ela tinha meio metro e era toda flexível. Eu ficava horas e horas brincando com ela, tentando fazer todas as posições.



Aqui a menina brinca com a bola, e depois, muito cansada, encosta-se a uma pedra, abre pernas e braços, numa atitude corporal que representa relaxamento e entrega e dorme.

Nas suas andanças, Papaca encontrou Meme, uma linda garota sonhadora e apaixonada, mãe de Pretinha. A menina Pretinha foi precoce em tudo, no engatinhar, no caminhar, no falar, no quebrar as coisas da casa, e foi crescendo, comendo frutas, brincando na terra do quintal da casa, se sujando, adorava as dunas onde ficava escorregando e curtindo a areia fofa. Sempre gostou da água do mar, mas, tinha medo da cachoeira. Só entrava com o pai. Pretinha era linda como o seu orixá de cabeça Ewá que, por sua causa, no seu reino, havia guerras onde os guerreiros brigavam para ver quem iria desposá-la. Pretinha dançava muito, adorava a dança africana e gostava quando ia para a capital, pois lá tinha um salão onde se fazia tranças e ela adorava desfilar de cabelos trançados.

Hoje Papaca tem uma casa de cultura de matriz africana, divulga a cultura dos seus ancestrais, facilita aula de dança afro, atende clientes passando os conceitos de consciência corporal e ancestralidade africana e presta consultorias a empresas; continua amando a vida. Sente-se um eterno apaixonado.

### 6.3 Verbalizações da vivência com argila

Local: Ilê Ase Omo Tife

\_Norval – Oficina de argila, 25 de novembro de 2007

Tempo: 04h39min'

\_Norval – respirando profundo vão mexendo, sentindo-se relaxados; com suavidade vão mexendo as mãos, os pés, os braços, as pernas tentando sentar lentamente. Cada um, no seu momento, coloca a venda e começa o processo de produção, em silêncio, o que quiserem fazer; lembrando que o tema é corpo, consciência corporal e ancestralidade.

Tempo: 01h05min: 26''

\_Norval – ok. Estamos no Terreiro depois da produção de argila. Vamos agora pro momento onde as duplas vão analisar cada produção. Então... todos analisando a produção..., a primeira produção aqui...

Norval – Grupo 1..., nome do grupo 1...

\_ Elaine e Fatinha...

Norval – não; você...

\_ Não... o grupo 1 é que vai analisar...

\_Norval – vocês formam o grupo 1.

\_ Grupo 1; Elaine e...

\_ Fumir.

\_ Norval – Ok; e aí, quem quer falar?

\_ Norval – Olhe; se for Valéria, você fala Valéria e...

\_ Arte e movimento...

\_ Fatinha e...

\_ Norval – Você diz seu nome e fala.

\_ Eu, Fatinha vejo uma árvore e muitas raízes saindo da árvore... ai me lembra muito a árvore... a árvore já bem velha .....tipo centenária e as raízes dela ...

\_ Eu, Pricia, vejo coral, corais, aqueles corais que vem do mar...

\_ Bom, pra mim, Keim, parece àquelas formações de cavernas... ainda em fase de transformação...

\_ Eu vejo um animal..., abiante adulto... bem... vejo uma espécie... pode parecer sincrético, mas vejo uma espécie de dragão... aqui como se fosse o focinho... uma boca... os dentes... patas... mas ao mesmo tempo vejo um cavaleiro... da pra vê que tem uma armadura... e uma cabeça pra poder concluir essa concepção de um cavaleiro sobre uma montagem ...sobre um dragão .... sobre um leopardo não seria porque o leopardo não tem o rabo grosso desse jeito... cavaleiro e montaria... é por aí ...

\_ O que vejo aqui... um jabuti embaixo e em cima um gato... ou um cachorro... porque tem um buraco aqui...

\_ Norval – Bem, agora a dupla vai falar da viagem... não só o que é pra você...

Elaine – Não... falta a Mãe Valéria...

\_ Norval – Não...

\_ A Mãe Valéria tem que falar o que ela achou...

\_ Norval – Não... não... não...

\_ Ohhhhhh...

\_ Pois eu vou falar aqui. Eu achava que parecia um reino, várias entradas e tal, a laje com a piscina (risos)... aí... aí a galera começou a falar que parecia uma árvore e tal e eu comecei a prestar atenção aqui e vi a cabeça de uma cobra... já aqui tem um passarinho que foi atingido por alguma coisa ohhhh!... ai, aqui tem a raiz de alguma coisa... mas mesmo assim, quando eu olho de outro jeito, ainda acho que é um reino. Ai, a gente também tava fazendo, a gente tava conversando e, a gente pensava que tava fazendo tipo... um dente de Exu... ai, quando eu... eu não sabia que tinha...

\_ Eu posso falar?

\_ Norval – Pode Murah.

\_ Parece à casa de João de Barro.

\_ Norval – Certo.

\_ Parece um meninozinho sentado, um monte de meninos sentados assim, fazendo bagunça, um por cima do outro; é uma coisa bem estranha.

\_ O que eu vejo o que a gente tentou fazer, e que é... é algo que está se..., está dando origem a várias possibilidades, e aí, eu acho interessante porque essa minha intuição ta muito presente nas outras falas, de que, se você olha por um ângulo você vê um dragão, se você olha por outro ângulo você vê jabuti, por outro ângulo você encontra um reino e, outra coisa que me chamou muito a minha atenção foram as bifurcações, algo que é atravessado por buracos né, tem vazios, tem lacunas; então é algo que está se fazendo e que ta tomando forma e é justamente assim, pra mim é assim, não é algo definido, é algo que está se processando e que isso pode ser visto por vários ângulos e, em cada ângulo você pode encontrar algo diferente. Pra mim, é muito esse sentimento mesmo de origem que ta presente na primeira fala sobre a árvore.

\_ Norval - E com relação ao tema da consciência corporal e da ancestralidade, que relação vocês poderiam fazer?

\_ Eu tentei no começo fazer coisa assim e tal, mas vi que não dava muito certo porque tínhamos que fazer eu e ele, nós dois, aí um pegava na mão do outro pra vê o que tava fazendo, ele jogava água, eu ia ajeitando e tal... ai deu nisso aí...

\_ Norval – Quer falar alguma coisa Fumir?

\_ Pra mim assim o que... de acordo com a proposta, com corporeidade né, questão do corpo e ancestralidade, pra mim assim, interessante que a gente não trouxe uma definição de corpo, um corpo né? uma forma, mas de um corpo que está aí em processo, em movimento que pode ser compreendido, que pode ser olhado de vários ângulos né? O que isso tem a ver com ancestralidade é justamente a idéia de que essa... essa expressão estética, ela traz muito algo que está relacionado à raiz né? o jabuti que é todo com o ventre no chão; então, é justamente isso, de um corpo que está relacionado a terra né? e que esse corpo, ele vai, ele vai vivenciando outras coisas, outras possibilidades. O mais interessante é que ele não é definido, ele é, é; a forma dele, na verdade, é dada pelo olhar de quem o percebe, então é um corpo sem forma; é um corpo que na verdade se torna corpo a partir do olhar do outro. Aqui não tem um corpo né? O corpo é dado por quem o viu. É a árvore, o jabuti, o reino, são outras coisas.

\_ Norval – Bem, segundo grupo. Vamos... o grupão assim, o que está vendo, o que transmite a produção?

\_ Assim que tirei a venda, aí eu pensei logo: bom, primeiro ele tava brincando de bola; ai depois ele pegou, cansou e foi comer alfinim; aí ele ficou com dor de barriga e fez as necessidades dele (risos). Aí ele foi brincar de macinha que é aquela bola pequena ali; ai ele ficou sentado... (risos)

\_ Norval – Keim venha ver aqui Keim, essa produção. Fala Fatinha.

\_ É um homem; a imagem de um homem, uma pessoa bem alongada não é? eu o vejo nu; está sobre uma pedra e pra mim representa a natureza. O sentimento que me dá é de um trabalho de expansão onde vejo assim em volta a natureza; pedra, uma cobra...

\_ Para mim tem traço de expansão, agora deitado é como se...

\_ Para mim é uma pessoa sentada esperando um abraço.

\_ Vixe!!!! Eu também oh! é a mesma sensação que eu tive; acolhimento.

\_ É o movimento da vida.

\_ Norval – Fumir quer falar?

\_ Pra mim, a história daquela bola maior, ela é outra coisa independente da relação. A primeira coisa que eu vi, a história da bola eu lembrei logo daquelas bolas de ferro né? assim, bem pesadas, bem relacionadas com o núcleo da terra, e assim, pra mim, foi uma coisa independente. Agora, pra mim é um boneco, é muito mais experiência de infância né? É um boneco e, é como se fosse um brinquedo; uma bola, um boneco né? aquelas língua de sogra (risos)

\_ Norval – Murah quer falar alguma coisa desse desenho ali?

\_ Estou vendo ali um homem sentado com a espada, com a azeitona em cima e um coco (risos)

\_ Tem certeza?

\_ Norval – Vá, a dupla produtora, Valéria e Alaim.

\_ Eu pensei dessa bola ser o mundo, assim, porque o mundo é tão grande, mas ao mesmo tempo se torna tão pequeno que acredito na natureza e na vida e no vento e acho que no mundo ainda tem pessoas sinceras que amam de verdade, é isso que sei do mundo. Pensei na natureza e tem gente poluindo, destratando a natureza... e poluindo as águas, muitas coisas acontecem ainda no mundo errado porque, eu acho que é por ignorância. Não sabem quanto tempo aquele saco vai ficar ali pra se desmanchar. Um lixo dentro de um rio morre o quê? No rio tem peixe, é dali onde as pessoas se alimentam. Muitas coisas acontecem no mundo errado não sei se por falta de saber ou por ignorância. O meu pensamento é esse.

\_ Eu, quando comecei a fazer aqui, fui pegando pra fazer as pernas mesmo... terra. Logo desse bolo aqui, fui tentando fazer um animal de quatro patas e esse animal se transformou num homem que eu queria fazer o homem em movimento e saiu isso ai. Eu acho que o movimento... pernas. Agora, a gente não trabalhou juntos.

\_ Norval – Alguém quer fazer alguma consideração com consciência corporal e ancestralidade do desenho ai?

\_ Ancestralidade é igual à natureza né? Não estamos cuidando da natureza... cuidar da natureza é cuidar do Orixá.

\_ Essa forma de sentar, essa forma de se colocar aí me diz muito da ancestralidade, da abertura, do abraço; é abrir o peito para receber o ar. Olha! O jeito como ele está sentado na pedra ou na terra, me lembra muito a natureza.

\_ Deixa falar uma coisa numa visão bem antropológica. Não e porque nessa posição de sentar você está com o ventre; o ventre não né? o ânus, a genitália no chão e na terra né? Então isso me chama a atenção principalmente depois da fala da Valéria, porque ela disse que é a terra e da terra vem esse homem. O que está ligando esse homem a terra é justamente essa região do baixo-ventre, é o ânus, não é o homem em pé, é o homem sentado, e aí acho que isso me chamou muita atenção. Essa questão da ancestralidade e essa relação do homem com a terra, com a natureza como ele coloca.

\_ Norval – Vamos para a terceira produção. Ossaim vamos né... o que observam na produção do Ossaim? Quem vai falar?

\_ Me lembra Exu esse trabalho. É um chifre é? E aqui, é uma cobra? É a Dara? Como é o nome? Ah! Dandara.

\_ Quem fez foi tu meu filho, esse do “chifrim”?

\_ Foi.

\_ Eu Pricia, acho parecido com aquelas carcaças de boi.

\_ Ah! É um Exuzinho, é a origem (risos).

\_ Meu filho bota de frente pra eu vê. Meu filho tu fez isso de olho fechado?

\_ Foi.

\_ Foi não, o lenço era transparente, ele deixou bem aberto, ele tava vendo.

\_ Norval – Vamos observar a produção... falando da produção.



\_ É... não vamos criticar não.

\_ Pra mim Éden, ali me parece uma espécie de alguidá, de início eu pensei que era um charuto, mas depois eu fui vendo assim, analisando, parece comida, não vi uma cobra..., ma chamou mais atenção o alguidazinho, o prato me lembra a corporeidade, a forma de comer, a fome. A cabeça tem a história do Exu que é constante na vida da gente, a gente não tem, embora o chifre seja uma coisa já sincrética, o Exu tem o gorrinho?

\_ Eu achei a cobra e o ratinho... parece caricatura dele.

\_ Norval – Próximo.

\_ Eu achei duas coisas. Dentro do meu imaginário cristão a primeira coisa que me veio foi o capiroto, o diabo; e, dentro da minha vivência em Candomblé a primeira imagem que veio foi justamente a questão do Exu. Interessante porque a minha relação, pelo menos no imaginário, com relação a Exu é muito ligada à sexualidade né. Então pra mim já foi ligo essa questão relacionada a sexo, tesa, reprodução, vitalidade, sensualidade, erotismo, aliás, todo esse imaginário do erotismo e ai ainda tem a cobra, a cobra, s ovos, então, pra mim é a experiência do erótico e talvez por conta disso todo esse imaginário erótico da sexualidade, dentro da perspectiva cristã, isso seja relacionado como algo ruim, como algo negativo, como algo que não devemos olhar e muito menos perceber na nossa vida.

\_ Norval – Murah quer falar alguma coisa sobre a produção?

\_ É... eu consegui perceber um Exu aí, um alguidá com iguarias e a cobra em cima guardando.

\_ Pra mim Keim, por mais que tenham colocado Exu, o sentido do chifre não é chifre, é ligação com as coisas. Eu pensei em mim, eu pensei na gente, eu pensei no humano como ponto de ligação com outras energias e assim, pra mim o Oberó é a receptividade. Ele representa o ninho, ele representa o prato, ele representa até o vaso sanitário que recebe os dejetos. Então, ele é aquele que recebe e. e... é a forma de receber, de acolher... é isso.

\_ Norval – Valéria, já falou?

\_ É... eu falei que eu vi a cobra...

\_ Norval – O produtor ai...

\_ Eu, Ossaim, fiz isso aqui é... pensando mesmo em Oxumare. Ai... como falaram; a cobra, o nino, os ovos, o ratinho né?...a cobra vai engolir ele, aqui é o rabo do bichinho e aqui é a cabeça, ela já ia começar a sugar. Aqui não é Exu, é o diabo mesmo, não tem nada de Exu e aqui é Oxumaré.

\_ Norval – Que ligação você faz com consciência corporal e ancestralidade?

\_ Não sei...

\_ Norval – Que ligação vocês fazem com consciência corporal e ancestralidade? Tem a ver com consciência corporal e ancestralidade?

\_ Tem a ver só por causa do Oxumaré.

\_ Mas o diabo tem a ver com ancestralidade não é? O diabo vem na nossa história com forma de repressão desde o começo dos tempos. Então, eu vejo o diabo ai como representação da ancestralidade. E a cobra também, a questão do ventre, a cobra se arrasta pela terra...

\_ Eu achei que é um imaginário muito erótico da cobra engolir o rato, dessa coisa do Capiroto (risos). É como dizia a minha avó; não fale o nome, é o inimigo né? A gente não pode dizer o nome, mas é assim, essa coisa mesmo ligada à consciência corporal é ligada a questão do erótico, da sensualidade. Eu estou falando do erótico, não é a questão da sexualidade não, é do Eros no sentido de vida, de que se alimenta, de que se oferece e ao mesmo tempo né? ... é justamente essa questão do Capiroto... porque toda essa imagem do erótico, ela e vista como uma perspectiva negativa, é uma dimensão da nossa cultura e desse lado da experiência cristã não é integrada, é vista como algo negativo.

\_ Norval – Ok. Vamos agora para a quarta produção.

\_ Norval - Eu quero esclarecer que isso aqui não faz parte; tira de cena... a produção é aquela ali não é?

\_ É... mas não... oh gente...

\_ Norval – Não... não... não... tira a bolinha daqui porque a viagem...

\_ Ta muito produzido Éden...

\_ Mexeu no trabalho todinho... é teimoso...

\_ Norval – Eu não vou nem fotografar mais nada porque já fotografei como estava... é isso ai?

\_ É, é isso ai.

\_ Norval – Ok. Tira isso ai de cena. Éden tira isso ai de cena.

\_ Eu vou explicar...

\_ Norval – Não... não vai explicar mais nada. O grupo o que acha dessa produção aqui?

\_ Isso aqui é, sobretudo muito fálico; é um pênis. É um ET, olha um ET e aqui um pênis, eu vejo isso.

\_ A primeira imagem que eu vi quando vocês terminaram era... era uma mulher grávida; era uma grávida...

\_ Norval – Já falou Valéria?

\_ Eu falei que tinha visto uma grávida e agora... ai mudou... um papagaio né?

\_ Um papagaio com conjuntivite.

\_ Norval – Murah?

\_ Eu to vendo um ET ai. Ta... ta direitinho um ET... com todo o respeito aos meus irmãos.....

\_ Um ET significa muita coisa... é sim

\_ O que mais chamou a minha atenção nesse experimento estético (risos) foi a questão dos olhos, por isso a Fátima ter trazido a questão do ET, os olhos exagerados; e eu ainda não consigo ver assim, o que é que esse negócio tem a ver com esse troço. Assim... pra mim é como se fosse outro plano; pra mim ali é um instrumento fálico né? Como se fosse algo utilizado para bater, pra se defender, pra lutar e ali é outro objeto, são dois objetos diferentes. É um objeto que é utilizado pra bater, pra se defender e o outro objeto é um boneco... é... uma... Então me chama atenção assim porque é algo relacionado com a cabeça, o Ori e a questão do olhar.

\_ Também parece um papagaiozinho novo.

\_ Pra mim é um filhote de papagaio com Oxum na cabeça (risos). Eu pensei que poderia ser um capote, mas está com bico muito largo e a cabeça muito grande... e na frente é um Rocó, é o que eu vejo.

\_ Norval – Ok. A dupla produtora.

\_ Deixa começar, por favor. Eu quero dizer é o seguinte: a gente fez em dupla realmente como a Elaine e o Fumir fizeram. A gente foi tipo uma mão botando em cima da outra mão... Eu vou dizer o que eu fiz. Eu fiz a cabeça realmente pensando na questão do Ori porque é um momento muito, assim da minha vida que ta pesando mais ultimamente. E eu pedi o Éden pra fazer os olhos e me entregar pra eu colocar e isso mostra o nível de exagero que ele tem às vezes, né?

...são dois olhos que eu queria fazer. Isso aqui que ele colocou não sei o que é, e isso aqui eu também não sei o que é. O meu intuito foi esse, foi fazer a questão do Ori que está pesando mais na minha vida

\_ O que é isso aqui?

\_ É um parafuso; ele não disse que é?

\_ E pra ti, o que é?

\_ Pra mim é um parafuso porque ele disse que era.

\_ Norval – Ok. Fala Éden.

\_ Realmente ela pediu pra eu fazer e eu fiz porque a gente ia trabalhar juntos; pelo menos, em nenhum momento eu quis fazer uma coisa individual embora... eu quis fazer... Quando eu peguei a cabeça também, a cabeça, ela é um pouco maior, ela foi diminuindo porque a gente fez esse pescoçudo... E quando eu fui tateando não era tão pescoçudo assim, mas realmente foi um erro, não que seja um erro de projeto, mas a cabeça, ela tinha peso demais pro pouco de base que ela tinha. Eu vi que a Pricia tava empurrando ele no chão, entendeu? Eu não queria que fosse empurrado no chão, eu queria que ele tivesse movimento, mobilidade que era mais ou menos o que eu tava pensando discutir; que fosse fácil de transportar. Lógico que eu não queria fazer nem esse desenho. Eu queria me basear na concepção dela pra adaptar o conceito de movimento que eu queria; que justamente corpo pra mim é movimento. Se ela queria um Ori; um Ori de barro lembra o que? Lembra muito um Exu. Se lembra Exu... entendeu? Lógico que eu não tinha esse pensamento como objetivo; até porque eu fiz as coisas de forma muito abstraída, porque, no momento inicial, pra mim foi pura abstração entendeu? O primeiro momento que tive de pegar o barro foi de fazer uma coisa redonda, como quem faz um brigadeiro e depois de fazer uma coisa reta, né? Por incrível que pareça, são duas formas que lembra Exu, a esfera e o comprido, mas eu não queria fazer o comprido sem ela, ai ela perguntou: o que tu ta fazendo? Ai eu peguei fiz um pinto bem rápido e coloquei na mão dela. Mas assim, o que eu quis fazer na realidade, era um parafuso mesmo... é um tipo de Abará, é uma corda com seis nós...

\_ Norval – Alguma relação com consciência corporal e ancestralidade?

\_ Tem demais. A questão da cabeça do... até mesmo o que o Éden...

\_ Assim, consciência corporal; acho interessante porque ela materializa o momento, eu até falei: vamos fazer um negócio que a gente possa levar pra nossa casa, entendeu? Se eu pudesse lembrar de um momento, eu iria lembrar desse tempo que ficou cristalizado...

\_ Norval – Alguém vai falar sobre corporeidade com relação ao desenho?

\_ Norval – Vamos para a última produção. Quem quer falar?

\_ Eu Pricia estou vendo uma cobra saindo de uma toca...

\_ Pra mim é um busto e cabelo grande...

\_... mas parece uma cobra domesticada, isso aqui é com se fosse uma vasilhinha de água.

\_ Eu Paulo, Ossain, vejo um “girim”, um espermatozóide...

\_ Norval – Fala Murah.

\_ É dessa forma mesmo, um “girim”, um espermatozóide, a primeira fase de um ser...

\_ Pra mim, eu vejo uma cobra saindo de dentro de umas pedras e a estória da vasilhinha; a cobra saiu para beber água, tem uma pedra, e a cobra saiu pra beber água. É..., do meu ângulo, do lugar onde estou, é uma cobra.

\_ Domesticada né? Porque ela tem a própria vasilhinha de água.

\_ Norval – Éden, já falou?

\_ Bem, pra mim parece um busto visto de lá pra cá, sinceramente pra mim não parece uma cobra, esta muito desproporcional e ao mesmo tempo muito grosso, eu acho a cobra delgada...

\_ É que é depois dela ter engolido um boi...

\_ Mesmo assim... a cobra é bem delgada, vendo de lado, do lado da luz aqui, me parece um busto, um rosto né? é como se fosse um cabelo, uma trança...

\_ Norval – Ok. Vamos à dupla analisando.

- Quando eu fiz... a gente também construiu em dupla... foi muito gostoso no início da vivência quando começamos a amassar o barro, molhar, nossas mãos se encontrando. Eu fiquei de início com essa parte da frente, mas depois a gente foi trocando, as mãos indo e vindo. Quando a gente estava fazendo, o que me vinha e o que me vem ainda é a concepção de um ser em formação. Pode ser um ser ancestral, pré-histórico, alguma coisa assim. Aqui seria o rosto dele, aqui não sei o que seria; mas um rosto com olho, nariz, boca, inclusive, nossos dedos foram se encontrando e furando esses buracos que eu chamo de nariz. Aqui é o corpo em formação e isso

aqui, pra mim, seria uma concha. E assim... com relação à ancestralidade me veio isso... esse animal pré-histórico; e com relação à consciência corporal, é que esse ser, ele está parado, mas não parece uma coisa reta, ele está em sinuosidade. Mesmo o corpo estando parado, estático, inclusive com o ventre no chão, ele dá idéia de movimento. Agora, se você olha pelo ângulo de trás vê uma coisa, olhando pelo lado da frente à perspectiva é outra; já se percebe de outra forma.

\_ Norval – Keim.

\_ Pra mim também não seria um ser conhecido, seria um ser mitológico criado também na hora. Pra mim é uma cabeça e um membro que dá movimento. E o interessante também é que na produção eu não queria que ele ficasse liso, eu acho liso muito comum, os detalhes do liso... eu queria uma textura diferente, que a composição dele não ficasse nenhum lado igual ao outro, queria que ficasse todo como se fosse um... é inacabado, em construção. Pois é, é isso aí.

\_ Eu gostei. A forma que eu vi a serpente, a cobra, ela está muito bem feitinha. Essa cabeça triangular, eu achei lindo e não achei bruto não. Achei mesmo que ela tem a parte da cabeça... vai afinando entendeu, seja ela comida ou não.

\_ Norval – Ok. Alguém quer falar sobre o fazer de olhos vendados?

\_ Eu nunca me sinto confortável, na verdade, de olhos vendados Norval, porque você tem certa insegurança, aquela coisa da ansiedade, de querer ver como está ficando e aquela angustia de querer fazer do jeito que você não vai poder fazer porque você não está enxergando, entendeu? Mas, por outro lado, é como eu falei naquela vez que a gente foi lá pra lagoa e tudo, que a gente fez a caminhada, é que quando você é... quando você reprime um dos seus sentidos, os outros ficam mais aguçados, entendeu? Então, essa coisa, quando você não enxerga, nessa questão, porque lá foi o que? O olfato e a audição né? E o tato assim, por algumas vezes, por questão de andar descalço e tudo. Mas aqui, foi muito mais a questão do tato, de você sentir a coisa e passar assim, do jeito que você podia, entendeu? Vai fazer sem ver nada, entendeu? Eu penso assim.

\_ Pra mim foi muito confortável trabalhar com a Fatinha; eu não sei se é por que... assim, eu me dou muito bem com ela e... assim... por mais que nós dois vendados, assim, se completavam NE? E quando os dedos da gente se encontravam não tinha um estranhamento porque tinha outra pessoa diferente, tinha aquela confiabilidade, e nós íamos construindo juntos.

E tem uma hora que você passa a mão na argila, quando os dedos se encontram; tem hora que se confundem você não sabe de quem é aí depois você sabe... você sente os movimentos, sente a energia dos dedos, sente até a textura da pessoa, aí vem à questão do calor... mas foi muito confortável construir isso juntos.....foi muito confortável.

\_ Eu, Fatinha, também achei muito gostoso esse trabalho. Eu já fiz algumas outras atividades vendadas, sem a visão, mas em construir é a primeira vez. E assim... já entrei... já entrei na brincadeira super-confortável, achando assim: bom, não quero saber o que vai sair daqui; sem muita expectativa e, eu queria mesmo.....eu não queria a coisa tratadinha, arrumadinha....não estava preocupada com isso...fazer aquela coisa bem....não, e eu gosto também de esculturas assim, meia louca que você dê a sua interpretação. E. foi muito gratificante trabalhar também com ele, essa coisa da energia foi sentida mesmo, o toque nas mãos, o carinho nas mãos. Engraçado, ele vai lá pro... ele chegou perto... ele estava furando aqui, aí eu fui lá e completei. Engraçado, de olho vendado...

\_ A gente não falou nada...

\_ Nada, não trocamos uma palavra. Eu estava querendo assim, fazer dentro da minha visão do momento, sem preocupação do vai sair... não interessou. Gostei do resultado, fiquei muito feliz e foi muito bom. Agora, é como o Keim estava dizendo... essa questão da energia... poderia ter sido horrível esse trabalho se fosse com uma pessoa que você não..., tem isso também. É muito seria a questão da energia.

\_ Eu acho interessante a experiência. Você vai permitindo que seu corpo use outras formas de percepção além da visão, e com a Elaine, foi interessante porque inicialmente a gente procurou sentir um ao outro, sentir as mãos do outro, sentir a argila... brincar, e, só depois, é que a gente começou a experiência. Mas, assim... eu me sentia mais na responsabilidade de tomar a iniciativa, de convidá-la a fazer parte, né? de convidá-la a fazer junto como se fosse assim algumas pequenas responsabilidades né? uma interação. Quem pegava água era eu, jogava em cima das mãos dela porque não sabia o que ela estava pensando... eu pegava as mão dela e colocava em cima daquela massa né? Ela também fazia a mesma coisa comigo e, na minha cabeça, o que imaginava na minha cabeça era uma coisa. Aí de repente caiu, aí depois a gente começou a fazer tudo de novo; se isso não deu certo é porque é pra sair outra coisa. Ai no final eu



fiquei muito surpreso porque a imagem que eu tinha era completamente diferente... completamente diferente do que eu vi no final. E ai, foi muito... porque pessoalmente eu pensei em me entregar a vivência sem me preocupar com formas definidas, de traduzir aquilo que eu tava vivenciando... não é nem aquilo que eu estava vivenciando... aquilo que minhas mãos queriam expressar, na verdade foi muito isso, deixar que as minhas mãos junto com as mãos da Elaine expressassem aquilo que a gente tava vivenciando juntos, sem racionalizar

\_ Norval - Éden quer falar alguma coisa sobre a experiência?

\_ Fazer as coisas no... no... é, entre a gente... tudo que eu tava pensando em fazer, eu queria, querendo ou não, veio o resultado da fórmula da gente trabalhar junto então, eu tive que tatear muito, porque por mais que a gente tenha intimidade, às vezes é um dado muito meticuloso, um pra não estragar o trabalho que a gente estava fazendo, e outro também pra preservar a delicadeza do barro né? a fragilidade do barro. Então eu tive muito cuidado, eu sou meio... faço movimentos muito rápidos e tal, a minha postura foi completamente oposta ao meu jeito de ser... era mais meticuloso .....tanto é que quando eu ia pegar água eu erguia a mão em cima do copo sem pressa, essa motricidade pra mim, ela estava mais afinada, realmente como ela amplia muito o sentido ... o tato também facilita muito, é tanto que deixei de produzir o que estava pensando, mas pra mim o que ampliou mais não foi o tato, é tanto que não produzi o que tava pensando; o que ampliou foi o lance da delicadeza, da sutileza que falta tanto no meu dia a dia; sutileza no toque, no levar, no fazer entendeu? Então, eu acho que foi muito positivo pra gerar essa consciência em nível de motricidade, ter uma forma de se expressar corporalmente mais sutil, seja graciosa ou não, mas mais sutil pra determinado tipo de trabalho... não é todo tipo de trabalho que você pode ter todo tipo de movimento e o principal é que foi trabalhar vendado porque trabalhar no escuro a gente perdeu aquela característica; o ancestral de gente tinha muita habilidade de trabalhar na noite. À noite a gente perde tudo né, fica “matetão”, a parte de visão, a parte motora, tudo, fica desajeitado. Então fico feliz, até me lembrei daquele Amalá que a gente fez depois, não é Iá? E eu acho que foi um dos Amalás mais bonitos que participei na minha vida... foi lindo, foi zen,... eu acho que as vezes a gente fala muito eu quero luz .....eu quero luz...eu quero luz mas as vezes luz demais ofusca.

\_ Norval – Bem gente, então...

\_ Eu não falei do trabalho deles, da Fatinha... eu vejo muito movimento aí, sinuosidade né? protozoário... e está em movimento... e está em movimento e movimento é ancestralidade.

\_ Norval – Você quer falar Fumir?

\_ Uma coisa assim que me chamou muita atenção na experiência foi que, sempre a gente observa um movimento, mas é um movimento de expansão como alguém tinha falado anteriormente; em todo está presente o movimento né? e é sempre um movimento que está se expandindo né? seja da cobra que se alimenta, seja do animal mitológico, seja o homem sentado, seja é... é... daquela primeira né? assim, sempre a questão da expansão, essa necessidade de se expandir, da transformação, o impulso, é uma coisa que joga pra frente, e talvez por conta disso seja muito associado à energia de Exu que é essa energia que joga pra frente que faz a coisa se movimentar né? impulsiona e vai, é como se fosse uma roda mesmo que coloca esse corpo em movimento, em transformação e que vai se moldando ganhando novos contornos, novos arranjos né? Ai essa questão da ancestralidade, é porque a ancestralidade na verdade é como se tivesse relacionado ao primeiro movimento da terra, primeiro movimento da experiência humana, esse movimento que foi dado há muito tempo atrás pelo impulso e que continua né? e que hoje nós fazemos parte, mas depois a gente vai passar também e o movimento continua, esse impulso continua e recebe... pode receber mais impulso ou não dependendo também de como a gente se posiciona nesse movimento né? Esse impulso que joga essa grande salada.

\_ Norval – Você vai falar o quê?

\_ Da experiência? de olhos vendados? É... o tato... agora... eu fiquei triste porque eu não fiz junto com o Alaim... pegar o mesmo bloco, pegar a mão dele... faltou isso aí, ficou muito individual.

\_ Norval – Você quer falar da experiência de ter feito com os olhos vendados?

\_ Não, não quero falar; depois eu falo.

\_ Norval – Ok... então vamos cessar por aqui, agradecer as presenças no trabalho.

## 6.4 Análise classificatória da vivência com argila: categorias encontradas

### 6.4.1 Representações

1. Eu vejo uma árvore, tipo centenária e as raízes dela.
2. Vejo coral, corais, aqueles corais que vêm do mar.
3. Parece aquelas formações de cavernas.
4. Eu vejo um animal, uma espécie de dragão, mas ao mesmo tempo vejo um cavaleiro.
5. vejo um jabuti embaixo e em cima um gato.
6. eu achava que parecia um reino, vi a cabeça de uma cobra, já aqui tem um passarinho que foi atingido por alguma coisa.
7. parece à casa de João de barro.
8. parece um monte de meninos sentados assim, fazendo bagunça, um por cima do outro.
9. Bom, primeiro ele tava brincando de bola; aí depois ele pegou, cansou e foi comer alfinim; aí ele ficou com dor de barriga e fez as necessidades dele (risos). Aí ele foi brincar de macinha que é aquela bola pequena ali; aí ele ficou sentado... (risos)
10. É um homem, a imagem de um homem, uma pessoa bem alongada não é? eu o vejo nu; está sobre uma pedra e pra mim representa a natureza. O sentimento que me dá é de um trabalho de expansão onde vejo assim em volta a natureza, pedra, uma cobra.
11. Pra mim tem traço de expansão
12. Pra mim é uma pessoa sentada esperando um abraço.
13. É a mesma sensação que eu tive: acolhimento.

14. É o movimento da vida.
15. Agora, pra mim é um boneco, é muito mais experiência de infância né? É um boneco e, é como se fosse um brinquedo, uma bola, um boneco né? aquelas línguas de sogra (risos)
16. Estou vendo ali um homem sentado com a espada, com a azeitona em cima e um coco (risos)
17. Eu pensei dessa bola ser o mundo, assim, porque o mundo é tão grande, mas ao mesmo tempo se torna tão pequeno que acredito na natureza e na vida e no vento e acho que no mundo ainda tem pessoas sinceras que amam de verdade, é isso que sei do mundo. Pensei na natureza e tem gente poluindo, destrutando a natureza e poluindo as águas,
18. Eu queria fazer o homem em movimento.
19. Pra mim ali é um instrumento fálico né? Como se fosse algo utilizado para bater, pra se defender, pra lutar.
20. Acho parecido com aquelas carcaças de boi.
21. Ali me parece uma espécie de água, de início eu pensei que era um charuto mas depois eu fui vendo assim, analisando, parece comida, não vi uma cobra...,
22. Eu achei a cobra e o ratinho
23. Eu falei que tinha visto uma grávida e agora... ai mudou .....um papagaio né?
24. Um papagaio com conjuntivite
25. Também parece um papagaiozinho novo.
26. É um parafuso.
27. Pra mim é um busto e cabelo grande...
28. Vejo um “Green”, um espermatozóide....
29. – É dessa forma mesmo, um “girim”, um espermatozóide, a primeira fase de um ser...

30. Eu vejo uma cobra saindo de dentro de umas pedras e a estória da vasilhinha; a cobra saiu para beber água, tem uma pedra, e a cobra saiu pra beber água. É..., do meu ângulo, do lugar onde estou, é uma cobra.

31. Parece um busto visto de lá pra cá.

32. Pra mim também não seria um ser conhecido, seria um ser mitológico criado também na hora. Pra mim é uma cabeça e um membro que dá movimento. E o interessante também é que na produção eu não queria que ele ficasse liso, eu acho liso muito comum, os detalhes do liso eu queria uma textura diferente, que a composição dele não ficasse nenhum lado igual ao outro, queria que ficasse todo como se fosse um... é inacabado, em construção. Pois é, é isso aí.

### **Estruturas de Pensamento**

Os itens 1, 2, 3, 4, 5, 6, 10, 17, 20, 22, 23, 24,25, 28, 29,30, relacionam as produções de argila com elementos da natureza:

1 trata da flora (árvore). Os demais itens trazem diferentes elementos da fauna (corais, casa de João de barro, dragão, jaboti, cobra, passarinho, ratinho, carcaças de boi, papagaio, “girim”). O item 3 trata especificamente de cavernas e o item 4 traz também a imagem de um cavaleiro. 10 retrata o *homem nu*, com os elementos da natureza (pedra e cobra);17 fala da bola representando o mundo e relaciona o mundo com a natureza e a poluição realizada pelo ser humano.

8, 9 e 15 referem-se a brincadeiras de criança: 8 refere-se à bagunça dos meninos; 9 fala das brincadeiras de bola e macinha;15 diz respeito a brinquedos (bola e boneco);

16 e 18 divergem dos outros por retratarem principalmente o homem, sem relação explícita com a natureza e com ênfases diferentes: 16 mostra o *homem* com a *espada* e 18 o *homem em movimento*.

19, 21 e 26 representam objetos. 19 *um instrumento fálico que serve para lutar*, 21 um água com comida e 26 um parafuso.

27 e 31 convergem por verem um busto, sento que o 27 acrescenta o cabelo grande.

11,12, 13 e 14 retratam diversos simbolismos do movimento do homem: 11 traz a expansão,12 o abraço, 13 o acolhimento e 14 o movimento da vida.

32 diverge de todos por trazer um *ser mitológico inacabado* em construção, possuindo cabeça e membros que dá movimento.

#### **6.4.2 Religiosidade/Orixás**

1. A gente pensava que tava fazendo tipo, um dente de Exu.
2. Me lembra Exu esse trabalho. É um chifre é? E aqui, é uma cobra? É a Dara? Como é o nome? Ah! Dandara.
3. A cabeça tem a história do Exu que é constante na vida da gente, a gente não tem, embora o chifre seja uma coisa já sincrética, o Exu tem o gorrinho?
4. Eu achei duas coisas. Dentro do meu imaginário cristão a primeira coisa que me veio foi o capiroto, o diabo; e, dentro da minha vivência em candomblé a primeira imagem que veio foi justamente a questão do Exu. Interessante porque a minha relação, pelo menos no imaginário, com relação a Exu é muito ligada à sexualidade ne. Então pra mim já foi dito essa questão relacionada a sexo, tesão, reprodução, vitalidade, sensualidade, erotismo, aliás, todo esse imaginário do erotismo e ai ainda tem a cobra, a cobra, os ovos, então, pra mim é a experiência do erótico e talvez por conta disso todo esse imaginário erótico da sexualidade, dentro da perspectiva cristã, isso seja relacionado como algo ruim, como algo negativo, como algo que não devemos olhar e muito menos perceber na nossa vida.
5. Eu consegui perceber um Exu aí, um água com iguarias e a cobra em cima guardando.

6. Por mais que tenham colocado Exu, o sentido do chifre não é chifre, é ligação com as coisas. Eu pensei em mim, eu pensei na gente, eu pensei no humano como ponto de ligação com outras energias e assim, pra mim o Oberó é a receptividade. Ele representa o ninho, ele representa o prato, ele representa até o vaso sanitário que recebe os dejetos. Então, ele é aquele que recebe, e é a forma de receber, de acolher... é isso.
7. Eu Ossaim, fiz isso aqui é pensando mesmo em Oxumaré. Ai, como falaram a cobra, o ninho, os ovos, o ratinho né? a cobra vai engolir ele, aqui é o rabo do bichinho e aqui é a cabeça, ela já ia começar a sugar. Aqui não é Exu, é o diabo mesmo, não tem nada de Exu e aqui é Oxumaré.
8. É... uma... Então me chama atenção assim porque é algo relacionado com a cabeça, o Ori e a questão do olhar.
9. Pra mim é um filhote de papagaio com Oxum na cabeça (risos). Eu pensei que poderia ser um capote, mas está com bico muito largo e a cabeça muito grande... e na frente é um Rocó, é o que eu vejo;
10. O meu intuito foi esse, foi fazer a questão do Ori que está pesando mais na minha vida.
11. Uma coisa assim que me chamou muita atenção na experiência foi que, sempre a gente observa um movimento, mas é um movimento de expansão como alguém tinha falado anteriormente; em todo está presente o movimento ne? e é sempre um movimento que está se expandindo ne? seja da cobra que se alimenta, seja do animal mitológico, seja o homem sentado, seja é... é...daquela primeira ne? assim, sempre a questão da expansão, essa necessidade de se expandir, da transformação, o impulso, é uma coisa que joga pra frente, e talvez por conta disso seja muito associado à energia de Exu que é essa energia que joga pra frente que faz a coisa se movimentar ne? impulsiona e vai, é como se fosse uma roda mesmo que coloca esse corpo em movimento, em transformação e que vai se moldando ganhando novos contornos, novos arranjos né?
12. Um Ori de barro lembra o que? Lembra muito um Exu. São duas formas que lembram Exu, a esfera e o comprido, mas eu não queria fazer o comprido. Ai eu peguei fiz um pinto bem

rápido e coloquei na mão dela. Mas assim, o que eu quis fazer na realidade, era um parafuso mesmo... é um tipo de Abará, é uma corda com seis nós...

### **Estrutura de Pensamento**

1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 11 e 12 retratam o orixá *Exu*: um trata do *dente*, 2 o relaciona com o *chifre* e com a *cobra* (Dandara), 3 o relaciona com a *cabeça*, enquanto constância dele na vida e com o gorinho, 4 o relaciona com o *diabo*, a *sexualidade*, *erotismo*, a cobra e os ovos, 5 o apresenta com um *água* de iguarias e uma cobra guardiã, 6 o vê como ponto de ligação das energias e também como elemento de receptividade através do *Oberó*, do *ninho*, do prato e até do vaso sanitário que recebe os dejetos. 11 coloca Exu como movimento de expansão, de *transformação e de impulso*, fazendo o corpo ganhar novos contornos, novos arranjos, 12 apresenta Exu de duas formas: uma redonda que é o *Ori* de barro e outra comprida que é o *abará*.

7 diverge de todos por negar o Exu e diz que é o diabo mesmo e apresenta, o ninho, os ovos e o ratinho como elementos que a cobra de Oxumaré vai engolir.

8 e 10 chama a atenção para o Ori, sendo que o 8 enfatiza a questão do olhar e 10 o fato que o Ori está pesando em sua vida.

9 difere de todos por retratar um filhote de papagaio com Oxum na cabeça e na frente um roncó.

### **6.4.3 Ancestralidade**

1. Outra coisa que me chamou muito a minha atenção foram as bifurcações, algo que é atravessado por buracos né, tem vazios, tem lacunas; então é algo que está se fazendo e que ta tomando forma e é justamente assim, pra mim é assim, não é algo definido, é algo que está se



processando e que isso pode ser visto por vários ângulos e, em cada ângulo você pode encontrar algo diferente. Pra mim, é muito esse sentimento mesmo de origem que tá presente na primeira fala sobre a árvore. O que tudo isso tem a ver com ancestralidade é justamente a idéia de que essa expressão estética, ela traz muito algo que está relacionado à raiz né? o jabuti que é todo com o ventre no chão/ então, é justamente isso, de um corpo que está relacionado a terra, né e que esse corpo, ele vai, ele vai vivenciando outras coisas, outras possibilidades. O mais interessante é que ele não é definido, ele é, é a forma dele na verdade, é dado pelo olhar de quem o percebe, então é um corpo sem forma; é um corpo que na verdade se torna corpo a partir do olhar do outro.

2. Ancestralidade é igual à natureza. Não estamos cuidando da natureza. Cuidar da natureza é cuidar do Orixá.
3. Essa forma de sentar, essa forma de se colocar aí me diz muito da ancestralidade, da abertura, do abraço; é abrir o peito para receber o ar. Olha! O jeito como ele está sentado na pedra ou na terra, me lembra muito a natureza.
4. O que está ligando esse homem a terra é justamente essa região do baixo-ventre, é o ânus, não é o homem em pé, é o homem sentado, e aí acho que isso me chamou muita atenção. Essa questão da ancestralidade e essa relação do homem com a terra, com a natureza como ele coloca.
5. Mas o diabo tem a ver com ancestralidade não é? O diabo vem na nossa história com forma de repressão desde o começo dos tempos. Então, eu vejo o diabo aí como representação da ancestralidade. E a cobra também, a questão do ventre, a cobra se arrasta pela terra.
6. Com relação à ancestralidade me veio isso... esse animal pré-histórico;
7. O ancestral da gente tinha muita habilidade de trabalhar na noite. À noite a gente perde tudo né, fica “matetão”, a parte de visão, a parte motora, tudo, fica desajeitado. Então fico feliz, até me lembrei daquele *amalá* que a gente fez depois, não é Iá? E eu acho que foi um dos *amalás* mais bonitos que participei na minha vida... foi lindo, foi zen,.....eu acho que às vezes a gente fala muito eu quero luz .....eu quero luz...eu quero luz mas às vezes luz demais ofusca.

8. Ai essa questão da ancestralidade, é porque a ancestralidade na verdade é como se tivesse relacionado ao primeiro movimento da terra, primeiro movimento da experiência humana, esse movimento que foi dado há muito tempo atrás pelo impulso e que continua ne? e que hoje nós fazemos parte, mas depois a gente vai passar também e o movimento continua, esse impulso continua e recebe.. pode receber mais impulso ou não dependendo também de como a gente se posiciona nesse movimento ne? Esse impulso que joga essa grande salada.
9. Movimento é ancestralidade.

### **Estrutura de Pensamento:**

2,3 e 4 relacionam a ancestralidade com a natureza: 2 vincula com o cuidar da natureza e o cuidar do orixá. 3 e 4 trazem o homem e seu vínculo com a natureza: o 3 pela forma de sentar na pedra, pela abertura do peito para receber o ar, e pelo abraço; o 4 pela *ligação do anus com a terra do homem sentado*.

1 difere dos outros por tratar o sentimento de origem e de *raiz*, da relação do corpo com a terra (exemplificando *o jaboti* que tem todo o ventre no chão), e das diversas possibilidades desse corpo não definido e cuja forma é dada pelo olhar de quem o percebe, daí as *múltiplas bifurcações e os vazios*.

5 diverge de todos por relacionar a ancestralidade com a *cobra e o diabo* e a história da repressão desde os começos dos tempos.

6 difere dos demais por apresentar a ancestralidade como um *animal pré-histórico*.

7 demonstra a capacidade de o ancestral desenvolver suas habilidades à noite bem como a beleza da pouca luz.

8 e 9 relacionam ancestralidade com *movimento*, mas com ênfases diferentes: 8 trata do primeiro movimento da terra e da experiência humana e do seu processo de continuidade que

pode receber mais ou menos impulso, dependendo de como a gente se posiciona nesse movimento; 9 do movimento no sentido mais geral.

#### 6.4.4 Corpo/Movimento

1. Chamou-me mais atenção o *alguidazinho*, o prato me lembra a corporiedade, a forma de comer, a fome.
2. Eu achei que é um imaginário muito erótico da cobra engolir o rato, dessa coisa do Capiroto (risos). É como dizia a minha avó; não fale o nome, é o inimigo ne? A gente não pode dizer o nome, mas é assim, essa coisa mesmo ligada à consciência corporal é ligada a questão do erótico, da sensualidade. Eu estou falando do erótico, não é a questão da sexualidade não, é do Eros no sentido de vida, de que se alimenta, de que se oferece e ao mesmo tempo né? é justamente essa questão do Capiroto... porque toda essa imagem do erótico, ela é vista como uma perspectiva negativa, é uma dimensão da nossa cultura e desse lado da experiência cristã não é integrada, é vista como algo negativo.
3. Eu não queria que fosse empurrado no chão, eu queria que ele tivesse movimento, mobilidade que era mais ou menos o que eu tava pensando discutir; que fosse fácil de transportar. Lógico que eu não queria fazer nem esse desenho. Eu queria me basear na concepção dela pra adaptar o conceito de movimento que eu queria; que justamente corpo pra mim é movimento.
4. E com relação à consciência corporal, é que esse ser, ele está parado, mas não parece uma coisa reta, ele está em sinuosidade Mesmo o corpo estando parado, estático, inclusive com o ventre no chão, ele dá idéia de movimento.
5. É, entre a gente... tudo que eu tava pensando em fazer, eu queria, querendo ou não, veio o resultado da fórmula da gente trabalhar junto então, eu tive que tatear muito, porque por mais que a gente tenha intimidade, às vezes é um dado muito meticuloso, um pra não estragar o trabalho que a gente estava fazendo, e outro também pra preservar a delicadeza

do barro né? a fragilidade do barro. Então eu tive muito cuidado, eu sou meio... faço movimentos muito rápido e tal, a minha postura foi completamente oposta ao meu jeito de ser...era mais metucioso .....tanto é que quando eu ia pegar água eu erguia a mão em cima do copo sem pressa, essa motricidade pra mim, ela estava mais afinada, realmente como ela amplia muito o sentido ... o tato também facilita muito, é tanto que deixei de produzir o que estava pensando, mas pra mim o que ampliou mais não foi o tato, é tanto que não produzi o que tava pensando; o que ampliou foi o lance da delicadeza, da sutileza que falta tanto no meu dia a dia; sutileza no toque, no levar, no fazer entendeu? Então, eu acho que foi muito positivo pra gerar essa consciência em nível de motricidade, ter uma forma de se expressar corporalmente mais sutil, seja graciosa ou não, mas mais sutil pra determinado tipo de trabalho... não é todo tipo de trabalho que você pode ter todo tipo de movimento e o principal é que foi trabalhar vendado porque trabalhar no escuro a gente perdeu aquela característica

### **Estrutura de Pensamento:**

3 e 4 referem-se ao corpo como movimento, mas de maneira divergente: 3 enfatiza o corpo como *mobilidade*; já aponta o corpo estático como estando em movimento e *sinuosidade*.

1 relaciona corporeidade com comer e fome através do símbolo da água.

2 vincula consciência corporal ao *erótico*, a *sensualidade* e ao *Eros* no sentido de vida, porém negando a sexualidade e lembrando a perspectiva cristã que diaboliza o erótico.

5 retrata o aprendizado adquirido através da vivência da argila com os olhos vendados. Exalta o tato que ampliou a delicadeza, a *sutileza*, que tanto falta no dia a dia, tornando mais cuidado e metucioso, gerando uma nova consciência de motricidade, mais graciosa.

### 6.4.5 Sentimentos/Sensações

1. Eu nunca me sinto confortável, na verdade, de olhos vendados Norval, porque você tem certa insegurança, aquela coisa da ansiedade, de querer ver como está ficando e aquela angustia de querer fazer do jeito que você não vai poder fazer porque você não está enxergando, entendeu? Mas, por outro lado, é como eu falei naquela vez que a gente foi lá pra lagoa e tudo, que a gente fez a caminhada, é que quando você é... quando você reprime um dos seus sentidos, os outros ficam mais aguçados, entendeu? Então, essa coisa, quando você não enxerga, nessa questão, porque lá foi o que? O olfato e a audição né? E o tato assim, por algumas vezes, por questão de andar descalço e tudo. Mas aqui, foi muito mais a questão do tato, de você sentir a coisa e passar assim, do jeito que você podia, entendeu? Vai fazer sem ver nada, entendeu? Eu penso assim.
2. – Pra mim foi muito confortável trabalhar com a Fatinha; eu não sei se é por que... assim, eu me dou muito bem com ela e..... assim... por mais que nós dois vendados, assim, se completavam né? E quando os dedos da gente se encontravam não tinha um estranhamento porque tinha outra pessoa diferente, tinha aquela confiabilidade, e nós íamos construindo juntos. E tem uma hora que você passa a mão na argila, quando os dedos se encontram; tem hora que se confundem, você não sabe de quem é, aí depois você sabe... você sente os movimentos, sente a energia dos dedos, sente até a textura da pessoa, aí vem a questão do calor.....mas foi muito confortável construir isso juntos.....foi muito confortável.
3. – Pra mim também foi muito gostoso esse trabalho. Eu já fiz algumas outras atividades vendada, sem a visão, mas, em construir, é a primeira vez. E assim... já entrei...já entrei na brincadeira super-confortável, achando assim: bom, não quero saber o que vai sair daqui; sem muita expectativa e, eu queria mesmo.....eu não queria a coisa tratadinha, arrumadinha....não estava preocupada com isso...fazer aquela coisa bem....não, e eu gosto também de esculturas assim, meia louca que você dê a sua interpretação. E. foi muito gratificante trabalhar também com ele, essa coisa da energia foi sentida mesmo, o toque nas mãos, o carinho nas mãos. Engraçado, ele vai lá pro... ele chegou perto.....ele estava furando aqui, aí eu fui lá e completei. Engraçado, de olho vendado.

4. Nada, não trocamos uma palavra. Eu estava querendo assim, fazer dentro da minha visão do momento, sem preocupação do vai sair... não interessou. Gostei do resultado, fiquei muito feliz e foi muito bom. Agora, é como o Keim estava dizendo... essa questão da energia... poderia ter sido horrível esse trabalho se fosse com uma pessoa que você não..., tem isso também. É muito séria a questão da energia.
5. Eu acho interessante a experiência. Você vai permitindo que seu corpo use outras formas de percepção além da visão, e com a Elaine, foi interessante porque inicialmente a gente procurou sentir um ao outro, sentir as mãos do outro, sentir a argila... brincar, e, só depois, é que a gente começou a experiência. Mas, assim... eu me sentia mais na responsabilidade de tomar a iniciativa, de convidá-la a fazer parte, ne? de convidá-la a fazer junto como se fosse assim algumas pequenas responsabilidades ne? uma interação. Quem pegava água era eu, jogava em cima das mãos dela porque não sabia o que ela estava pensando... eu pegava as mão dela e colocava em cima daquela massa ne? Ela também fazia a mesma coisa comigo e, na minha cabeça, o que imaginava na minha cabeça era uma coisa. Aí de repente caiu, ai depois a gente começou a fazer tudo de novo; se isso não deu certo é porque é pra sair outra coisa. Ai no final eu fiquei muito surpreso porque a imagem que eu tinha era completamente diferente... completamente diferente do que eu vi no final. E ai, foi muito... porque pessoalmente eu pensei em me entregar a vivência sem me preocupar com formas definidas, de traduzir aquilo que eu tava vivenciando.....não é nem aquilo que eu estava vivenciando.....aquilo que minhas mãos queriam expressar, na verdade foi muito isso, deixar que as minhas mãos junto com as mãos da Elaine expressassem aquilo que a gente tava vivenciando juntos, sem racionalizar.
6. É... o tato....agora...eu fiquei triste porque eu não fiz junto com o Alaim .....pegar o mesmo bloco, pegar a mão dele....faltou isso aí, ficou muito individual.

#### **Estrutura de Pensamento:**

6 diverge de todos por falar que ficou triste por ter realizado o trabalho individualmente.;

1 também diverge dos demais por tratar do desconforto com a venda, o que suscita sentimentos de insegurança, ansiedade, de querer ver como está ficando, angustia de não poder fazer do jeito que quer por não estar enxergando; no entanto reconhece que nesse estado, os outros sentidos ficam mais aguçados.

2, 3 e 5 externaram o sentimento de conforto ou interesse durante a vivência: 2 enfatiza a confiabilidade na construção conjunta através da energia dos dedos entrelaçados, além da percepção da textura e do calor; tanto o 3 como o 5 referem que não se preocuparam em buscar formas definidas ou arrumadas (3:” não queria a coisa tratadinha, não queria saber o que vai sair”, 5: foi muito deixar que as nossas mãos expressassem aquilo que a gente estava vivenciando juntos, sem racionalizar) e também tratam da energia gratificante sentida com o toque conjunto das mãos.

4 difere dos demais por colocar como pré-requisito a empatia com o outro para que flua a energia. Também foi o único a enfatizar o silêncio durante a produção.

Abaixo o estudo transversal sob forma de conta que escrevi para trazer os confetos do grupo aqui destacados em negrito e letras maiúsculas.

## 6.5 Surfistas ecológicos

Estamos na Pororoca, área da Amazônia, acidente geográfico dos mais lindos, recheado de **representações da ancestralidade** onde o Rio Amazonas se encontra com o mar. Um encontro que estimula encontros, ora de pescadores, ora de turistas, ora de surfistas ecológicos que têm tesão de novos desafios, pois, surfar na Pororoca não é para qualquer um.

Estamos à margem do Rio Amazonas com um grupo de surfistas ávidos, aguardando o momento da tão esperada entrada quando, de repente, Neném grita:

\_ Olhe um HOMEM NU! Ele está sentado na pedra com uma cobra na mão!

\_ Qual é Neném, fique na sua... Cara! Ele está no seu habitat, no seu natural, na sua intimidade, inteiro, é o **HOMEM EM MOVIMENTO**, íntegro, a representação perfeita da **ancestralidade**; e nesse momento se cruzam a **ancestralidade africana e a indígena**. Por outro lado, a nudez está implícita nos conceitos de **consciência corporal** – defende Leleu.

\_ Falou forte oh, Leleu! Massa cara! Viajei nessa do movimento. Tudo aqui é movimento. Tudo é ancestral! Até o som move como uma sinfonia... bárbaro!! – grita Noca.

\_ Olhem outro índio, parece **HOMEM ESPADA**! – grita novamente Neném.

\_ Não cara; é um tacape, uma arma de pesca – explica Noca.

\_ Galera, vamos alongar. Faz parte da consciência corporal – ordenou Juca.

\_ Juca, vamos olhar para a Pororoca e tirar de lá os movimentos de alongamento? – sugere Noca.

\_ Legal Noca. Vou incorporar o **HOMEM MOVIMENTO DA VIDA** diante de tanta diversidade de ondas e do próprio ambiente do Rio Amazonas. Percebem vocês que não existe onda igual, a água tem várias cores e várias velocidades. Aqui se constroem todas as formas de vida. Observe como a nossa Mãe Natureza transmite imagens que nos faz lembrar o dragão, a cobra, o passarinho, o ratinho, as carcaças de boi, o papagaio, o girim, os corais, a casa de João de barro, cavernas e cavaleiro. Sabemos que nossos corpos podem reproduzir qualquer forma que a nossa Mãe Natureza nos apresenta. Estamos de frente da própria vida. – disse Juca.

\_ Vou incorporar o **HOMEM EXPANSÃO**. Sinto isso porque não vejo o final da Pororoca, então concluo que o movimento de expansão é infinito. Olhem um monte de meninos fazendo bagunça, um por cima do outro! Outros comendo alfinim, brincando de bola e de macinha, fazendo as necessidades, libertos, bem à vontade; isso também é expansão – Leleu fala movendo-se graciosamente.

\_ Juca, - interrompe Mamau – com todas essas formas que você trouxe da nossa Mãe Natureza, sinto-me agora numa grande bola, que é o mundo. E fico puto de ver como o ser humano polui essa bola. Fica a sensação de que ela é grande, mas ela se torna pequena pelo destrato dispensado.



\_ Posso também incorporar o **HOMEM ACOLHIMENTO** porque essa mata que está na nossa frente, traz o sentimento de útero – externa Mamau.

\_ Que massa cara, essa sensação de ser filho da Natureza! Sinto-me agora **HOMEM ABRAÇO** por estar tão acolhido nessa mata, quero abraçar todos vocês, venham!! – chamou Guto.

\_ Estou agradecida a Oxum por me mostrar uma imagem feita pelas águas do rio com cabeça e membros que dão movimento; para mim é a representação de um **SER INACABADO**, cheio de mistérios que, com certeza, nenhum homem ou nenhuma ciência por menos cartesiana que seja, conseguirá desvendar – ensina Noca.

\_ Caralho Noca, agora você foi fundo! Lembrei da minha avó que era Mãe de Santo, cultuava a **religiosidade dos orixás**. Era uma negra alta, forte, descendente de africanos. Guerreira; tinha na cabeça, no seu Ori, Iansã. Era uma lutadora, defensora dos direitos dos negros, da religião do candomblé e fez muitos filhos de santo. Todo mês tinha festa no terreiro dela – explicou Neném.

\_ Neném, você é foda, legal cara! Não sabia que você sacava dessa coisa de macumba. Tem mesmo **EXU DIABO**? – pergunta Guto.

\_ Não cara. Exu está em todos nós, que é **EXU ORI**. Eu posso invocar **EXU IMPULSO** quando estou surfando. Olhando esse mar de transformação me sinto presenteado por **EXU TRANSFORMAÇÃO** – continua explicando Neném.

\_ Neném, aquele índio que vimos com a cobra na mão, posso dizer que ele está com **EXU COBRA**? – pergunta Mamau.

\_ Claro Mamau, é isso aí cara. Exu tem 21 faces. Ele está em todas. É o orixá das confusões, da inquietude, da sexualidade, o dono das encruzilhadas e das beiras de estradas. Ele abre os caminhos.

\_ Quer dizer que existe **EXU SEXUALIDADE**? – pergunta Mamau.

\_ Sim cara – responde Neném – Ele é pura energia, é o centro, é de onde tudo sai. Pra você ter uma idéia de como o cara é importante, todo terreiro tem por obrigação despachar todo dia pra Exu. Ele está dentro de nosso corpo, da nossa vida, em todo lugar, com uma infinidade de faces e ações.

\_ Neném, quer dizer que se eu estiver comendo o Exu está no meu prato? – pergunta Guto.

\_ Claro Guto, EXU PRATO, EXU NINHO, EXU OBERÓ, EXU AGDÁ. É aquele que acolhe, alimenta, protege, recebe. – esclarece Neném.

\_ Até no vaso sanitário? – exclama Leleu.

\_ Sim, EXU DEJETOS faz parte da vida – confirma Neném.

\_ Mas vejo muitas imagens de um diabo com dentes e chifre, todo pintado de preto e vermelho – aquele também é Exu? – pergunta Leleu.

\_ Sim, EXU DENTE, EXU CHIFRE – explica Neném – continua sendo as várias facetas que as pessoas pintam do orixá Exu.

\_ Esse papo está massa cara! Gostaria que todos os alunos de escolhas primárias e secundárias, ou melhor, até os universitários estivessem aqui neste ambiente, cercado de matas, com essa Pororoca maravilhosa para ver se quebrava um pouco o preconceito que existe neles. Acho que o convívio com essa **ancestralidade** seria o canal, pois, para mim, para entender os conceitos da ancestralidade tem que vivenciar, tem que estar junto da nossa Mãe Natureza – coloca Guto entusiasmado.

\_ Massa Guto – interrompe Neném – ANCESTRALIDADE RAIZ está presente quando a gente coloca nossa bunda na mãe terra, rastejamos nas dunas, nos molhamos nos rios, lagoas, mares, trilhas, como o jaboti que é todo com o ventre no chão. Somos HOMEM TERRA, vinculados a terra, comendo da terra, respeitando a terra, cuidando da terra, amando a terra, cultivando a terra, acariciando a terra, são lições dos nossos ancestrais. ANCESTRALIDADE COMO PRIMEIRO MOVIMENTO é gênese, é primal. É o primeiro movimento da experiência humana que foi dado há muito tempo atrás e que continua.

\_ Que porrada essa sua colocação Neném! – fala Ruth eufórica – estimulou trazer a ANCESTRALIDADE IMPULSO que nos leva a sermos agressivos no toque da vida, cheia de buracos, vazios, com lacunas, mas também com suas trilhas e bifurcações. Trata-se de algo que está tomando forma, está se processando, não é algo definido, mas, é algo que pode ser visto de vários ângulos e, em cada ângulo, você pode encontrar algo diferente. Podemos chamar isso de ANCESTRALIDADE BIFURCAÇÃO.

\_ Tenho outro olhar com relação à ANCESTRALIDADE IMPULSO - interrompe Noca – nós fazemos parte dessa ancestralidade e ela pode receber mais impulso ou não, dependendo de como a gente se posiciona nesse movimento.

\_ Esse papo me faz concluir que a ancestralidade é igual à natureza e cuidar da natureza é cuidar do orixá. As pessoas não estão cuidando da natureza, conseqüentemente, não estão cuidando dos orixás – interpreta Neném – Tem ainda aqueles que relacionam a ancestralidade com a cobra e o diabo, ANCESTRALIDADE COBRA/DIABO. A cobra, pela questão do ventre se arrastando pela terra e o diabo por vir na nossa história como forma de repressão desde o começo dos tempos.

\_ Galera – investe Mamau - estamos aqui sentados, estáticos, corpos quietos, falando de **corpo/movimento** olhando o movimento da Pororoca, em altas reflexões sobre a consciência corporal e a ancestralidade africana e me vem à pergunta: existe um conceito ancestral de movimento?

- Caralho! – grita Guto – o Mamau viajou legal nessa onda! Que pergunta porradão!

\_ Calma galera – acalma os ânimos Neném – CORPO MOBILIDADE é fluidez, fácil de transportar, de deslizar nas ondas.

\_ Com relação à consciência corporal, vejo que esse ser está parado, mas, não parece coisa reta, chão, dá idéia de movimento. É CORPO SINUOSIDADE – fala com sutileza Noca.

\_ A consciência corporal também está ligada à questão do erótico, da sensualidade. Eu ele está em sinuosidade. Mesmo o corpo estando parado, estático, inclusive com o ventre no estou falando do erótico, do Eros no sentido de vida que se alimenta que se oferece. Aí vem a questão

do capioto, porque, toda essa imagem do erótico é vista numa perspectiva negativa, é uma dimensão não integrada da nossa cultura e da experiência cristã. Tudo isso está dentro dos conceitos de CORPO CAPIROTO, CORPO SEXUALIDADE e CORPO SENSUAIDADE, conclui Susi.

\_ Susi, – fala Noca – você me estimulou a pensar que nós surfistas temos que ter cuidado e carinho no trato com o mar e agora com o Rio Amazonas. CORPO SUTILEZA nos leva a tocar com mais leveza e amor na água e na prancha e em nosso próprio corpo.

\_ Chegamos ao que eu queria – interrompe alegre Juca – não é fácil falarmos de **sentimentos/sensações** vivenciados com os nossos corpos. Confesso que já estava no *desconforto*, um pouco *ansioso*, pois, estamos aqui há mais de duas horas e ainda não tivemos coragem de entrar para testarmos nossas pranchas no Rio Amazonas.

\_ Estou *insegura* – reclama Noca.

\_ Estou sentindo totalmente o contrário do Juca – discorda Guto – estou na minha... tranqüilo e *confortável*.

\_ Nós, eu e a Susi – fala Mamau – estamos há horas curtindo essa areia grossa, olhos fechados, percebendo a textura e o calor e, trabalhando a *confiabilidade* na construção conjunta desse grande castelo de areia com a *energia dos nossos dedos entrelaçados*.

\_ Foi muito massa deixar que nossas *mãos expressassem aquilo que a gente estava vivenciando juntos, sem racionalizar* – completa Susi.

\_ Galera, vamos respirar, agradecer a Xangô por estarmos nesse paraíso, nessa terra ancestral, curtindo os sons do *silêncio* – concluiu Noca.

- Galera, vamos surfar! – puxa Neném.

## 7 ANÁLISE FILOSÓFICA

### 7.1 Trilhando entre a ancestralidade e a modernidade

Estamos na África Austral, num grande vale onde acontece de vinte em vinte anos um grande simpósio de *griots* de várias partes do continente africano, para discutir sobre a ancestralidade africana e fazer um diálogo com cientistas e personalidades de várias partes do mundo. Vêm chegando os grupos de pessoas das mais diversas etnias, cantando e dançando, alguns correndo, ao som de tambores, *agogôs*, *abés*, *koras*, com os mais diversos ritmos ligados às respectivas tribos. Foram convidados nossos personagens, que estão antenados com temáticas relativas à **consciência corporal e ancestralidade africana**.

Gaja, enquanto um dos mais velhos, está sentado num tapete árabe, embaixo de uma grande gameleira, tocando sua kora, rodeado de vários amigos, reis, rainhas, filósofos, todos de várias linhagens de regiões diferentes da grande África.

-A **ancestralidade raiz** – inicia Gaja – se materializa nesse momento quando estamos reunidos, nos apropriando de saberes tendo como canal de sabedoria a tradição oral. Parablenizo a todos por estarem presentes nesse encontro, num momento de crise mundial. Percebo também que não viemos influenciados pela parafernália da modernidade (laptops, datashow e celulares), além de não estarmos nos ambientes climatizados dos grandes hotéis de luxo.

- Permita-me um comentário sobre a **ancestralidade raiz**, tal como a considero- se expressa logo Cunha Jr: “Nós afeitos à tradição africana respeitamos e reverenciamos a nossa ancestralidade. Reverenciamos cultuando aqueles que plantaram a nossa existência, produziram a transmissão da nossa cultura e dos nossos modos de vida; aqueles que nos mantêm dignos, humanos, criativos e construtores do futuro. Os ancestrais pelos ensinamentos que nos transmitem merecem sempre a nossa reverência e estima. Nós somos resultados dos esforços e ensinamentos dos nossos pais e avós; por estas dentre outras coisas, nós os agradecemos. Assim é que se plantou a essência do orar africano pelos ancestrais. Ancestrais são pessoas dignas para as

famílias e para as comunidades, algumas do tempo recente, ancestrais próximos, outras, de um passado muito distante, foram consideradas ancestrais maiores, por isso são os donos simbólicos e orientadores das nossas cabeças; são referências do ideal de comportamento e sabedoria da comunidade (1999, p. 7, 8).

Agora toma a palavra Mia Couto - Isso tem a ver com o fato de que em “África, os mortos não morrem nunca. Excepto aqueles que morrem mau. A esses chamamos de “abortos”. Sim, o mesmo nome que se dá aos desnacidos. Afinal, a morte é um outro nascimento. (2003: p.30) É por isso que ainda para nós em Moçambique “cada homem é todos os outros. Esses outros não são apenas os viventes. São também os já transferidos, os nossos mortos. Os vivos são vozes, os outros são ecos” (2003, p. 56)

- Precisamos também falar da **ancestralidade primeiro movimento** que é o reconhecimento que somos **homem terra**, que pertencemos a terra, que somos filhos da terra – retoma Gaja. **O homem terra** é aquele que senta seu ânus no chão, ao contrário do homem moderno que escolhe sempre a distância da cadeira ou então fica em pé. Pode também escolher sentar numa pedra e abrir seu peito para receber o ar, é o que nós na nossa comunidade chamamos um **homem abraço**. Somos corpos ancestrais, que temos sentimentos e emoções.

Complementa Oliveira -: “quanto mais formos capazes de sentir, mais realidade seremos capazes de absorver” (2007, p. 62).

- Intervém Luluda: Particpei de um encontro onde lembro que você Oliveira falou “o corpo é chão! Esta é uma definição provisória e definitiva do corpo. O corpo é terra. O corpo é solo. O corpo é território. O corpo é o chão da gente. Do barro do corpo ao corpo da carne. A carne é o barro do corpo” (idem, p.99).

- Fico feliz de ter inspirado você que é de outro planeta ao ponto de você lembrar das minhas palavras exatas, sinto-me lisonjeado, responde Oliveira, surpreendido.

- É que achei muito bonito mesmo! exclama-se Luluda.

- Essa **ancestralidade primeiro movimento** eu entendo também como o primeiro movimento da terra e da experiência humana que foi dado há muito tempo atrás mas, que hoje

continua e nós ainda fazemos parte desse movimento primeiro. Claro que depende da **ancestralidade impulso**, ou seja, do nível de impulso que nós damos, dependendo de como a gente se posiciona no movimento. Cabe a nós alimentarmos essa ancestralidade para nos conectarmos com o primeiro movimento.

- Gicovate reforça: “para que o movimento aconteça é necessário que nossa intencionalidade se imponha; ela é o impulso, o ‘sopro’ para que o movimento se realize” (2001, p. 14).

- Mas essa ancestralidade não é uma simples repetição do passado - intervém Ruth - Eu noto que existe uma **ancestralidade bifurcação** que é de algo que vem da raiz, mas está se processando de forma não definida, que pode ter várias entradas, trilhar vários caminhos diferentes.

- Para mim, diz Soares, não há purismo, embora alguns defendam um conceito de ancestralidade assim. Acredito que “existe um pertencimento comum, mas eu não sou igual aos meus antepassados, me transformei no caminho e no tempo, porém continuo pertencendo, fazendo parte de um conjunto de princípios que mudaram, se misturaram, inovaram, mas têm as mesmas matrizes ontológicas que o formaram, tornando-se igual na diferença e mantendo características importantes na forma de ser. (...) Tanto eu mudo o caminho como o caminho muda a minha vida, assim a identidade ancestral é algo sempre em construção, vai mudando, não sendo nunca a mesma (...). No percurso o movimento, as influências e encontros vão mudando, gerando algo híbrido” (2008, p. 92 e 93).

- Concordo com o que já foi dito aqui, mas voltando à noção de **ancestralidade raiz**, penso que seja aquela que se assenta na Mãe Terra. Pois a terra é **Mãe Primeira** – conclui Neném.

Nesse momento Padre Altuna pede para falar, pois ele quer dar um exemplo da noção de **Mãe Primeira** com referência aos bantos aos quais ele dispensou muitos anos de estudo e convívio. Diz ele - Os bantos têm uma relação muito estreita com a terra e o território, senão vejamos: “Todas as comunidades banto conservam direitos inalienáveis sobre um território definido, demarcado e reconhecido pelos grupos limítrofes. (...) A sociedade banto (...) forma-se

em círculos concêntricos que permitem a individualidade dos grupos menores dentro da solidariedade comunitária do conjunto. O grupo localizado sente-se ainda mais solidário porque é o único proprietário do terreno.

O território, a terra permanecem inalienáveis porque são propriedade coletiva de vivos e antepassados e herdada por usufruto. (...) A terra pertence a uma grande família, muitos dos seus membros já são mortos, alguns estão vivos e a maioria ainda não nasceu. Por isso a terra adquire um caráter sagrado, aumenta a coesão social, e garante a consciência comunitária. Como propriedade comunitária é intransitável, fecha a porta a qualquer propriedade privada. Não se pode comprar nem vender. Esta riqueza coletiva inclui tudo o que nela existe: solo, subsolo, caça, bosques, rios.

A propriedade do solo é indivisível, a ninguém se pode conceder definitivamente nem a propriedade, nem o uso de uma parcela. (...) A razão profunda desta instituição encontra-se na concepção vitalista. A comunidade fez um contrato permanente de inter-relação vital com as forças presentes e ativas ou ativáveis do território. Nenhum indivíduo pode romper esse pacto ou torná-lo privativo. (...) O solo passou, como propriedade sagrada, para a comunidade que nunca se pode reduzir aos vivos. A presença dos antepassados, gênios e espíritos aliados sacralizam o território (1993, p. 141).

A posse da terra é dos bons antepassados, os bakulu. "Os membros do clã podem cultivar, colher, caçar, pescar: desfrutam, portanto, da propriedade ancestral, mas são os mortos quem conservam a propriedade. (...) As mulheres, quando vão à pesca, fazem uma oferta a estes habitantes do mundo indivisível como reconhecimento da co-propriedade e em propriação. O caçador quando abate uma peça, extrai-lhe o sangue ou uma parte nobre e oferece-a como primícia. E a mulher, ao inaugurar um campo ou começar a sementeira, renova a aliança com uma súplica ou uma oferenda. (...) O banto nunca diz as minhas terras, mas sempre as minhas lavras". (idem; p.142) Quando abatem grande caça ou fazem grande pesca, se festeja e se reparte entre todos. O chefe clânico não é mais do que o administrador e distribuidor rotativo da terra, não pode dispor da terra de outrem. Há setores da terra como bosques, savanas e rios que são de uso coletivo. O Chefe e o conselho clânico podem entregar um terreno a um estranho se o mesmo se comprometer a incorporar-se à comunidade e às suas regras.



- Fico impressionado com o seu relato acerca dos Bantos - exclama Mali. Entende-se melhor por que, nas práticas de candomblé, se pede sempre licença antes de efetuar qualquer rito na terra ou de extração de seus frutos (plantas, animais, minerais) bem como se realizam muitos gestos de reverência com a cabeça e o ventre voltados para o chão. São formas de reconhecimento da sacralização da natureza, uma ética de respeito aos elementos que nós herdamos dos Bantos e dos demais povos e nações que foram trazidos à força ao Brasil. O senhor Altuna me fez também lembrar uma viagem que fiz ao Brasil, em que, passando pela Bahia, estive no Terreiro Ilê Axé Opon Afonjá, da Ialorixá Mãe Stela de Oxossi. Mulher forte, líder e guerreira. O Terreiro fica no bairro do Cabula e tem até escola. Integra nos seus quadros vários cantores, como Gilberto Gil e escritores como Jorge Amado. Ela foi a primeira Ialorixá a abolir o sincretismo do candomblé com o catolicismo. Sei que ela está para vir para nosso Simpósio Internacional, mas desde já me adianto lendo um dos seus vários escritos onde ela me fez sentir o que significa fazer parte da natureza:

“A nossa religião valoriza a natureza. O orixá é força vital e corresponde aos elementos da própria natureza que são: a Água, A Terra, o Fogo e o Ar. Para você ver como nós, principalmente quem cultua e quem pratica a religião dos orixás e que está mesmo entregue aos orixás, nós vemos o nosso corpo como um templo. Por quê? Porque todos os seres são formados de partículas de cada um desses elementos que são a Terra, a Água, o Ar e o Fogo. Por isso temos conosco uma partícula de cada orixá infuso em nós mesmos. Isso independe da etnia, crença ou condição social, todos têm. A pessoa pode ter outra religião e nem por isso deixa de ter o corpo formado por esses elementos. .

O Ar é o elemento essencial da vida, e temos em nós o ar que é representado pelo orixá chamado Iansã ou Oyá. Esse ar também é o que nós chamamos de Eni. Eni é aquela força interna que sai de nós, é onde nós tratamos o nosso axé, através do Eni. A Água também é fonte de vida. Ela nos hidrata e está presente em nosso organismo como o suor, as lágrimas, as secreções, o sangue... tudo isso são elementos líquidos e representam os orixás da água que são Oxum, Iemanjá e Inana. O Fogo é a vida por excelência. Está presente em nossa temperatura e nas nossas emoções. Esse calor, esse fogo é representado pelo orixá Xangô. Iansã, também, é muito forte na nossa vida, porque um corpo sem calor é um corpo morto. Também podemos comparar nossa pele, carne, ossos, dentes e cabelo à Terra que é a fonte primeira da vida. Essa mesma

massa que nós temos aqui devemos muito a um orixá chamado Nanã, que é quem fez a formação do corpo humano. (2002, p. 28).”

- Interfere de novo Padre Altuna: Mas para os bantos, a relação não é só de fazer parte da natureza, e de *ser natureza*. É que “os banto sentem uma unidade indestrutível com o universo porque sabem que estão imersos na interação que tudo anima e agita. O seu universo forma uma unidade indivisa, o *ntu* humano (o ser) vive em uníssono com o mundo visível e invisível. O homem não está situado frente ao cosmos, mas *no cosmos*”, insiste Altuna. (...) A partir da integração na sua família-comunidade pelo sangue-vida recebido dos antepassados, os banto sentem-se em comunhão com o universo, envolvidos na corrente vital, carne da carne do mundo”. (1993, p. 50).

- Porém, completa Couto, isso não está sendo entendido na nossa sociedade moderna, pois anda se destruindo muito.

- Percebo que a tendência é mais de **rasgar a natureza** – exclama Rono - em tom preocupado.

-Sim, concorda Couto. Isso aconteceu lá no meu interior em Moçambique. Foi muito triste assistir esse processo: ”O que se passava era, afinal, bem simples: a terra falecera. Como o corpo que se resume a esqueleto, também a terra se reduzira a ossatura. Já sem ombro, sem omoplata. Já sem grão, sem poeira. Apenas magma espesso, caroço frio”. (2003, p.182)

- Que forma poética de contar esse drama! Impressiona-se – Ruth - Gostei por demais da analogia que Mia Couto fez da terra com o corpo humano.

- Quer dizer que para vocês, ambos, terra e corpo humano, são corpos da ancestralidade? – descobre Neném, entusiasmado. Mas, meu povo, nesse mundo louco em que vivemos, para vocês, que diferença existe então entre os corpos da ancestralidade e os **corpos da modernidade**?

- Oliveira responde logo: “O corpo é simbólico. O corpo é o revestimento do sagrado. Sendo simbólico, é o sagrado revestido. Revestido de símbolos e investido de carne. A carne do

sagrado e símbolo do divino (ancestral)” (2007: p.103). O corpo da ancestralidade é assim. Já o da modernidade está mais para desacralizado, por isso dissocia-se da terra.

- Creio que há também aí uma diferença entre o **corpo mobilidade** e o **corpo desacostumado**- comenta Mali, sendo que o primeiro está mais próximo da ancestralidade. Por exemplo, está comprovado que a obesidade é um dos problemas que preocupa os governos de vários países. E esse fenômeno tem uma ligação direta com o sedentarismo que reina nesta modernidade. O corpo é negado, excluído, mal amado e maltratado. Não existe a apropriação da ancestralidade africana e muito menos uma consciência de corpo. Aí, ao invés de um **corpo mobilidade** que se alimenta do movimento, nós vemos um **corpo desacostumado**, sem fôlego, que perdeu o hábito de andar, correr, e não sabe mais relaxar na natureza porque se desconcentra facilmente.

- É que esse corpo está escasso de **Exu Impulso** que é aquela energia que joga pra frente e faz as coisas se movimentarem, acrescenta - Neném.

- E por falar em movimento, eu noto que o **corpo mobilidade** é justamente aquele que se transporta com fluidez e rapidez como o Exu que tem seu porrete, o *ogó*, que lhe permite traslados rápidos, diz - Gaja

- Eu associo essa mobilidade também com a simbologia do círculo dentre os nômades e que se reflete nas suas construções arquitetônicas - interrompe Bartaburu, tocando sua cítara:

“Há algo notavelmente em comum entre os nômades do mundo: suas casas têm quase sempre a forma circular. Dos iglus dos esquimós às gers da Mongólia, das tendas dos lapões às cabanas dos pigmeus, será coincidência que gente que nunca se cruzou tenha tido a mesma idéia? A resposta parece estar nas profundezas do inconsciente coletivo humano, onde há milênios a figura do círculo se associa à noção de movimento, alinhada com o ciclo do sol, da Lua e dos planetas. Não por acaso, povos sedentários tendem a fazer moradias quadrangulares – sinal de estabilidade. O movimento é a razão de vida de pelo menos 30 milhões de pessoas no mundo de hoje. Tal como viveram nossos ancestrais na alvorada da espécie, elas fazem de sua existência um permanente perambular em busca de recursos que sempre acabam como água, pasto e caça” (2009, p. 2).

- Muito interessante essa reflexão sobre as casas circulares dos nômades – interrompe Gaja - mas eu gostaria de retornar a Exu, pois considero esse orixá um tema instigante para discutir ancestralidade. Vejam, ele também tem um aspecto circular, por isso uma de suas representações é uma esfera, o que sugere que ele não tem nem início, nem meio, nem fim. Exu também é devir constante porque ele possui o poder de mobilizar, que é o agbára. Repetindo suas palavras Soares: “faz com que as coisas aconteçam, influencia a todos fazendo de Exu a própria mudança, uma energia de devir para transformações constantes (...)” (2008: p.46).

- Soares, que dedicou uma tese ao assunto não pode evitar querer explicar: Para os nagôs, Exu “é a principal entidade, não só do culto aos Orixás em que ele é a força dinâmica que move o sistema mítico ancestral, como também na vida, no dia a dia que, segundo a crença do povo do santo, é a energia que vitaliza as pessoas e de tudo o que existe. Em resumo, sem Exu não tem movimento, logo sem ele não teríamos culto aos orixás, nem vida para os seres” (2008, p. 36).

- E o mais incrível é a multiplicidade dele, em todos os sentidos, enquanto **Exu Transformação!** - diz Leleu.

- Retoma Soares, empolgado com seu tema predileto: Ele tem diversas maneiras de se apresentar, é polilógico e polifônico. É polilógico porque ao mesmo tempo em que existe o orixá Exu, ele se multiplica, cada orixá possui vários e cada pessoa iniciada possui o seu. Os Exus colaboram “desde simples mensageiros, guardiões da porta, até as mais complexas obrigações, como as de escolher ervas e conduzir processos advinhatórios” (2008: p. 83).

- Eu o vejo também como aquele que acolhe, alimenta, protege, recebe como **Exu Oberó, Exu Alguidar, Exu Ninho**. Sem contar o **Exu Dejetos**, pois ele está presente nos dejetos também, acrescenta Neném.

- É mesmo? Eu sempre o tive como **Exu Diabo** ou **Exu Chifre**, aquele **corpo capiroto** vestido de preto e vermelho representado por dentes e chifres assustadores, fala Guto.

- Que preconceito é esse?! Esse é um distanciamento da ancestralidade! Ou então é um conceito de **Ancestralidade Diabo** que traz à tona todo o viés repressivo que um certo cristianismo gerou com relação à africanidade, introduzindo essa figura do diabo que nada tem a ver com a cosmovisão africana. - questiona Neném.

- “Quem fez ele do mal foram os crentes, foram alguns católicos mal informados”, exclama-se Mãe Stela que acabou de chegar e já está se entrosando. “Exu é comunicação, é movimento, é apropriação. Ele é o princípio de tudo. Como cada um tem o seu atributo, uma vez que ele é o da comunicação, ele é o recadeiro, né? Ele que leva os nossos pedidos para Olodumaré, para Olorum. Quem quer pedir, pede tudo a ele. E por ele ser mensageiro, todo mensageiro é um pouco interesseiro, né? Então, se eu pedir ao cara e ele achar uma gorjeta, todo dia ele vai querer dar aquele recado à pessoa, porque ele sabe que vai receber. Apesar dessas características meio desarvoradas, as pessoas fazem o que? “Ah! Vou mandar uma carta para Exu, vou dar um dedo a Exu para não sei o que... ”coitado! ele fica levando essa fama sem proveito” (2002, p. 61-62).

- Penso que essa fama é resultado não somente de sua esperteza oportunista, mas também de sua caracterização como **Exu Sexualidade** - interfere Soares - Talvez pelo seu falo desproporcional e exposto que irritava o puritanismo jesuítico. Imoral, depravado, esta é a sina que já traz consigo quando chega ao Brasil, mais tarde torna-se espírito de prostitutas e malandros mortos, verdadeiros feitores do mal, principal figura da quimbanda, o lado do mal da umbanda (...) passa a ser o centro da preocupação, a tensão, o mal que precisa ser domado ou expurgado. (2008, p. 44).

- Mas qual sua importância para a nossa discussão sobre Consciência Corporal e Ancestralidade? Não estamos nos detendo demais em coisas do candomblé? – pergunta Guto:

- Bom, para você que não faz parte de terreiro, talvez seja difícil captar a relação porque você não vivencia Exu, você não tem **Exu Ori**, porque não foi feito, não que sua energia esteja ausente, todos a possuem, mas ela não foi fortalecida na sua cabeça. – explica Neném.

- Penso que o mais importante dessa discussão sobre Exu é perceber que ele nos educa a romper com o corpo convencional: Exu educa a transgressão, à mudança, à transformação, à busca da liberdade. – reforça Gaja.

- E não podemos esquecer que Exu é a alegria de viver, pois ele sabe curtir o que há de bom. - brinca Neném.

- Que figura interessante! Desmistifiquei meu conceito, estou até simpatizando com a figura. Mas se ele é tão importante para a ancestralidade africana e que o negócio dele é movimento e mudança, acredito que é chegada a hora de nos mexer um pouco, diz sorrindo Guto, gingando e fazendo um *aú* com *rolê*.

Nesse momento forma-se espontaneamente uma roda de capoeira. Gaja pega o Gunga, toca o toque de São Bento Pequeno de Angola, grita um Iêêê! Inicia uma linda ladainha que conta a história de uma guerreira angolana. Quando entram os corridos os jogadores começam a brincar ao som dos refrões:”

“Jogo de dentro, jogo de fora

Esse jogo é bonito, esse jogo é de Angola”

“Ô lá lá iê, lá lá iê lá lá ê lá...

“Ô lá lá iê, lá lá iê lá lá ê lá...

“Ô lá iê lá lá iê lá

“Ô lá iê lá lá iê lá

“Lá vem a cotia com um coco no dente

com o coco no dente com o coco no dente”

- A capoeira Angola é tão linda, leve, forte e guerreira. Traz uma linguagem totalmente ancestral. Os corpos se movimentam num transitar entre o rápido e o lento, às vezes apresentando um movimento estático, quase parado, porém circulando, conforme a noção de **corpo sinuosidade** - observa Neném.

- Percebo também que os corpos detêm um autocontrole para executar todos os movimentos da capoeira, inclusive alguns de alta complexidade. Durante o jogo os lutadores têm que ficar concentrados, ligados em seus movimentos e no movimento do outro, na tentativa de usar o elemento surpresa para executar um golpe (cabeçada, rasteira, etc). O jogo de capoeira é um canal de autoconhecimento é uma forma de **conhecer se conhecendo** – reflete Gaja.

Gicovate colabora: - Gaja, você me fez lembrar o Merleau-Ponty que disse: “Nós não temos um corpo, nós somos nosso corpo porque nosso corpo é para nós o espelho do nosso ser”, (2007, p. 33) então, tudo é movimento, o corpo fala mais do que as palavras “o, corpo projeta-se no mundo pelo movimento” (idem; p. 28). O corpo relaciona-se com os objetos através do movimento. O movimento é a maneira que o corpo possui de construir o seu espaço, ou seja, nós estamos no espaço através do movimento. Todo movimento é sempre consciência do movimento, não no sentido de “intelecção”, mas de “compreensão” (idem; p.29).

- Parece uma brincadeira, mas a coisa é seria. Dizem que a roda de capoeira nos ensina a jogar o jogo da vida. É como se fosse uma constante **pipocar de vida** – viaja Liça.

Oliveira é o primeiro a falar: - O corpo não se descobre apenas pelo cérebro. Mas também pelas mãos, pela terra, pela água, areia, sol, suor, força, leveza, flexibilidade, velocidade, lentidão etc. (2007, p.104).

- Na nossa comunidade carangueijera nós temos essa compreensão- afirma D.Vavá. Por isso nós estamos sempre diversificando os movimentos, inclusive exercitando alguns bem ancestrais, fazendo uso de partes do corpo hoje esquecidas, pois se vacilar, até caminhar para trás nós deixaremos de fazer, tamanha é a pressão do meio circundante.

- Pois é, acredito que esse esquecimento tem muito a ver também com a ênfase na visão, diz Serres que tinha ficado calado todo esse tempo.

- E essa ênfase na luz e na visão vem de longe desde aquele Mito da Caverna do Platão diz Gaja.

- Como é esse mito, conta para nós, eu não o conheço direito – pergunta Guto.

- Resumidamente é o seguinte – explicita Gaja. - vou ler um texto que encontrei na internet: “Imaginemos uma caverna separada do mundo externo por um muro alto. Entre o muro e o chão da caverna há uma fresta por onde passa um fino feixe de luz exterior, deixando a caverna na obscuridade quase completa. Desde o nascimento, geração após geração, seres humanos encontram-se ali, de costas para a entrada, acorrentados sem poder mover a cabeça nem se locomover, forçados a olhar apenas a parede do fundo, vivendo sem nunca ter visto o mundo

exterior nem a luz do sol, sem jamais ter efetivamente visto uns aos outros nem a si mesmos, mas apenas as sombras dos outros e de si mesmos por que estão no escuro e imobilizados. Abaixo do muro, do lado de dentro da caverna, há um fogo que ilumina vagamente o interior sombrio e faz com que as coisas que se passam do lado de fora sejam projetadas como sombras nas paredes do fundo da caverna. Do lado de fora, pessoas passam conversando e carregando nos ombros figuras ou imagens de homens, mulheres e animais cujas sombras também são projetadas na parede da caverna, como num teatro de fantoches. Os prisioneiros julgam que as sombras de coisas e pessoas, os sons de suas falas e as imagens que transportam nos ombros são as próprias coisas externas, e que os artefatos projetados são seres vivos que se movem e falam.

Um dos prisioneiros, inconformado com a condição em que se encontra, decide abandoná-la. Fabrica um instrumento com o qual quebra os grilhões. De início, move a cabeça, depois o corpo todo; a seguir, avança na direção do muro e o escala. Enfrentando os obstáculos de um caminho íngreme e difícil, sai da caverna. No primeiro instante, fica totalmente cego pela luminosidade do sol, com a qual seus olhos não estão acostumados. Enche-se de dor por causa dos movimentos que seu corpo realiza pela primeira vez e pelo ofuscamento de seus olhos sob a luz externa, muito mais forte do que o fraco brilho do fogo que havia no interior da caverna. Sente-se dividido entre a incredulidade e o deslumbramento.

Ao permanecer no exterior o prisioneiro, aos poucos se habitua a luz e começa a ver o mundo. Encanta-se, tem a felicidade de ver as próprias coisas, descobrindo que estivera prisioneiro a vida toda e que em sua prisão vira apenas sombras. Doravante, desejará ficar longe da caverna para sempre e lutará com todas as forças para jamais regressar a ela. No entanto não pode deixar de lastimar a sorte dos outros prisioneiros e, por fim, toma a difícil decisão de regressar ao subterrâneo sombrio para contar aos demais o que viu e convencê-los a se libertarem também.

Só que os demais prisioneiros zombam dele, não acreditando em suas palavras e, se não conseguem silenciá-lo com suas caçoadas, tentam fazê-lo espancando-o. Se mesmo assim ele teima em afirmar o que viu e os convida a sair da caverna, certamente acabam por matá-lo. Mas quem sabe alguns podem ouvi-lo e, contra a vontade dos demais, também decidir sair da caverna rumo à realidade?”( Fonte...) E aí, o que acharam?



- É uma ênfase muito explícita na visão e que redundando na exaltação da luz solar. Como eu mesmo disse no meu livro *Filosofia Mestiça*: “Sob o sol, único e total resplandecia a unidade do conhecimento. Na aurora, a luz extingue a multiplicidade de estrelas diferentes. Desde o leste, nada de novo. Nada de novo desde que esse fogo nos ilumina, desde o sol grego, o Deus único e a ciência clássica, desde Platão, a sabedoria de Salomão, Luís o grande e a *Aufklärung* (esclarecimento, ilustração), esse saber de dia perdera o tempo. Nenhum desses nomes, dessas eras, ditas novas, nunca mudaram o regime, sempre o mesmo, da luz única e intemporal” (1991, p. 53).

- Serres, você é um cientista poeta. Adorei sua metáfora! – grita Guto.

- Mas não tem nada a ver essa exaltação à luz! – interrompe Gaja. Para nós que vivenciamos a cosmovisão africana, muita luz pode até atrapalhar como o sugere Serres, apagando a diferença das estrelas. Muitas vezes é na escuridão que se enxerga mais, pois os demais sentidos são aguçados.

Intervém Oliveira: - “Acostumados que estamos com a metáfora da luz e dos olhos não criamos outras metáforas como a audição e o tato. A filosofia que parte do corpo deverá construir metáforas/afirmações da ordem dos sentidos do corpo e varrer do mapa as significações sobre os sentidos. Sentido no sentido de sentir e não no sentido de interpretar”. (2007: p.106). Penso inclusive que precisamos passar a “(...) ver só com os sentidos. (...) É desconstruir as premissas culturais de nossa civilização, isto é de nossa cultura. (...) A meta aqui é exatamente desagregar os sentidos constituídos. Isso é aprender a desaprender. Ver é enxergar a singularidade das coisas (2007, p. 154-155)

- E para isso, temos de **mergulhar na caverna**, ao invés de sair dela, ou seja, enfrentar os nossos medos e aprender no escuro, como fizemos lá nas dunas e matas no quilombo, exclama-se Luluda, lembrando a vivência marcante.

- E essa idéia que a realidade se encontra fora da caverna, que o resto é falso, não está com nada. Eu defendo: “quanto mais formos capazes de sentir, mais realidade seremos capazes de absorver”. (2007: p.62).

- E numa perspectiva exuriana, o aprendizado necessita do escuro, pois o sábio “não é aquele prático que encontra soluções no claro (...) e sim aquele que consegue ver no escuro, que decifra enigmas, que profetiza para além dos fatos” (2008: p. 86)

- Parece-me lógico, até porque a maior parte do saber encontra-se no invisível, entre as energias que perpassam nosso corpo e nosso meio, e não nesse dito real visível. Como quilombola ciente de sua raiz, respeito quem possui o saber do invisível, afirma Juca. Relacionar a escuridão à ignorância é muito preconceito.

- E escuro também rima com confusão, nessa perspectiva platônica – explica Gaja.

Descendo a serra que envolve o grande vale, chega correndo, suada e sorrindo, Petit. Após um breve alongamento Petit, já inteirada do andamento da discussão, resolve interferir: - “Esse pensamento escuro e confuso, em contraposição à pretensão iluminadora da ciência platônica, é o da ancestralidade. Ancestralidade que cria uma epistemologia, não como simples *teoria teorcionista* do conhecimento (...) e sim como filosofia do corpo. Logo sua teorização é necessariamente vivencial, corpórea e imanente. Teorização que precisa ser vivida *desde o corpo* (Oliveira) para acontecer. Acontecimento total que envolve as dimensões do sensível, do gestual, da intuição, da emoção, do espiritual e... do AMOR” (2009, p.12).

- Voltando a Exu – retoma Soares, no processo de aprendizado propiciado por ele essa confusão escura faz parte: “o primeiro momento é confuso e caótico, uma vez que Exu utiliza do embuste, do enigma, das provocações para que em seguida, aconteça um esclarecimento de pontos de vista diferentes e depois o entendimento, conhecimento em si. Exu não mostra logo de saída à resposta, mas cria situações nas quais o educando aprende por si depois de um esforço de uma profusão de idéias” (2008: 163).

- Eu queria retomar a importância da vivência com a natureza para desenvolver essas percepções, como quando nós na mata experimentamos várias sensações, notadamente aguçando o olfato, justamente por estarmos na escuridão da noite, ali aconteceu um **saber pelo cheiro** – interrompe Luluda.

- Certamente, coloca-se Gicovate: “a filosofia e a ciência apenas serão completas, inteiras, se aceitarem o pensamento também enquanto corporal e levarem em consideração o saber do corpo e suas manifestações” (2001, p.6).

- Isso inclui o **saber pelo cheiro** – fala Juma.

- E cheiro traz lembranças - reflete Mali. Quando aqui foram mencionados a Bahia, a Mãe Stela e o terreiro de candomblé me veio logo o cheiro de dendê. Quando entro num terreiro de candomblé sinto logo alguns cheiros diferentes, como o de incenso, o de velas e me sinto muito bem, totalmente acolhida. Sinto-me em casa e sei que esses cheiros têm fortes influências nessa minha identidade, nesse meu bem-estar. Alimentam minha energia, são sensações muito sutis. Incrível como são fortes essas lembranças! Muito fortes mesmo! Como os cheiros marcam as nossas vidas. Tinha uma amiga minha que sempre dizia: O cheiro é definidor nas relações conjugais. Essa frase ficou na minha memória, e várias vezes não continuei algumas das minhas relações só por causa dos cheiros dos meus parceiros.

- Essa reflexão me traz o conceito de **cheiros-lembranças** – intervém Rono - que tem uma conotação um pouco diferente, são as lembranças de cheiros suscitadas, não por uma palavra, e sim por outro cheiro, quando um cheiro atual leva a outro no passado.

- Até porque todo movimento - e o sentido do olfato é um movimento - é gravado primeiro em função de outro movimento, não do intelecto, constata Neném.

- Todos os sentidos podem nos permitir ricas conexões com a ancestralidade - acrescenta Petit. Se consideramos nosso corpo como fonte de conhecimento “passamos a notar que a audição serve (...) também para perceber os sons do próprio corpo, da natureza, dos objetos, dos instrumentos, da respiração e do silêncio. A visão não serve somente para olhar as palavras escritas e sim também para enxergar no escuro, contemplar a lua, observar seu corpo e o comportamento dos bichos e demais seres da natureza (plantas, minerais). Quando aguçado, o olfato permite acessar melhor a intuição, desenvolver a sensibilidade do corpo e do pensamento. Um paladar menos padronizado, aberto a descobertas de novos temperos, especiarias e à diversidade que a natureza fornece (envolvendo frutas, vegetais, grãos e raízes), para além da exagerada predominância das carnes e massas, gera um corpo mais conectado com a nossa

ancestralidade. O tato nos propicia sentir as diferentes texturas de chão, duna, pedra, graveto, galho, folha seca, grama. Entramos numa lagoa e sentimos seu fundo de lama cremosa formada pelos resíduos das folhas, numa serra coletamos as mangas e as bananas tocando-as para verificar se estão de vez” (2009, p.46).

- “Não é por intermédio de nossas lembranças, de representações ou de nossa memória intelectual que iremos aprender os novos movimentos. Assim também como aprendemos primeiramente a significação das coisas através de nosso exercício motor e armazenamos em nosso corpo por intermédio dos gestos, potências de valor emocional” (2001, p.19) – confirma Gicovate.

- Mãe Stela foi muito feliz em dizer que todos nós temos todos os elementos da natureza - comenta Zaira. Um beija-flor é a representatividade da sutileza, da leveza e da fluidez quando paira no ar e suga o néctar da flor para se alimentar e levar no seu bico polens para fecundar outra flor que se transformará em fruto que será alimento para outros pássaros e para nós. Esse misto de fluidez e sutileza a natureza nos mostra também no elemento água, quer seja numa gota de orvalho, quer seja numa onda de sete metros de altura que o surfista singra com toda a sua habilidade. No caso do ser humano, eu vejo que na sociedade em que vivemos, pela velocidade que nos é exigida e a ênfase na visão, nós temos poucas oportunidades de realizar movimentos sutis, mas eu acredito que isso pode ser exercitado com, por exemplo, um trabalho de tato com olhos vendados, na busca de gerar um **corpo sutileza**.

- É também essa sutileza que expressa à noção **água-fogo**, quando você entra numa lagoa gelada e você tem uma sensação de fogo, sobretudo se você é uma Oxum em estado de paixão, suspira Kayin, sonhadora.

E assim, como chegaram... foram saindo, todos dançando, cantando, sorrindo, dando gargalhadas, confiantes nos seus propósitos ancestrais e sabedores de que iriam se reencontrar para novas trocas de saberes.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Não existe nada nesse universo  
que não esteja contido no corpo humano.  
Tudo que está aqui está em toda parte;  
o que não está aqui não está em nenhuma parte.  
Viahvasara Tantra

Quando eu estava lendo o livro *Filosofia da Ancestralidade*, de Eduardo Oliveira, fiquei impressionado com os conceitos que ele trazia na sua fala, mesmo sabendo que foram gerados pelas vivências que ele participava no Tempo Livre – Espaço de consciência corporal e ancestralidade africana. E me questionava, ou melhor, duvidava dos conceitos que os co-pesquisadores iriam produzir durante a pesquisa. Agora, de posse dos *confetos* concluo o quanto são fortes as vivências por eles acessadas.

Ficou registrado o quanto são fortes os contatos que fizemos com nossa Mãe Natureza. Durante a vivência lunar, a cada parada que fazíamos para verbalização, eu ficava surpreso com as falas dos participantes. Como foi forte o deslizar na invertida, de costas na duna, à noite, estimulando os participantes a sentir o *corpo desmanchando*. Parecia que eram ancestrais se deslocando, como uma tribo em processo de caça. Houve um misto de medo, tesão e surpresa nos corpos, por estarem trilhando as dunas e matas à noite, em silêncio. O agradecimento ao orixá de cabeça era uma constante. Nos desenhos apareceram com naturalidade os símbolos do candomblé.

Na vivência da dança a fluidez foi muito boa, tranqüila. Os corpos conversavam entre si, numa eterna sinuosidade. Pareciam cobras no ninho, entrelaçados, gerando o confeto *bolo*. Os corpos soltos me fazem concluir que a dança solta, liberta, transforma e potencializa os corpos. Ela é ancestral.

Na vivência da argila, após o relaxamento, a produção dos co-pesquisadores foi lindíssima, e percebi o quanto os momentos anteriores da vivência lunar e da dança afro influenciaram a todos, abrindo seus fluxos de imaginação. Estimulados pelos olhos vendados, os corpos transmitiram o que eles tinham se apropriado. Fiquei muito emocionado com os resultados.

Mas foi, sobretudo nas análises classificatórias que fiquei impressionado com a quantidade e a sutileza de conceitos produzidos pelos co-pesquisadores. Fiz uma regressão até o momento do término do livro de Eduardo Oliveira e fiquei feliz com minhas surpresas.

A infinitude de possibilidades de movimentos corporais nos leva à infinitude de confetos. A cada dia acredito mais nas posições corporais como canais de acesso a sentimentos e emoções nunca antes acessadas, porque a cada posição do corpo é como se fosse um ambiente novo, uma casa nova, um espaço novo construído, uma viagem nova, uma descoberta. Posso dizer também, que a cada novo movimento executado, com sentimento, existe um desconstruir de algo, um desapego, um esvaziar o pote para novas emoções... um eterno devir corporal.

Agora fica mais claro a frase *dizer é fazer*, um dos princípios da tradição oral e da ancestralidade africana. Tenho que estar sempre experienciando com meu próprio corpo para depois falar sobre o vivenciado. Com isso estou atualizando a ancestralidade africana.

Constatarei também como a modernidade está, a cada dia, se distanciando dos princípios da ancestralidade africana. Basta olharmos o número de movimentos corporais exigidos para sobrevivermos. Executamos poucos movimentos, geralmente lineares: ficar em pé, sentados ou deitados, atender ao telefone, abrir a porta do carro ou subir dois degraus para pegar um ônibus. Concluo que a modernidade é analfabeta de corpo, salvo raras exceções.

Houve uma boa produção de conceitos e atenderam as perguntas feitas no projeto inicial.

Podemos concluir que, a partir do corpo, os conceitos foram sendo produzidos fluidicamente. Posso exemplificar trazendo alguns *confetos* como *construir desconstruindo*, *sair para o etéreo*, *não se dar conta do que está à sua volta*, *não saber por onde terminar*, *corpo respondendo*, *homem movimento da vida*, *ser inacabado*, *ancestralidade raiz*, *homem terra*, *ancestralidade primeiro movimento*, *ancestralidade impulso*, *ancestralidade bifurcação*, *ancestralidade diabo*, *corpo mobilidade*, *corpo sensualidade*, *corpo sexualidade*, *corpo sutileza*, *sentir-se cobra bicho*, *fazer parte da natureza*, *corpo ancestral*, *corpo desacostumado*, *corpo coletivo*, *não rasgar a natureza* e tantos outros que me levaram a concluir que os co-pesquisadores produziram conceitos de ancestralidade e consciência corporal e fizeram uma relação entre eles.

Estou emocionado e com tesão de continuar a minha pesquisa diante de tantas trilhas que foram abertas durante essa viagem pelas cearas do mestrado.

## REFERÊNCIAS

- ALTUNA, P.Raul Ruiz de Asúa. **Cultura Tradicional Banto**. LUANDA, Ed. Secretariado. Arquidiocesano de Pastoral, 1993.
- BÂ, Hampaté A. **A Tradição Viva**. In: VERBO, J-KI: **História Geral da África**, São Paulo, Ed. Ática. 1987. Páginas 181-218.
- BÁRBARA, S.Rosamaria. **A Dança Sagrada do Vento**. In. MARTINS, Cléo & LOD, Raul, **Faraimará-O Caçador traz Alegria-Mãe Stella 60 anos de Iniciação**, Ed.Pallas, 1999.
- BARTABURU, Xavier. **Caminhar é preciso**. In: Revista Viver Bem. SP; edição 185, ano 19, fevereiro de 2009; pag.02.
- CACCIATORE, Olga Gudolle. **Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros**. Rio de Janeiro. Editora Forense Universitária, 1988.
- COUTO, Mia. **Um rio chamado tempo, uma casa chamada terra**. São Paulo. Companhia das letras, 2003.
- FELDENKRAIS, Moshe. **Consciência pelo Movimento**. SP, Summus Ed.1972.
- FOUCAULT, Michel. **Vigiar e Punir-Histórias da Violência nas Prisões**. RJ, Ed. Vozes, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. RJ; Ed. Paz e Terra, 1985.
- GAIARSA, José A. **Organização das Posições e Movimentos Corporais – Futebol 2001**. 3ªed., Sumus Editorial, SP, 1977.
- GAUTHIER, Jacques. **Sociopoética – Encontro entre Arte, Ciência e Democracia na Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais, Enfermagem e Educação**. RJ, Ed Escola Anna Nery/UFRJ, 1999.
- GAUTHIER, Jacques et al: **Prática da pesquisa nas ciências humanas e sociais: Abordagem Sociopoética**. São Paulo: Atheneu, 2005.
- GAUTHIER, Jacques et al: **Uma pesquisa sociopoética – o índio, o negro e o branco no imaginário de pesquisadores da área de educação**. Florianópolis: UFSC/NUP/CED, 2001.
- GICOVATE, Silvana Vasquez. **Corpo – Espaço de Significações e Saberes**. PR, Ed. Universidade Estadual de Londrina, 2001.
- GIL, José. **Movimento Total – O Corpo e a Dança**. LISBOA, Ed. Relógio D’Água, 2001.

- GOMES, Nilma. *Trajetórias Escolares, Corpo Negro e Cabelo Crespo – Reprodução de Estereótipos ou Resignificação cultural?* In: Revista Brasileira de Educação. ANPED, RJ, Set-Dez/2002, n° 21, págs. 40-50.
- GONÇALVES, Maria Augusta Salin. **Sentir, Pensar, Agir – Corporeidade e Educação.** SP, Papirus, 1994;
- GONSALVES, Elisa. **Desfazendo nós: educação e autopoiese.** Trabalho publicado no CD-ROM da XXIII Reunião da ANPED, Caxambu, 2000.
- LABAN, Rudolf. **Domínio do Movimento.** SP, Summus Ed., 1971.
- LOWEN, Alexandre. **Alegria – A Entrega ao corpo e a Vida.** Summus Editorial, SP, 1995.
- MARCONDES, Danilo. **Iniciação à História da Filosofia-Dos Pré-socráticos a Wittgenstein.** RJ, Jorge ZAHAR Editor, 2002.
- NETO, José Francisco de Melo (Orgs.). **Educação Popular – Outros Caminhos.** João Pessoa, UFPB, 1999.
- OLIVEIRA, Eduardo David. **Cosmovisão Africana no Brasil – Elementos para uma filosofia afrodescendente.** Fortaleza: LCR, 2003.
- OLIVEIRA, Eduardo David. **Filosofia da ancestralidade: Corpo e mito na filosofia da educação brasileira.** Curitiba. Editora Gráfica Popular, 2007.
- OLIVEIRA, Maria Verônica Araújo de S.C. *Educação Popular em saúde para além das palavras – um encontro com o sentir.* In: **Novas Configurações em Movimentos Sociais.** Vozes do Nordeste. Org. por RODRIGUES, Luiz Dias e VASCONCELOS, Eymard Mourão, João Pessoa Editora Universitária, 2000.
- PETIT, Sandra H. *Sociopoética: potencializando a Dimensão Poiética da Pesquisa.* In: **Registro de Pesquisas na Educação** (organizadores: Kelma S.L.de Matos e José G. Vasconcelos). CE, LCR Gráfica, 2002.
- PETIT, Sandra e SOARES, Rosileide. **Mapeando Novos Territórios – Refletindo Acerca do Modelo Conscientizador da EP, na Busca de Alternativas.** Trabalho publicado no CD-ROM da XXIII Reunião da ANPED, Caxambu, 2000.
- PETIT, Sandra et al: **Sociopoetizando o ser Negro/Neгра: Confrontando os valores estabelecidos e os conceitos produzidos por crianças de uma comunidade negra no Ceará.** Trabalho publicado no CD-ROM do XVI Encontro de Pesquisadores em Educação do Norte e Nordeste. Belém: Ed. da UFPA, 2005.
- PETIT, Sandra Haydée: *Zoé visita seus parentes.* In: Freitas Geovani Jacó (org): **África Mãe Preta.** Fortaleza: Gráfica Editora R. Esteves Tipogresso Ltda, 2008.



PETIT, Sandra Haydée: **O Sopro dos Ancestrais: implicações de uma filha de santo na descoberta de uma epistemologia do corpo**. Trabalho publicado no site do XII Congresso Internacional da ARIC: [www.aric.2009.ufsc.br](http://www.aric.2009.ufsc.br). 2009.

PRETTO, Nelson De Luca e SERPA, Luiz Felipe Perret. **Expressões de Sabedoria – Educação, Vida e Saberes**. BA, EDUFBA, 2002.

REICH, Wilhelm. **O Assassinato de Cristo**. Ed. Martins Fontes, SP, 1987.

RISERIO, Antonio. **Oriki Orixá**. SP, Ed. Perspectiva, 1996.

SALES, Ivandro da Costa. *Educação Popular, uma perspectiva, um modo de atuar*. In SCOCUGLIA, Afonso Celso

SCHULER, Donaldo. **Heráclito e seu (dis) curso**. Porto Alegre, Ed. L&PM, 2001.

SERRES, Michel: **Filosofia Mestiça**. Trad Maria Ignez Duque Estrada. Rio de Janeiro. Ed Nova Fronteira, 1993.

SODRÉ, Muniz. **Corporalidade e Liturgia Negra**. *Revista do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – Negro-Brasileiro-Negro – Nº 25*, BR, Ed. IPHAN, 1997.

SODRÉ, Muniz. **O Terreiro e a Cidade**. Petrópolis-RJ, Ed. Vozes Ltda, 1988.

SODRÉ, Muniz. **A Verdade Seduzida**. Rio de Janeiro-RJ, DP&A, 2005.

SOMÉ, Sobonfu. **O espírito da intimidade: ensinamentos ancestrais africanos sobre relacionamentos**. Tradução: Deborah Weinberg. 2ª Ed, São Paulo, Odysseus Editora, 2007.

VANSINA, J: *A tradição oral e sua metodologia*. In: **História Geral da África**. SP, Ed. Ática, 1982.

VAZ, Alexandre Fernandez. **Corpo, Educação e Indústria Cultural na Sociedade Contemporânea: Notas para Reflexão**. *Revista Proposições*. SP. (Unicamp, V.14, n.2941), 2003.

WEIL, Pierre. **O Corpo Fala**. RJ, Ed Vozes, 1999.

## GLOSSÁRIO

**Abê** – Vodun feminino da Casa Grande das Minas, do Maranhão. É dona do mar e irmã gêmea de Badé. Quando “baixa” fuma e fala. Em outros candomblés jeje é chamada Agbê.

**Abiã** – Pré-inicianda do Candomblé, geralmente jovem, em estágio anterior à iniciação, tendo cumprido apenas uma parte dos rituais. É o posto feminino mais baixo na escala hierárquica do terreiro.

**Agogô** – Instrumento ritmador de metal. Faz parte da orquestra do Candomblé.

**Amalá** - Comida votiva de Xangô, Ibêji, Obá e Bâiani. Também é oferecido no ossé anual de Iansã. É um caruru de quiabos com pirão de farinha de arroz ou de mandioca.

**Arriar** – Colocar as oferendas em lugar determinado.

**Atabaque** – Tambores altos e estreitos, afunilados, de um só couro, usados nos candomblés e, em geral, nos cultos afro-brasileiros.

**Aú** – Movimento de deslocamento da Capoeira.

**Axé** – Força dinâmica das divindades, poder de realização, vitalidade que se individualiza em determinados objetos, como plantas, símbolos metálicos, pedras e outros que constituem segredos e são enterrados sob o poste central do terreiro, tornando-se a segurança espiritual do mesmo, pois representa todos os orixás.

**Candomblé** – Local onde se realizam as cerimônias de certos cultos afro-brasileiros mais ligados as tradições africanas.

**Carrego** – Obrigação religiosa nos cultos afro-brasileiros.

**Danças rituais dos orixás** – O modo de cada iaô dançar, quando incorporada com o Orixá, é uma das coisas que identifica a Divindade. Há diferenças de nações e de terreiros, não sendo possível a descrição de todos. Em candomblé nagô-angola, de modo geral, os movimentos dos Orixás (e das aios durante o xirê) são os seguintes: Oxalá – curvado, apoiado em seu paxorô, movimentos lentos; Nanã – braços dobrados na horizontal, abrindo e fechando, punhos cerrados; Yemanjá – braços dobrados, antebraços na horizontal, mãos abertas, palmas para baixo, unindo e separando, levemente, as pontas dos dedos; Oxum – corpo virando para um e outro lado, braços dobrados pelos cotovelos, abrindo para os lados (palmas para cima) quando vira para um lado, fechando (palmas para baixo) quando vira para o outro; Iansã – braços na altura dos ombros, estendidos para frente, indo e vindo, palmas para frente, como empurrando algo; Xangô – um braço subindo, dobrado no cotovelo até a altura do ombro, enquanto o outro se desdobra e vai para baixo, alternadamente; Ibêji (dançada no xirê) – braços dobrados alternadamente, levantando a mão com os dedos fechados e o indicador estendido, corpo virado para um e outro lado; Ogun – imitando movimento de luta com espada; Obá – tapando a orelha esquerda com a mão ou o escudo; Oxumaré – com movimento ondulantes, os pés acompanham o ritmo, alguns lentos outros mais rápidos. As aios, no xirê, dançam em círculo, imitando os movimentos rituais de cada orixá para o qual estão cantando.

**Descarregar** – Livrar alguém de vibrações negativas ou maléficas.

**Ebó** – Oferenda ou sacrifício animal, feito a qualquer orixá, no sentido primitivo. Algumas vezes as oferendas são colocadas ao ar livre, para os orixás que aí têm “assentamento”, como Iroko etc. // Termo mais comumente empregado para oferenda especial a Exu, pedindo o bem ou o mal de alguém, ou agradecendo, colocando em encruzilhada, sendo vulgarmente chamada “despacho”.

**Ekédi** – Também dito ekedi. Moça, mulher auxiliar das filhas de santo em transe, amparando-as para que não caiam, enxugando-lhes o suor, levando-as à camarinha para vestir a roupa do orixá etc.

**Eru** - Grande pacote que se faz, no último dia do axexê, com os “assentos” e objetos que pertenceram ao morto, além de tudo o mais que foi usado nessa cerimônia fúnebre. Essa carga é

“despedida” em lugar determinado pelos orixás: rio, mar etc., levada por sacerdotes preparados, pois é muito perigosa, já que pode estar acompanhada por espíritos malévolos.

**Euá** – Orixá feminino, ninfa do rio e da lagoa Iewa, na Nigéria, África, cultuada somente no Candomblé, tendo poucos “filhos”. Em alguns terreiros é considerada irmã de Iansã, em outros é a cobra fêmea, esposa de Oxumaré, representando a faixa branca do arco-íris. Em alguns é confundida ou assimilada a Oxum. É uma linda Iabá (senhora) da água doce. Quando dança leva o arpão na mão esquerda e na direita uma espada de latão que simula movimentos de luta, pois, é guerreira. Seu dia é sábado.

**Exu** – É a figura mais controversa do panteão afro-brasileiro. No Candomblé tradicional é um mensageiro entre os deuses e os homens. É o elemento dinâmico de tudo que existe e o princípio de comunicação e expansão. É também o princípio de vida individual. Embora de categoria diferente dos orixás, é importantíssimo, essencial mesmo, pois sem ele nada se pode fazer. Suas funções são as mais diversas: leva pedidos, traz as respostas dos deuses, faz com que sejam aceitas as oferendas, abrindo os caminhos ao bom relacionamento do mundo natural com o sobrenatural. No jogo do oráculo Ifá é ele quem traz as respostas. Tanto protege como castiga quem não faz as oferendas devidas. Cada orixá tem seu Exu servidor particular que toma nome especial. Cada ser também tem o seu Exu que impulsiona seu desenvolvimento. Na Ubanda e cultos de influência bântu, Exu é cada vez mais confundido com o Diabo dos cristãos, com uso de chifres, garfos, tridentes, lanças e até capas vermelhas e pretas e cartolas, como o Diabo é visto no teatro. O simbolismo de Exu, no Candomblé, é uma bola de barro branco (tabatinga) com ferros pontiagudos fincados. Exu é cultuado em casa separada e as oferendas lhe são feitas em primeiro lugar. Dia – 2ª feira. Saudação: Laroîê!

**Fazer o santo** – O mesmo que “fazer cabeça”. Ato de iniciar-se, de aprender os segredos dos rituais e doutrinas e “fixar o orixá pessoal em sua cabeça”, de entrar no mundo íntimo das divindades. “Obrigação de cabeça”. Feitura de santo”.

**Filho de santo** – Iniciado do sexo masculino.

**Griot** – em tradições orais de vários povos africanos é um dos símbolos representativos de todos os narradores, dos que contam contos, cantam décimas, sábios, avós, mães e todos os demais personagens cênicos ou não, que, em muitas sociedades, são depositários de histórias, de testemunhos ou de tradições que ele conta.

**Ialorixá** – Sacerdotisa dirigente de um candomblé. Tem as mesmas funções do Babalorixá. Na África as mulheres não dirigem terreiros. No Brasil, os primeiros candomblés foram fundados por mulheres que tinham cargo de sacerdotisa de Xangô no palácio real de Oyó.

**Iá Mãe** – Termo usado junto a diversos outros que especificam cargos hierárquicos no Candomblé.

**Iansã** – Oyá, orixá feminino, divindade africana do rio Níger, uma das esposas de Xangô, rainha guerreira, dona dos ventos, raios e tempestades. Temperamento dominador e apaixonado. É o único orixá que não teme os eguns, dominando-os com seu iruexim. É sincretizada como Santa Bárbara em todo o Brasil, onde parece que ganhou o nome de Iansã, embora o de Oyá seja conservado nos candomblés nagô. Cores (C) – saia vermelha e branca ou vermelha, oja vermelho ou vermelho-branco, com laço na frente, coroa de cobre, com franjas de contas da cor do colar “vermelho caboclo”. (U) Roupas rosa - coral, colares amarelos. Dia – 4ª feira. Festa 4/12.

**Kora** - é um cordofone proveniente do Mali, Gâmbia, Guiné e Senegal. Tem uma caixa de ressonância e 21 cordas que eram originalmente feitas de pele de antílope.

**Lé** – O menor dos três atabaques do Candomblé.

**Iaô** – Sacerdotisa. Nome que a iniciada adquire logo após o sindidé. Iniciada, esposa dos orixás.

**Mãe-de-santo** – Nome mais comumente usado para dirigente feminino de um terreiro afro-brasileiro. Sacerdotisa-chefe. Sua palavra é lei. É responsável pela vida espiritual e temporal do terreiro, dirige a educação religiosa das filhas de santo e o trabalho das auxiliares, todas as cerimônias rituais, públicas ou privadas etc. Todos os adeptos lhe devem respeito e obediência. Também pratica a adivinhação.

**Nanã** – Orixá cujo culto parece ter surgido, ou ao menos se intensificado, no Brasil, no século XX. Aparece em mitos fon (do Daomei) como Nana Buluku, a “mãe primitiva” dos gêmeos Mawe (feminino) e Lissa (masculino), casal gerador da humanidade. Seria o “Deus Supremo” que criou o mundo e se foi. Nos cultos afro-brasileiros Nanã é considerada orixá feminino, “Mãe de todos os orixás”, para alguns, é a mais velha deusa das águas. Em certos mitos é a esposa de Oxalá. É considerada ainda mãe de Omulu e Oxumaré (deuses precedentes da mesma região que ela) e às vezes também de Exu. É sincretizada como Sant’Ana e seu dia de festa é 26 de julho. Em alguns lugares é sincretizada com Sta. Bárbara ou N. S. da Candelária.

**Oferenda** – Sendo as oferendas uma restituição de axé (poder de realização) à matéria básica de que foram formados os seres do mundo físico (aiyé), cada membro da comunidade religiosa deve

fazer reposições (por meio de determinadas substâncias que contêm axé) especiais para cada matéria básica (orixá gerador).

**Ogã** – Título honorífico, dado a homens de boa situação financeira e prestígio social e político, capazes de ajudar a proteger o terreiro, bem como a outros, escolhidos por sua honorabilidade e prestação de relevantes serviços à comunidade religiosa.

**Ogó** – Macete de madeira escura, com uma cabeça humana esculpida, terminando por um gorro recurvo para trás. Enfeitado de búzios e contas. É objeto mágico de Exu (e um dos seus instrumentos, no Candomblé), tendo a faculdade de transportá-lo, em segundos, a lugares longínquos, segundo a crença africana.

**Olodumarê** – Um dos títulos do orixá Ifá, Deus Todo-poderoso.

**Olôkun** – Orixá do oceano, cultuado na África por pescadores, canoieiros etc. Já está esquecido no Brasil.

**Omolucum** – massa; passar grãos sagrados através da peneira.

**Oni** – Título às vezes dado a Xangô. Título do rei do Ifé; possuidor, dono.

**Onilé** - Orixá que representa a base de toda a vida, a Terra-Mãe, tanto na vida como na morte, se caracteriza por ser o princípio e representação coletiva dos elegun e Egungun. É o primeiro a receber as oferendas e a ser evocado nos ritos dos sacrifícios. Todo terreiro possui o acento de Onilé, um deles pode ser observado no centro do Barracão de (candomblé), denominado como o fundamento da casa ou simplesmente Axé da casa, onde todos sabiamente reverenciam este local. Também chamado pelo "Povo de santo" de Oluaye, Aiê, Ilê e Sakpatá. Em algumas tradições, Onilé é uma divindade feminina, representa a Mãe Terra (onde acolhe os ancestrais), Egungun. Conta-se que quando Olorum reuniu os orixás para dividir o poder sobre a criação entre eles, uma de suas filhas, Onilé, escondeu-se sob a terra. E acabou ganhando por este motivo poder e autoridade sobre ela. A primeira parte de todos os sacrifícios de (Ejé) sangue é sempre derramada sobre a terra, independente de para qual entidade ou divindade seja o sacrifício, este gesto é uma forma de lembrar e reconhecer o poder de Onilé. Tudo vem da terra e a ela retorna.

**Ori** – Cabeça; alma orgânica, perecível, cuja sede é a cabeça – inteligência, sensibilidade etc., em contraposição ao emi, espírito, imortal.

**Oriki** – Cântico de louvor que conta os atributos e feitos de um orixá.

**Orixá** – Divindade intermediária iorubana, excetuando Olórun, o Deus Supremo. Na África eram cerca de 600. Para o Brasil vieram talvez uns 50 que estão reduzidos a 16 no Candomblé (alguns

tendo vários nomes ou “qualidades”), dos quais só 10 passaram à Ubanda. Os Orixás são intermediários entre Olorun, ou melhor, entre seu representante Oxalá e os homens.

**Ossâim** – Também Ossânin, Ossonhe, Ossãe, Ossanha. Orixá (masculino) das folhas litúrgicas e medicinais, considerado por isso “orixá da medicina. É também adivinho, na África. No Brasil é sincretizado como S. Benedito. Ossâim é muito amigo de Oxossi, como ele morador da mata. Sem o deus das folhas nada se faz nos cultos afro-brasileiros, pois as folhas sagradas são imprescindíveis para conseguir o axé (força mística) dos orixás, a purificação e preparação das aiôs para receberem os orixás etc. Dia – 2ª feira (para alguns 5ª feira).

**Oxossi** – Orixá iorubá da caça, protetor dos caçadores, filho de Iemanjá. Na África era uma divindade do clã de Ogun. É também chamado Ode (caçador). Tem ainda outros nomes ou “qualidades”: Ibulama ou Inlé, caçador que Oxum Pondá atraiu ao seu rio, tendo com ele um filho, Logunedé; Otin que veste só azul e usa lança etc. Sua natureza é ligada à lua, principalmente, como Ode. Também tem o título de “Rei de Keto”. Habita as matas, é ligado a Ogun (segundo os mitos é seu irmão) e se entende bem com Exu. É sincretizado, na Bahia, como São Jorge e São Sebastião, de modo geral, sendo sua festa a 20 de janeiro e, na Bahia, 23 de abril.

**Oxum** – Orixá do rio Oxum em Oxogbo, província de Ibadan, na Nigéria, África Ocidental. Deusa das águas doces – rios, lagos, cachoeiras – bem como da riqueza e da beleza. Deusa menina, faceira, a mais jovem e preferida esposa de Xangô, portanto uma das rainhas do Oyó, segundo os mitos. Há vários tipos ou “qualidades” de Oxum: O. Apará (guerreira), O. Panda (esposa de Ibulama e mãe de Logunedé), Iabá Omi (ligada às apetebe), O. Abalo (com leque) etc. É sincretizada como diversas N. Senhoras: das Candeias ou Candelária, Conceição, N. S. do Carmo etc. Como N. S. das Candeias, sua festa é a 2 de fevereiro (Presente nas águas), mas, na BA, também Iemanjá é festejada nesse dia, sendo, em troca, Oxum cultuada também na data de Iemanjá, 2 de dezembro (N. S. da Conceição).

**Oyá** – Orixá do Rio Níger, na África Ocidental, esposa de Xangô, cujo nome no Brasil é Iansã. “Oyá”- deusa do rio Níger, filha de Iemanjá e esposa de Xangô. Segundo um mito, quando Xangô se enforcou em uma árvore da floresta, após várias peripécias, ela que não o abandonara como os demais, em sua fuga, correu para o norte e suas lágrimas formaram o rio Oyá (Níger).

**Povo de santo** – Os crentes dos cultos afro-brasileiros.

**Quilombo** – Parece ter, antigamente, designado também o local de danças religiosas dos escravos. Modernamente se refere apenas ao refúgio (aldeamentos) dos escravos fugidos.

**Quimbanda** – Linha ritual da Umbanda que pratica a magia negra. Essa linha é assim chamada pelos umbandistas da “linha branca”, pois os praticantes se dizem apenas umbandistas.

**Roça** \_ Terreiro // Terreiro localizado em roça ou sítio. // Parte plantada do terreiro.

**Role** – Movimento de deslocamento da Capoeira.

**Umbanda** – Religião formada no Brasil (apesar de o negarem alguns crentes) por uma seleção de valores doutrinários e rituais, feitos a partir da fusão dos cultos africanos conga-angola, já influenciados pelo nagô, com a Pajelança (dando um primeiro tipo de candomblé de caboclo) sofrendo ainda influências do malês islamizado, do catolicismo e do espiritismo e, posteriormente, do ocultismo. Essa nova religião – Umbanda – começou a partir do Rio de Janeiro, espalhou-se por quase todo o Brasil e já está saindo para o exterior.

**Xirê** – Ordem em que são tocadas, cantadas e dançadas as invocações aos orixás, no início das cerimônias festivas ou internas. Exu (mensageiro) é o primeiro invocado e enviado para chamar os orixás. A ordem das invocações varia muito, mas, de modo geral, começa com Ogum e termina com Oxalá, no Candomblé. Chefe – executar (instrumentos musicais), divertir-se, brincar, festejar.

**Xangô** – Grande e poderoso orixá ioruba (nagô), deus do raio e do trovão, filho de Iemanjá e Unia fundador mítico da cidade de Ou, da qual Xangô foi o 4º rei. (Para alguns, no Brasil, é filho de Oxalá). Reinou do Benin (antigo reino, atual cidade) ao Daomei (atual República Popular do Benin) e diz-se que podia lançar fogo pela boca. Era de caráter orgulhoso e dominador. Suas esposas eram Oyá (rio Níger) (Iansã, no Brasil), Oxum e Obá, orixás dos rios desses nomes. É, de modo geral, sincretizado como S. Jerônimo e distribuidor da justiça. Tem vários nomes acrescidos ao primeiro e conforme o nome a sincretização varia, de acordo com o terreiro, a nação e a localidade. Cores: (C) – vermelho e branco, (U– marrom), colares de miçangas idem, com firmas vermelhas. Sua festa é 30 de setembro (S. Jerônimo) e seu dia 4ª feira.



**Yemanjá** – Orixá de raios e correntes e especialmente do rio Ogun, na África. Filha de Óbatalá (Oxalá) e Odudua, sua esposa; casada com Orânhiã, fundador de Oyó, capital do reino Ioruba, tendo com ele 3 filhos: Dadá, Xangô e Xampanã. Algumas vezes é dada como esposa de Oxalá. Dela são descendentes 15 deuses: Dada, Xangô, Ogun, Olokun, Oloxá, Oyá, Oxum, Obá, Orixá-Okô, Okê, Xampanã, Orun (sol), Oxupá (lua), Oxossi e Aje Xalugá. No Brasil, é orixá do mar e considerada a mãe de todos os orixás. Representa a gestação, a procriação. Cores – brancas, rosa claro e azul claro (C), branco e azul (U). Sincretismo – N. S. da Conceição (BA), N. S. das Candeias e várias outras (C). Festa: 8/12, ou 2/2 (junto com Oxum).

### Referências bibliográficas

---

CACCIATORE, Olga Gudolle. Dicionário de Cultos Afro-Brasileiros. Rio de Janeiro. Editora Forense Universitária. 1988.

#### APÊNDICE A– Contra-análise da vivência da dança afro

\_Norval - Ok. Bem é... nós vamos hoje fazer o 1º momento; vai ter um 2º também, eu trouxe a pesquisa do 2º momento que nós fizemos lá na casa; foi a dança; então, por ser a dança, eu vou trazer aqui dois momentos pra gente está relembrando o corpo ou relembrar o que aconteceu. Depois eu vou mostrar pra vocês o que foi produzido, aí nós vamos ler aqui em grupo... cada um dá uma opinião, essa opinião é concorda, não concorda ou então relembra disso, coloca isso ou não; se quiserem trazer alguma opinião tragam, mas eu quero lembrar um pouco aquilo que vocês falaram talvez alguém recorde... ok? Então eu estou no momento já quase final da pesquisa, com data aí pro dia 25, coincidindo com um grande seminário internacional de africanidade, vem Kabengele Munanga, e toda a galera do mal. A data? Acho que de 22 a 27 de março. Vai haver oficinas, inclusive, eu devo dar uma de consciência corporal e dentro de seminário estão às defesas. São três defesas; um doutorado e dois mestrados; a da Gisa mestrado e a do Ivan doutorado.

\_ A sua também?

\_NORVAL - A minha é mestrado. Bem, então eu estou aí correndo pra fazer o fechamento e esse momento aqui faz parte porque é o que nós chamamos de contra análise, é aonde vocês como co-pesquisadores também participaram... vocês falaram aí eu criei uma história sobre o que vocês falaram... a gente vai ler aqui. Eu queria trazer uma consciência de corpo com dois movimentos para fazer o aquecimento...

AQUECIMENTO: relaxamento com massagem em grupo (descontração, risos, brincadeira, dança - reggae)

\_NORVAL - Vamos pra vida... Observe, é... cada vivência feita foi digitado o que vocês falaram... essa mesma que eu estou analisando, nove páginas... aí assim..., eu pego tudo que vocês falaram e começo a botar em classes..., em categorias. Então tipo assim: categoria da liberdade, alguém falou “senti liberdade” p ex.; aí construção/desconstrução; teve alguém que falou assim: “é um construir desconstruindo... transcendência, prazer e alegria,... vocês vão ver aqui na história que vocês vão se identificar com alguma coisa que falaram. Essa situação que eu estou analisando é da dança feita lá em casa; o da lua e da argila vamos fazer num 2º momento, certo? Logo depois do Carnaval. Bem, quer queira ou não, foi falado sobre Candomblé lá na dança, sobre comunidade, sobre família, tem a ver com Candomblé. Mas aí eu criei essa história... Então observe, cada um vai ler um parágrafo da história certo? e aí, o que está em **negrito**, é a categoria que eu classifiquei; o que está em *itálico*, é o que vocês falaram, é o que nós estamos chamando de confeto, ou seja, mais ou menos assim ,que é uma palavra que tem a ver mais ou menos com sentimento, com emoção... certo? Então eu vou ler aqui o 1º parágrafo, depois o Édén continua. Ancestralidade Humana . Bem , essa aqui é a história que eu criei em cima do que vocês falaram...certo?

Leitura: Norval, Édén, Fatinha, Valéria.

\_ Dá um aparte ai... aí ele tomou néctar da flor do cajueiro?

\_NORVAL – Foi.

\_ E na Amazônia tem cajueiro? Tem que vê isso...

\_ NORVAL – Sorri... mas a história é...

\_ Sim... to falando isso porque isso aí vai influir né?

\_NORVAL – Tudo bem.

### CONCLUSÃO DA LEITURA

\_ Ta lindo Norval, parabéns!

\_NORVAL – Comentários ai sobre... comentários aí sobre a história...

\_ É um trabalho divino, tu pegar um... criar um conto já com algumas falas bem...

\_NORVAL – Nas falas de vocês... e é porque você não esteve na dança, mas a dança foi um pouco disso...

\_ Aí daí você desenvolve, né?

\_NORVAL - É, desenvolve as falas...

\_ Eu achei interessante... não tem nada a ver com isso aqui né,... naquele doutorado que eu fui, você foi né; aí a criatura lá...o doutor lá né...da tese né, ele começou a falar...falar...e, inclusive, sabia tão pouco sobre o que ele estava escrevendo, tinha tão pouco conhecimento, que quando chegou em Iangui, aí ele fala em Iangui todo mundo encafetou-se pra ajudá-lo né ...mas eu não podia me meter eu tava entre doutores...eu tava ali só de...ai...ai depois os doutores lá começaram:”é maravilhoso...é inteligente...é bem feito...é bonito...é não sei o quê” então acho que o Norval saiu; não quis entrar no conteúdo que tava sendo...

\_ NORVAL - É... não quis entrar...

... quando lá na sua casa... lá no seu templo... lá na oca, aí não.....eles quase matam o pobre do Eduardo com perguntas.....foi ....foi ótimo porquê ninguém entendia de coisa nenhuma....pronto...

\_ Qual foi a tese do Eduardo?

\_ NORVAL - Do Eduardo foi...

\_ Foi sobre o seu trabalho...

\_ NORVAL - Foi sobre o meu trabalho, sobre ancestralidade... e a banca... o Kabengele...

\_ Foi só negão?

\_ NORVAL - Foi, foi muita pergunta pra ele...

\_ É, mas no outro não fizeram nada... nenhuma pergunta pra ele... nenhuma...uma...uma

\_ Kabengele fez muita pergunta?

\_NORVAL - Kabengele deu uma pesada nele; disse que ele matou as pessoas da casa. Porque na realidade na tese as pessoas não aparecem. Cadê as pessoas da casa; porque a casa tinha... e o livro termina falando mais sobre o trabalho... E aí, o que vocês acharam?

\_ Eu quero fazer algumas considerações. Eu achei assim... de uma criatividade brilhante... parabéns pra você. E assim... você ir buscar a ancestralidade no manguezal, no caranguejo... colocá-lo dentro de uma comunidade, personificar esses caranguejos... como realmente pessoas fossem e.....aproveitando as nossas falas....no momento que a gente estava...de comunhão com a gente...num trabalho profundo. Então eu achei fabuloso, um momento de criatividade... extremamente profundo... as falas..... você conseguir concatenar as falas dentro do texto, criar um texto de artes cênicas... muito legal!

\_ Eu achei legal. De início, é até engraçado essa coisa de construir/desconstruir. Quando fala no caranguejo, na aranhola, aí você já... não existe um “nó” maior pra nós que é de santo do que isso, e querendo ou não a gente que é filho de santo, tem uma ojeriza terrível pelas aranholas...

### RISOS... COMENTÁRIOS

\_\_\_... eu detesto... não gosto...é um bicho pra mim inútil entendeu. Prá mim o que você construiu, porque deu um certo ar de simpatia... ao mesmo tempo, os hábitos desse animal são solitários, de repente ele se vê em determinado momento obrigado ou então com a necessidade de se reunirem... pra ele é complicado....quem já foi a mangue sabe que vai encontrar vários juntos.

\_ Eu já fui a mangue, já cacei caranguejo... ai é horrível. Logo que você bota os pés Norval... tu já catou caranguejo. Não?

\_NORVAL - Não, já estive em mangue, mas...

\_\_\_... assim que você bota o pé, a perna afoga, até aqui, até o joelho. Eu lembro que eu era muito magra na época, tinha pouco peso né, ai a perna afunda até o joelho, você arranca aquela perna, enfia a outra, olhe, a quentura sem uma ventilação, aquele mormaço... horrível... ai eu me apavorei , fui subir nos arbustozinho, aqueles de mangue, ai um caranguejo bem pequenininho, aquele aratu, subiu em mim...ave-maria

\_ Bom... o que eu achei interessante aqui...

\_NORVAL - Você lembrou de alguma coisa assim... palavras suas?

\_ Lembrei de algumas coisas, eu falei na questão da construção, o Kein apontou a questão da desconstrução, mas assim; o que eu achei engraçado aqui no texto né, é essa questão quando chega no neto, uma pergunta “como é que está o neto”, que fala na poluição do meio ambiente né, nessa coisa toda que a gente também é... dá muita importância a isso né. Eu acho assim, o que se

ouvia falar do Candomblé antigamente, e pra hoje essa consciência tem melhorado muito né, esse cuidado, acredito que esta cada dia crescendo a consciências mais, e outra coisa também que achei muito interessante, é... como esse neto foi tratado né... assim....a questão da cultura.....da...da...da medicina natural né...então coisa também que nós não se ligamos muito né...esse conhecimento né...achei.... é... muito, muito interessante...

\_NORVAL - Então assim... só pra complementar; você percebe no texto o casamento da consciência corporal com a ancestralidade... dá pra ficar claro isso?

\_ Bem claro

\_NORVAL – Diga Mãe Valéria

\_ É que é muito bonito também foi você ter colocado a religião no meio né. que é bem ancestral é bem antes de Cristo... sei lá... você jogar, puxar e sarava nossa mamãe Oxum não é...isso eu achei muito forte...muito bom. Eu acredito que isso vai dar um... pelo menos o orixá vai ficar reconhecido, meus parabéns pelo trabalho.

\_ Outra coisa Norval, a forma da... a linguagem que você trabalhou aqui está simples, não está aquela coisa do mestre né, do acadêmico lá de dentro da academia;

\_ Linguajar simples, né?

\_\_\_... qualquer pessoa que leia... está simples... de fácil entendimento; eu achei muito legal isso também, não usa palavras difíceis, é como se fosse mesmo uma conversa de comunidade.

\_ Eu achei belíssimo... e. assim...me transporte pra aquele dia daquela...pra vivência.....e pro mangue. Eu me vi... aquele mangue...que a gente...que a Mãe Valéria meteu o pé lá no mangue que o Norval levou...teve uns caranguejos e a ...trazendo hist...essa a.....a consciência corporal, a ancestralidade....então....me mexeu.

\_NORVAL - Pois; mais algumas considerações?

\_ Eu me sinto participativa...

RISOS...

\_\_\_... tanto participei da história, como na dança, como no manguê...

RISOS...

\_ Ai você vai desenvolver mais e mais e mais. É isso?

\_NORVAL - É... aqui é o seguinte, o que vocês falaram é... ai eu pego essas falas e desenvolvo mais alguma coisa pra complementar ai, certo. Ai vai dar outro momento fora da história, dessa análise... é o que nós estamos chamando aqui de contra análise, então pego isso aqui e adiciono com os trabalhos filosóficos, porque, isso daí depois eu vou pegar e casar com alguns autores ou que estão falando, quer que sejam europeus, quer que sejam africanos ou quer que sejam do próprio Candomblé, viu. Pra comprovar que a vivência, ela não é só aquela vivência ali da dança pela dança, mas que eu to também antenado; aí já é obrigação da academia, que é o chato da academia, que eu acho chato, mas, queira ou não eu tenho que mostrar... não, o cara também dialoga, vou dialogar com o Muniz Sodré, entendeu? vou dialogar com o menino da mitologia dos Orixás, né...

\_ Vai dialogar com Nietzsche, Deleuze... é assim mesmo... vai casando...

\_NORVAL -.... isso, Nietzsche vai entrar também na brincadeira, viu? Porque assim; tem um momento que a gente chama dessa análise filosófica, pra mostrar também que eu não sou solto... que eu não sou também... mesmo não concordando com o cara europeu, mas tem algum cara que fala alguma coisa legal .....eu pego lá oh: esse cara falou isso...tal ... tal. Então vai ter esse momento também.

\_ Era bacana assim... os membros da casa participarem mais...

\_NORVAL - É... eu espero no segundo momento, porque no segundo momento eu vou trazer mais duas análises...

\_ Os acadêmicos poderiam também ajudar nessa parte aí, que é justamente o Keim e o Fumim... o Higilaê.

\_NORVAL - É. O Keim e o Fumin com certeza se estivessem aqui eles teriam trazido mais contribuição porque eles falaram muito, né, e eles se envolveram muito também.

Então agradeço aqui, registro aqui essa contra análise realizada hoje, dia 15 de fevereiro com Éden, Fatinha, Valéria,

#### **APÊNDICE B**– Contra- análise da vivência das dunas

\_Norval – Estamos aqui no Ilê mais uma vez reunidos, hoje quatro de três, 4ª feira de Xangô, depois do Amalá, relaxados não é? Nós estamos nesse momento fazendo a 2ª etapa do que chamamos de contra-análise; o que é isso? É que, depois de termos vivenciado e registrado aqueles momentos que foram nas dunas, na dança e aqui, na argila nós classificamos todo aquele material. Separamos o que nós chamamos de confetos, que são as frases e palavras mais interessantes que vocês falaram e, peguei essas palavras e montei um texto, certo? uma historinha. Agora, nesse momento, eu vou mostrar a vocês essa historinha. Vocês vão ter a liberdade de colocar se concordam ou não e o que é que tem de consciência corporal e ancestralidade, o que bate e se estão as duas dentro do contexto; é mais ou menos isso, porque a pergunta é “o que é consciência corporal e ancestralidade”. Então nós vamos ler? Cada um lê uma parte. Bem, então vamos à leitura.



Leitura – Norval, Fatinha, Pricia, Éden

\_Intervenção Mãe Valeria – Norval; eu queria fazer só uma observação aqui sobre a “Mãe Terra”, é o seguinte: a coisa é tão importante que a pessoa quando está carregada e não tem condição de passar por um ebó nem nada, uma das melhores maneiras de descarregar a negatividade é dormir no chão direto, no barro; e outra coisa, quando a gente dorme; o certo é tomar banho pra desobstruir os poros, a gente durante a noite pega a negatividade e de manhã, se a gente não toma seu banho matinal; todas as pessoas de candomblé, a 1ª coisa que faz quando acorda é tomar banho. Não sei se aqui em casa vocês estão procedendo dessa maneira. Aquilo ali tira a negatividade; porque fica um círculo vicioso que a pessoa fica tão carregada que tem de passar por ebó e tudo, é de fazer pena...

\_ Por que Mãe?

\_\_\_\_\_... há pessoas que tem a parte espiritual sem condição de notar, de sentir; ela dá choque. Às vezes eu chego perto de certas pessoas chega eu fico assim... toda arrepiada. Quando a gente faz santo, a gente fica muito pura, ninguém pode tocar e, quando chega gente carregada perto, já aconteceu isso comigo quando eu pegava ônibus, ficava com os cabelos todos assim... parecia que via alma.

Leitura – Galba.

\_ Intervenção - O que é isso, esse negócio de “baraaaaato”?

\_ Rapaz... baraaato!!! legaaaal!!!

\_Norval – alguém falou: é um barrato...

Conclusão da leitura- Galba, Pricia

\_ Eu achei bacana tu ter criado um historinha assim porque, eu achei que tu ias fazer um texto mesmo tipo dissertação e pronto. Mas ficou legal assim.

\_ Esse é um texto complementar?

\_ Norval – esse é um dos textos; já fizemos aquele primeiro que foi o da dança e esse é o da duna.

\_ Ainda bem que é o da duna, pois eu participei.

\_ Vai ser apresentado quando?

\_ Norval- na dissertação, isso aí é material da dissertação.

\_ Quando vai ser?

\_Norval – dia 25.

\_ É Onilé viu Norval, só fazendo uma correção. É oni “senhor” e lê “terra”. Conforme Reginaldo Prandi é um Orixá feminino, é mulher. A história é o seguinte – Onilé tinha vergonha de ser vista e quando tinha festa dos orixás, dos xirês, ela não participava. Olodumaré convidava, mas ela era muito tímida. Então teve um belo dia... Eu não lembro bem, mas o final acaba assim; ela se esconde embaixo da terra. Geralmente ela tem a mesma dificuldade com Xangô, Xangô quando vai entra por debaixo da terra; Ogum também, quando ele vira orixá ele entra pra dentro da terra. E Onilé, ela é abençoada porque tudo que os orixás não querem acaba indo pra terra, então retorna pra ela; então ela acaba sendo um orixá acima do Panteão.

\_ Você deu essa explicação lá na vivência e a pessoa que redigiu as falas não conseguiu compreender e deixou o espaço em branco. Foi bom esse esclarecimento porque agora a gente já pode completar.

\_ Inclusive, Prandi não fala Olodumaré, ele fala em Olôkum.

\_ Norval – E a relação com a consciência corporal e a ancestralidade, como é que fica aqui?

\_ É aquela coisa, é como você disse naquele dia lá na duna. Muita coisa está aqui do que a gente acreditou naquele momento; é essa coisa mesmo de a gente ter um pingo de contato. Agora aqui, mais ainda essa questão da natureza. A gente tá vendo aí tudo louco, feito estufa, calor de 42° em São Paulo, coisa que nunca aconteceu. A gente vê que a coisa tá diminuindo e você tem aí

um lugar paradisíaco, que era pra ter mais lugares daquele jeito e a gente ter que ir buscar longe um lugar relativamente intacto pra gente ter um contato com a natureza, é triste né, infelizmente. Mas é como eu falei, é como o Éden colocou, eu achei legal em vez do diálogo criar uma historinha, eu acho que fica até mais fácil para as pessoas entenderem alguma coisa, principalmente relacionada ao Candomblé que é uma coisa que nem todo mundo conhece ou entende.

\_ Bom, é bacana fazer esse link com o texto, de link ar mesmo, de ver assim que outras pessoas já estariam link ando ao longo do texto. Você linkou e deixou por um momento só para linkar tudo, para ligar, para fazer a transversalidade de Orixá com Elemental. Então fica bem bacana assim, fica entre oito e oitenta, não fica muito científico.

\_ Eu achei muito legal porque ele pegou as nossas falas e foi casando dentro da história que ele criou; dentro do diálogo ele não modificou as falas. Se você pegar as nossas falas que estão transcritas no relato da vivência, vai perceber que ele aproveitou tal e qual.

\_ Tanto as falas como as ações.

\_ Norval – Finalizando essa etapa, vamos então para o terceiro momento que foi a vivência com argila.

### **APÊNDICE C - Contra-análise da vivência da argila**

\_ Norval – Vamos agora para o 3º texto. O 3º texto foi aquele momento aqui da argila, lembra que nós fizemos argila? Nós fizemos as produções. Bem! “Surfistas Ecológicos”. O nome do texto é Surfistas Ecológicos.

Leitura – Norval, Galba,

\_Intervenção- É ori de Iansã.

Cont. Leitura - Éden

\_Intervenção - Tem Exu cobra coral? Risos

Cont. leitura

\_Intervenção - Qual é o Exu que descarrega dejetos? Qual é Mãe? É o que carrega Eru?

Cont. leitura.

\_Intervenção - Cara! Bem colocado esse orixá Exu. Esta massa!!!

Cont. leitura

\_ Intervenção - O que? A palavra canal?

\_ Será Ogum? Ou bicho pra trabalhar é Ogum.

\_ Eleru? Será Hélio?Nãaa?

\_ Ancestralidade seria o canal.

Encerramento da leitura.

\_ Norval – Sim, como é que foi ai o desfecho agora?

\_ Rapaz, um baraaaaaaaaaaaaato...

\_ Eu não sei como é que a Academia vai se comportar não viu, frente a isso aqui. Risos.

\_ Negão, não tem perigo deles falarem sobre o movimento de personagem não?

\_ Norval – Não, eu tenho liberdade de fazer o que eu quero.

\_ Não, por exemplo: porque tu colocou um cara de outra galáxia entendeu? Não tem perigo deles falarem sobre isso não, né?

\_ Norval – Não. Talvez a mesa possa fazer alguma crítica; pra mudar alguma coisa. Talvez os termos ai, pode ser que a mesa fale: olhe tire esse termo.

\_ Talvez não, literatura não tem isso não, você escreve o que quiser.

\_ Ainda mais na área que o Norval está fazendo... que é Pedagogia.

\_ Não, mas na área relacionada à literatura, eu falo assim, é o que chama de movimento de personagem, mas isso aí é puxando pro lado da dramaturgia que eu acho que não vai ser cobrado, né?

\_ Ah! Tu tá dizendo assim ele ter que falar como personagem.

\_ Não, não é isso não. É desenvolver os personagens, porque tu entrou na linha da dramaturgia, mas eles não vão cobrar isso, eu acho.

\_Norval – Eu acho que não.

\_ Aí é muito sacana, né?

\_ É tu fazer essa coisa né, diálogo, coisa e tal...

\_ Tai que era uma boa idéia...

\_Vamos fazer.

\_ Norval - O que?

\_Teatro.

\_Norval - Ele tá falando pra gente fazer uma peça.

\_ Não, não, não, tô analisando o que tu fez aqui; isso aqui é dramaturgia; tem diálogo e tem personagem.

\_ Se eles forem analisar isso o pau ponteia.

\_ Norval – Total.

\_ Mas isso aqui é da pesquisa, né?

\_ O que foi que aconteceu. O negão podia explicar isso de uma forma mais segundo os personagens.

\_ Norval – Sim. Aí eu peguei umas falas e trouxe pra cá. A próxima etapa, que eu estou terminando agora, são esses termos aí, eu vou casar com algum autor quer seja africano ou europeu, chama-se análise filosófica, quer dizer: quem concorda quem não concorda com isso; os conceitos de corpo, de ancestralidade.

\_ É o Capra no caso.

\_ Norval - quando você fala dos orixás, você diz que é o diabo, não sei o que lá.

\_ Norval – É, aí eu posso mudar, fazer um casamento tipo assim, com a religião católica que nega o conceito de Exu

- Quando você usa citação, você está fazendo uma operação acadêmica; e aí a citação permite que você faça um texto poético ou um texto dramatúrgico e dê a conotação acadêmica? Aliás, eles acham o máximo à utilização da citação e, na prática, na academia a citação é uma forma de tirar a sua autoria e dá pra alguém que veio antes de você.

\_ Eles adoram fazer isso.

\_ Ai eles dizem que você não é autor de nada, que alguém já pensou... ninguém inventa nada.

\_ A meu ver, se for fazer alguma referência, eu acho delicadíssimo até pelo que se fala hoje em dia de religiosidade, substituir pela palavra cultura, é mais abrangente porque inclusive já está englobando religião...

\_ Norval – Não, a parte da religiosidade está clara. A religiosidade é uma categoria.

\_ É uma categoria está claro, agora a questão é você discutir no rodapé, quer dizer na citação, o recorte o que é religião, qual o conceito central; mas ai é no recorte. Por isso é que esse texto facilita...

\_ Facilita aquilo que é ruim, o que fica. É o tipo do negócio, porque a gente lutou tanto no sincretismo, ai tem que... assim... Exu e o diabo...

\_ Já eu já vi o pessoal de Quimbanda usar esses termos: Exu Veio.

\_ Sim... mas é na Quimbanda...

\_ Não, mais ai, eu sei o que o Norval quis dizer. No grosso modo

\_ Na Quimbanda, na Umbanda Exu e o diabo é a mesma coisa.

\_ Na televisão também.

\_ Mas ele responde mãe; ele responde dizendo não.

\_ Norval – Não tem essa história do pato de Exu, não tem?

\_ Hum... tem o pato.

\_ Norval - Então eu posso trazer um autor que fale do pato; contempla. É mais pra fazer uma comparação, entende?

\_ Ta meu filho.

\_ Norval – Não vou questionar se é de Quimbanda, se é de Umbanda, eu só vou colocar que apareceu no texto isso e que tem um autor que...

\_ Mas ele responde não mãe. "Tem mesmo esse diabo?" Ele responde não. "Exu está em todos nós", ele diz.



\_ Norval – Nesse texto aí, essa relação novamente da consciência corporal e ancestralidade, vocês conseguem ver, tem alguma relação?

\_ Tem, não tão explícita quanto o outro.

\_ Também acho, acho que fala mais da questão é, Exu mesmo...

\_ Eu vejo mais religioso...

\_ Esse é menos ancestral do que o outro.

\_ É que no outro texto, quando você lê, você imagina as pessoas caminhando e falando, é um negócio mais paisagístico. Aqui não, aqui é um negócio mais bate papo. A própria dramaturgia mesmo do texto vem falando de pessoas que estão se preparando pra surfar, até porque, a prática do surf é uma prática solitária.

\_ Norval – E a relação com o processo de ancestralidade, fala aí... não conceituar, mas...

\_ Agora a coisa que você deve tomar cuidado é não generalizar na ancestralidade africana como se a africania fosse uma só, cadê a adversidade? No outro texto ele generaliza, por exemplo, foi citado o baobá com um significado, mas tem um significado diferente em cada canto, não é a mesma sacralidade...

\_ Mas tu não acha que pelos textos terem certo caráter de diversão, leve, tu não acha que a banca pode abstrair isso não?

\_ Não, é uma banca.

\_ Norval – Agora observe... a banca tendo a Sandra, o Cunha e o Jack que é o formulador da Sócio-poética, eu vejo uma banca leve. O Cunha não é um cara exigente, assim, não é eu acho um cara inflexível.

- Mas esses termos que você está usando, num tem nada contra não, esses mais pesados assim?

\_ Norval – Olhe! Eu estou pensando deixar pra ver o que a banca diz.

\_ Não tem perigo deles reprovarem não?

\_ Não, o pode fazer é orientar a tirar.

\_ Mas tem perigo não tem? Não por conta disso... de se fazer uma tese e eles não aceitarem.

\_ Norval – Não, só se for uma coisa fora do...

\_ Eles são todos acompanhados pelos orientadores.

\_ Eu sei que em relação à literatura em si, se você tivesse que publicar um livro e fosse lá pra Academia de Letras, passava porque a gente tem vários autores que usam mãe, coisas piores; Jorge Amado, Roberto Freire, eu adoro.

\_ Por exemplo, Norval, aqui: “travar batalha com a terra – observa Mali – é um sentido da ancestralidade africana”. É uma generalização. Até dentro da forma poética, encontrar uma solução pra isso.

\_ Norval – É... eu devo estar dialogando ai com três a oito autores, tanto de consciência corpora como de ancestralidade. Ok. Então obrigado a todos e vamos para a vida.